

Universidade de Lisboa

Instituto de Educação



Caminho de Mudança: Da violência à negociação
O papel das competências de negociação na resolução de problemas de
violência.

Manuel dos Santos Ferreira

Trabalho de Projeto
Mestrado em Ciências da Educação
Especialização em Formação de Adultos

2012

Universidade de Lisboa

Instituto de Educação



Caminho de Mudança: Da violência à negociação

O papel das competências de negociação na resolução de problemas de violência.

Manuel dos Santos Ferreira

Trabalho de Projeto orientado pelo Professor Doutor Belmiro Gil Cabrito

Mestrado Em Ciências Da Educação

2012

Pensamento

A não-violência e a cobardia não têm nada a ver uma com a outra. Acredito que um homem armado dos pés à cabeça seja um covarde no seu coração. A posse de armas pressupõe um fator de medo, para não dizer de cobardia. Mas a verdadeira não-violência é impossível sem a posse de uma autêntica ausência de medo. (...) A não-violência nunca deveria ser utilizada como escudo da cobardia. É uma arma destinada aos valentes.

(...) A prova de fogo da não-violência está em não deixar para trás nenhum tipo de rancor durante um conflito não-violento e, no final, em fazer com que os inimigos se convertam em amigos.

Mohandas Gandhi, in 'The Words of Gandhi'

Agradecimentos

Estes seis anos de percurso como aluno das Ciências da Educação foram importantes porque proporcionaram-me saberes, conhecimentos e competências que me possibilitam ser um cidadão mais responsável e um profissional mais competente. Dar sentido àquilo que é importante é não permitir que este espólio de aprendizagens e saberes fique limitado à resolução de problemas, mas que facilite a construção de outros projetos de vida assentes no respeito pelo outro e na autonomia e capacitação pessoal. Não fiz um caminho solitário pelo que quero expressar o meu apreço aos familiares, amigos e professores que me acompanharam.

Quero agradecer à minha esposa a forma atenta e empenhada com que me acompanhou neste percurso ao nível pessoal e profissional, representando-me em muitas reuniões de trabalho e, acima de tudo, pelo suporte motivacional e encorajador que fez com que tudo isto pudesse acontecer.

Quero agradecer às minhas filhas a sua compreensão e colaboração indireta, as muitas horas de espera que sacrificaram para o regresso tardio a casa, o que possibilitou a conciliação possível do estudo com a minha realidade profissional.

Quero agradecer à Professora Doutora Natália Alves pelas sugestões e indicação de alguns autores importantes para a parte teórica deste projeto e por me facultar algum material, nomeadamente livros, muito útil para o desenvolvimento do trabalho.

Quero agradecer ao Professor Doutor Belmiro Cabrito primeiramente como professor e orientador deste trabalho de projeto de Mestrado. Agradeço-lhe pela prontidão e celeridade com que respondeu às minhas questões assim como pela forma clara e atenta com que orientou todos os aspetos deste projeto.

Quero agradecer a Deus que me ensinou a atribuir sentido àquilo que é importante.

Resumo

Este trabalho pretende contribuir para a diminuição dos comportamentos de violência juvenil nos bairros do Casal dos Machados e Quinta das Laranjeiras.

Pretende-se saber junto dos jovens e das instituições a trabalharem no terreno há vários anos quais as causas que estão na origem dos comportamentos de violência e que soluções serviriam o propósito da não-violência.

Para tal constituiu-se uma amostra de seis jovens residentes nos dois bairros e cinco instituições a operar nos mesmos, os quais foram entrevistados segundo os critérios da entrevista semi-diretiva tendo para o efeito sido elaborado um guião de orientação.

De acordo com os resultados do diagnóstico verificou-se essencialmente que as causas dos comportamentos de violência para os jovens entrevistados estão nos grupos (gangs) enquanto para as instituições, estas residem na desestruturação das famílias. Foram sugeridas pelos entrevistados soluções que passam pela intervenção ao nível dos jovens e ao nível das famílias.

Assim, este projeto propõe-se a trabalhar competências da comunicação e do diálogo, competências ao nível da negociação que permitam a diminuição dos comportamentos de violência, competências ao nível da cidadania, gestão doméstica, formação parental e promoção de valores familiares, com um grupo de 25 jovens e famílias residentes nos dois bairros.

Palavras-Chave: Violência Juvenil, Marginalidade, Mediação, Animação socio cultural, Formação de Adultos

Abstract

This project aims to reduce the youth violent behaviors in two neighborhoods of Lisbon: Casal dos Machados and Quinta das Laranjeiras.

It is intended to learn from young people and institutions working in the field for several years, what are the causes underlying the behavior of violence and which solutions would work for non-violence. In order to do that, it was constituted a sample of six residing young people and five institutions operating in these neighborhoods, which were interviewed according to the criteria of semi-directive, having prepared a guidance script.

According to the diagnostic results, for the young people interviewed, the causes of violent behavior are the groups (gangs). For the institutions, the causes lie in the disintegration of families. The solutions suggested by respondents include the intervention at the level of young people and families.

Thus, this project proposes to work the skills of communication and dialogue, the negotiation skills enabling the reduction of violent behavior, the skills in the area of citizenship, household management, parental training and promotion of family values, with a group of 25 young people and families living in these neighborhoods.

Keywords: Youth Violence, Marginality, Mediation, Socio-Cultural Animation, Adult Education

Índice

Agradecimentos	iii
Resumo	v
Abstract	vi
Índice	vii
Índice de Gráficos	ix
Índice de Quadros	x
Índice de Tabelas	xi
Lista de Abreviaturas	xii
Introdução	1
Capítulo I – Fundamentação Teórica	
1. Comportamentos de Violência Juvenil	3
2. Marginalidade: Opção ou constrangimento?	10
3. Mediação: Uma competência facilitadora da negociação	14
4. O Papel da Animação Cultural Resolução de Conflitos	16
5. Formação de Adultos: O papel da formação no desenvolvimento social do indivíduo	18
Capítulo II – Metodologia e Diagnóstico	
1. Objetivo e Campo de Estudo	21
2. Técnicas de Recolha de Dados: Entrevista semi-diretiva	21
3. Técnica de Análise de Dados: Análise de conteúdo	24
4. Metodologia do Trabalho de Projeto	25
5. Apresentação de Resultados do Diagnóstico	26
6. Discussão de Resultados do Diagnóstico	32

Capítulo III – Projeto de Intervenção: Da violência à negociação	57
1. Justificação da Necessidade de Intervenção	57
2. Finalidades e Objetivos	59
2.1. Objetivos Gerais	59
2.2. Objetivos Específicos	59
3. Instituição e Público-alvo	60
3.1 Caracterização da Instituição	60
3.2. O Público - Alvo	61
3.2.1. Inserção Habitacional	61
3.2.2. Heterogeneidade Cultural	62
3.2.3. Comportamentos Desviantes	65
3.2.4. Marginalidade: Situação face à escola/emprego	67
3.2.5. A Latência do Conflito	67
4. Proposta de Projeto	68
4.1. Plano de Atividades	68
4.2. Calendário de Atividades	77
4.3. Plano de Avaliação	79
4.3.1. Metodologia da Avaliação	79
4.3.2. Instrumentos de Avaliação	79
4.4. Recursos Humanos e Materiais e Orçamento	79
4.4.1. Recursos Humanos	79
4.4.2. Recursos Materiais	80
4.4.3. Orçamento	80
IV. Reflexão / Conclusão	84
V. Referências Bibliográficas	86
Anexos	95

Índice de Gráficos

Gráfico 1 – Tipo de relacionamento entre os moradores na perspetiva das do Jovens	26
Gráfico 2 – Tipo de relacionamento entre os moradores na perspetiva das instituições	27
Gráfico 3 – Tipo de violência mais comum na perspetiva dos jovens	27
Gráfico 4 – Tipo de violência mais comum na perspetiva das instituições	28
Gráfico 5 – Causa dos comportamentos violentos na perspetiva dos Jovens	28
Gráfico 6 – Causa dos comportamentos violentos na perspetiva das instituições	29
Gráfico 7 – Propostas de soluções para o comportamento violento de acordo com as instituições	30
Gráfico 8 – Propostas de soluções para o comportamento violento de acordo com as instituições	31

Índice de Quadros

Quadro 1 – Workshops Temáticos	69
Quadro 2 – Atividades Lúdico-Pedagógicas e de Desenvolvimento Pessoal	73
Quadro 3 – Formação Parental	74
Quadro 4- Calendário de atividades	77
Quadro 5 – Mapa Orçamental	81

Índice de Tabelas

Tabela 1. As causas dos comportamentos violentos de acordo com os entrevistados	34
Tabela 2. Soluções propostas pelos entrevistados	45

Lista de Abreviaturas

AML – Área Metropolitana de Lisboa

AVA – Associação Vida Abundante

FMI – Fundo Monetário Internacional

IDT – Instituto da Droga e da Toxicodependência

IPSS – Instituição Particular de Solidariedade Social

ITE – Inquéritos Tutelares Educativos

LTE – Lei Tutelar Educativa

MP – Ministério Público

PIMP – Programa de Intervenção a Médio Prazo

PIPP – Programa Integrado de Policiamento de Proximidade

PSP – Polícia de Segurança Pública

UNESCO – United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization

WCEFA – World Conference on Education for All

Fórmula de Identificação das Entrevistas

Q1P1E1I – Questão 1, Pergunta 1, Entrevista 1, Instituições

Q3P4E5J – Questão 3, Pergunta 4, Entrevista 5, Jovens

Introdução

Durante a Licenciatura em Ciências da Educação, o contacto com as diversas áreas deste domínio do conhecimento permitiu estabelecer pontes com a minha atividade profissional. Ainda que de todas tenha retirado valor, foi na Formação de Adultos que vi a maior relevância para as minhas apostas diárias: o desenvolvimento de competências em pessoas que ultrapassaram já os limites da infância. Este entendimento facilitou a minha escolha da área das Ciências da Educação em que queria prosseguir os meus estudos. Daí a opção pelo Mestrado em Formação de Adultos.

A ligação constante entre as aprendizagens que vou fazendo e as minhas práticas profissionais tornou claro para mim que a opção de projeto estaria mais consonante com a minha pessoa do que as outras hipóteses colocadas.

Assim, tendo em conta a definição de Guerra, I. C. (2002:126) de que “um projecto é a expressão de um desejo, de uma vontade, de uma intenção, ... a expressão de uma necessidade, de uma situação a que se pretende responder.”, creio ser esta a opção mais adequada para responder a necessidades que se fazem sentir em alguns bairros sociais, mais concretamente, Casal dos Machados e Quinta das Laranjeiras, onde se pretende intervir relativamente aos problemas da violência.

De acordo com os residentes destes bairros e técnicos de instituições que intervêm no local há vários anos, nomeadamente Biblioteca Municipal, Associação de Moradores, Espaço Crescer e Associação Raízes, um dos grandes problemas prende-se com a insegurança que, dia após dia, se vem a evidenciar pelo agravamento dos comportamentos de violência entre os jovens e que, de forma sistemática, marca o quotidiano do bairro.

O presente projeto pretende responder às questões da violência, através de uma intervenção formativa. Elegemos como população-alvo os jovens com idades compreendidas entre os 12 e os 24 anos de idade.

Este relatório inclui uma fundamentação teórica sobre a temática da violência juvenil em bairros sociais, delinquência e marginalidade; a apresentação do

diagnóstico que permitiu conhecer a realidade e identificar as prioridades de intervenção; a apresentação e descrição do projeto de intervenção a propor à Instituição de acolhimento a operar no local, a Associação Vida Abundante, que compreende a definição de objetivos, planeamento de atividades e metodologia de avaliação.

Capítulo I – Enquadramento teórico

Com o intuito de percebermos a dimensão das questões relacionadas com estes comportamentos, recorreremos a estudos teóricos que nos permitem trazer coerência e credibilidade quanto à orientação do projeto a implementar.

1. Comportamentos de Violência Juvenil

Antes de abordarmos as questões que dizem respeito às práticas da violência entre os jovens, é importante compreender conceitos tais como “jovens” e “juvenil” tendo em conta a faixa etária que escolhemos como público-alvo deste projeto.

De acordo com Trilla, J. (1997 e 1998: 219) “...o jovem é um cidadão cujo itinerário pode ser modificado, estimulado, alterado ou dificultado pelas condições em que se desenvolve.” Nesta perspetiva o autor defende que o dia-a-dia do jovem pode e deve ser planeado com ações que possibilitem a realização de um determinado projeto de pessoa, com relevância especial para os anos da adolescência, aqueles em que a construção da identidade e da socialização apresentam maiores dificuldades. Sendo um grupo etário “... inscrito numa mesma fase de vida.” Alves, N. (2007: 15) e fundamentalmente caracterizado por uma condição de transição, não se pode à escala universal estabelecer idades de princípio e fim, ainda que geralmente se considere a faixa que se situa entre os 13 e os 25 anos de idade.

Neste sentido Matos M. et al., (2009: 69) sublinham que “...a idade dos sujeitos é uma das principais variáveis que influencia o risco de ser vítima de violência interpessoal” e que “os jovens representam a faixa etária da população mais vulnerável em termos de exposição à violência” (Matos M. et al., 2009: 68). De acordo com Agra et al., (2000), citado por Matos M. et al., (2009) os estudos confirmam esta realidade uma vez que cerca de 565 jovens entre os 10 e os 29 anos de idade morrem diariamente, em todo o mundo, como resultado de violência interpessoal.

Relativamente às causalidades da violência, alguns autores como González-Perez e Del Pozo, (2007) referem a inadequada satisfação das necessidades básicas na infância e estabelecem uma relação com a necessidade de autonomia na adolescência, considerando a participação ativa como eixo de educação para a paz. A esse respeito é

importante aludir à noção de Juventude que Alves, N. (2007: 15) nos refere “... como sendo um processo de construção social, onde se jogam influências de natureza económica, política e social...”.

Autores como (Salmon&West,2000; Barnow, Luch&Freyberger, 2001; Griffins e col.1999), citados por Matos M. et al., (2009: 71) referem a monitorização parental, a delinquência dos amigos, os riscos na vizinhança e a perceção que se tem destas coisas como fatores que interferem com a agressividade e as competências de controlo da raiva. Nesta sequência o autor cita ainda um estudo desenvolvido por Sege et al. (1999) em que foram identificados fatores associados a comportamentos violentos nos jovens, tais como: pertencer ao sexo masculino, consumo de tabaco, álcool e drogas, relacionamento deficitário com os pais, absentismo e insucesso escolar.

João Amado e Isabel Freire, num estudo a respeito da prevenção da violência nas escolas em Portugal referem outros tipos de violência, entre as quais a perpetrada por grupos organizados ou *gangs* e veiculam: “nestes casos, as causas parece estarem, normalmente, associadas a problemas económicos, sociais e étnicos, como, famílias disfuncionais e desestruturadas, pobreza, racismo ou outros tipos de discriminação sistemática, e modelos sociais violentos propagados pelos média.”¹ Neste sentido, de acordo com Alves, N. (2007: 60) as dificuldades de acesso a um emprego são cada vez maiores para os “...jovens das classes populares, com trajetórias escolares de insucesso e em risco de abandono.”² Para estes, segundo Alves, N. (2007: 61) veicula-se “... uma concepção estritamente individual da empregabilidade, assente numa lógica que se organiza em torno da ideia de défice de aptidões.”³

Trilla, J. (1997/1998) identifica uma série de características juvenis que se relacionam com a forma como os indivíduos lidam com aquilo que os afeta, entre as quais uma aceitação das mudanças culturais e sociais o que, por sua vez, requer das

¹João Amado & Isabel Freire (2005) *School Bullying and Violence. Definições, incidência e causas da violência em Portugal*. [Documento Eletrónico]. Consultado em [Janeiro 2012] em <http://www.bullying-in-school.info/pt/content/contexto/violencia-na-escola/portugal-texto-integral.html>

² Alves, N. (2007) *E se a Melhoria da Empregabilidade dos Jovens Escondesse novas formas de Desigualdade Social?* Sísifo. Revista de Ciências da Educação, Nº 2, p. 60-62. Consultado em [Julho, 2012] em <http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/5521/1/sisifo0205.pdf>

³Idem

políticas juvenis ajustamentos constantes com certa previsibilidade. A este propósito podemos apontar como exemplo os novos desafios das políticas do mercado de trabalho os quais, segundo Alves, N. (2007: 62) assumem agora “...uma nova centralidade face à necessidade de gerir um desemprego estrutural de massas e à incapacidade e impossibilidade dos governos nacionais para criar emprego.”⁴ Dada a complexidade dos grupos na sua constituição, as políticas juvenis deverão ser pensadas em termos de um conjunto de grupos que, apesar de terem em comum a idade e uma situação de transição para a vida adulta, são muito diferentes entre si.

Pierre Karli, no seu livro intitulado *As Raízes da Violência* (2008: 13), considera que a violência é “uma espécie de energia específica («negativa»), de força motora endógena, que não pode senão exteriorizar-se sob a forma de diversas manifestações observáveis que são, precisamente, os «fenómenos de violência ou de agressividade».” Uma vez observados atos de violência podemos inferir de uma realidade causal mas que, segundo este autor, não tem que conduzir necessariamente ao mal, pelo contrário, a pessoa ajudada a gerir, controlar e canalizar essa energia negativa, pode transforma-la em energia positiva, para fazer o bem.

Um estudo realizado pela Equipa de Investigação do Centro de Estudos Geográficos da Área Metropolitana de Lisboa⁵ refere que os focos de conflito localizados nessa zona estão essencialmente associados ao agravamento de situações de exclusão, sobretudo por parte de jovens residentes em espaços sociais e urbanisticamente degradados, onde se verificam condições favoráveis para a reprodução do ciclo de privação. Ainda que se registre uma sobrerrepresentação das minorias étnicas nestes espaços, os bairros problemáticos de Lisboa assumem, sobretudo, o carácter de “guetos de exclusão” e não de “guetos étnicos”. De exclusão porque os seus habitantes se encontram frequentemente fora do percurso normal das pessoas da sua idade, seja académico, seja profissional e logo, nas franjas da sociedade. Este estudo

⁴ Alves, N. (2007) *E se a Melhoria da Empregabilidade dos Jovens Escondesse novas formas de Desigualdade Social?* Sísifo. Revista de Ciências da Educação, Nº 2, p. 60-62. Consultado em [Julho, 2012] em <http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/5521/1/sisifo0205.pdf>

⁵ Equipa Investigação Centro Estudos Geográficos. *Espaços e Expressões de Conflito entre Nacionais e Minorias migrantes e não migrantes na AML*. [Documento Eletrónico]. P. 6. Consultado em [Janeiro 2012] em <http://www.oi.acidi.gov.pt/docs/Estudos%20OI/SumE/conflictualidade%20AML.pdf>

que identifica os espaços “opacos” (zonas de maior pobreza) na AML, aponta a pobreza como um fator gerador de comportamentos de violência. Segundo Martin Segalen (1996: 3)⁶, “a delinquência coletiva ou individual está muito ligada à classe social”.

Esta ideia é confirmada por outros estudos. Matos et al. (2005, 2009) referem que os adolescentes e jovens pertencentes a um estatuto socioeconómico mais baixo são mais afetados pelo consumo de álcool, têm menores oportunidades de estudo e trabalho e maior envolvimento em comportamentos de violência. Segundo outros autores, é frequente nestes espaços urbanos a formação de *gangs* como fruto de uma sociedade que não proporciona respostas adequadas às necessidades efetivas dos jovens que, assim condicionados, enveredam por caminhos menos saudáveis.

Neste sentido Dubet (1992: 88) referindo-se aos emigrantes diz-nos que “Ils s’installent dans les grandes villes, maintiennent dês contacts fréquents avec le village et vivent très souvent dans de petits groupes réunis par dês affinités ou des appartenances communes.”

Por sua vez Le Blanc (1991b) cit. in Born (2005: 185) num estudo realizado em Montreal aponta a imigração e a pobreza como fatores responsáveis pela formação do bando e também Morris, (1958) e Downes (1966) cit. in Born (2005: 186) referem os bairros mais desfavorecidos de Inglaterra onde a delinquência juvenil de grupo é preocupante e em que prevalecem os valores culturais e os modos de vida da classe operária, também ligados ao bando.

Em França, de acordo com Stébé, (2002) cit. in Born (2005:186), a cultura da rua nos bairros dos arredores também potencia a formação de bandos caracterizados pela utilização da música *rap*, linguagem obscena, graffiti que exibem um determinado estilo e manifestações violentas.

Muitos destes jovens não frequentam a escola, porque a abandonaram definitivamente, de livre vontade, ou porque foram expulsos, como consequência dos

⁶ Almeida, J.(2005) *Delinquência Juvenil*. [Documento Eletrónico]. P. 3. Consultado em [Julho 2009] em <http://www4.fe.uc.pt/fontes/trabalhos/2004006.pdf>

seus comportamentos, e passam os dias na rua. Esta situação contribui para a crescente marginalização (Valentim, 1998:7)⁷.

Na adolescência o grupo assume uma grande importância (Ferreira, 1997: 921, 923)⁸ pela partilha dos valores, modelos de comportamento e aspirações e pode constituir-se um potencial meio de propagação de comportamentos desviantes, como a delinquência e a violência.

De acordo com Born (2005: 183) é no subgrupo cultural no qual vive, que o indivíduo se socializa, integra valores e hábitos com suas condutas e normas diferentes daquelas que são socialmente aceites. Segundo a teoria das associações diferenciais o indivíduo procura ligar-se a pessoas que se diferenciam das outras mas que partilham dos mesmos valores. Neste sentido este autor refere estudos que confirmam uma forte correlação entre a delinquência do indivíduo e a do grupo. Na sua perspectiva, é pelo tipo de aprendizagem dos valores e das normas vinculadas ao grupo que se pode explicar a taxa de delinquência em certas áreas geográficas, ainda que outros autores, como Shaw e Mckay (1969) cit. In Born (2005: 182) refiram antes a desorganização social com que determinados bairros são caracterizados. Como consequências disso desenvolvem-se subculturas, à margem social, o que potencia a criação de uma suborganização social na qual a delinquência é tida como um comportamento normal.

Assim, de acordo com Dias as relações grupais flutuam entre o equilíbrio e o desequilíbrio quer no que toca aos processos cognitivos, quer aos afetivos e emocionais. Nesta linha de pensamento, o mesmo autor afirma que “É próprio dos grupos a competição, a imposição de poder, os conflitos, a ordem e a desordem.” Dias (2004: 199). Assim, quando o comportamento desviante rompe com o padrão normativo e põe em causa a identidade e coesão das comunidades e das sociedades o sistema social faz acionar o sistema de sanções que vai punir a infração e evitar futuros desvios (Dias 2004: 82).

⁷ Almeida, J.(2005) *Delinquência Juvenil*. [Documento Eletrónico]. P. 3. Consultado em [Julho 2009] em <http://www4.fe.uc.pt/fontes/trabalhos/2004006.pdf>

⁸ Ferreira, P. M. (1997). *Delinquência Juvenil, família e escola. Análise Social*, vol. XXXII (143), 1997 (4.º-5.º). [documento Eletrónico]. Pp. 913-924 Consultado em [Novembro, 2011] em <http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1218793968M7uDQ9ah6Bb71JL6.pdf>

Enquanto subcultura Born (2005: 184) faz referência a três tipos de grupos: os **bandos conflituais**, caracterizados por uma certa maneira de vestir e para os quais a delinquência reforça o respeito e o poder do grupo (exemplos destes grupos segundo o autor são os *skinheads*, os *rockers* e os *punks*); os **bandos criminosos**, que controlam um campo de ação extenso no qual levam a cabo atividades como o furto, comércio e tráfico de objetos e de drogas, estabelecem ligações com bandos de adolescentes e têm como sua principal arma de defesa a violência, não apenas para se defenderem a si próprios como também aos seus bens, sendo a delinquência a razão de ser do próprio grupo; os **bandos marginais**, que privilegiam essencialmente o consumo comum de drogas o qual justifica que as suas atividades estejam centradas no comércio das mesmas e, neste sentido, têm uma prática delinquente não sistemática que apenas visa novo aprovisionamento, caracterizam-se por uma cultura *hippie* dos anos 1970, são provenientes de meios económicos abastados e escolhem para a sua ociosidade os centros urbanos.

Tendo em conta os discursos dos próprios jovens promotores da violência e das autoridades de segurança, verifica-se a emergência de uma cultura de violência como forma de separação e diferenciação, associada aos atos de delinquência e agressão protagonizados por jovens, cada vez mais novos, que colocam a ênfase na agressividade e no desafio face ao “outro”.

A noção de violência aproxima-se da de incivilidade, isto é, de uma ruptura ou desajustamento com os mecanismos e códigos básicos da comunicação no seio de um grupo, frequentemente ligada à agressividade e visando essencialmente testar os limites do outro (Lebbailly, 2004: 180)⁹.

Assim, os jovens residentes nesses bairros sociais, atores privilegiados de uma nova delinquência de exclusão, são também vítimas de agressões e desenvolvem um sentimento de insegurança em relação ao bairro em que residem e ao resto da cidade.

⁹ Silva I.P. (2006). *Da Experiência Urbana à Construção Identitária dos Lugares*. Finisterra, XLI, 81. pp. 171-188. [Documento Eletrónico]. Consultado em [Janeiro 2012] em <http://br.monografias.com/trabalhos908/da-experiencia-urbana/da-experiencia-urbana.pdf>

Estudos desenvolvidos na periferia de Lisboa, mais concretamente nos bairros Horta Nova, Armador e Casal dos Machados, confirmam o que vem sendo exposto: “Os comportamentos de risco são em crescendo e é claramente referenciada a sua evolução: de incivildades várias, ao roubo para o consumo, à agressão cada vez mais violenta e à organização em grupo.” (Moura et al., 2003)

De acordo com a teoria das associações diferenciais, Sutherland (1940) cit. In Born (2005: 182) afirma:

Os delinquentes juntam-se porque partilham certas normas de conduta que são reforçadas pelos outros. Indivíduos imersos na mesma cultura e num mesmo processo de socialização vão portanto ter tendência para enriquecer o seu reportório comportamental no sentido dos valores veiculados no grupo.

Como refere Ogien, A. (1999: 86) “Cette théorie se resume en neuf proposition formelles, qui découlent d’un principe premier: le comportement criminel est appris...”

Tendo em conta a ligação que Cloward e Ohlin (1960) cit in Born (2005: 183) fazem entre a teoria das associações e a teoria da anomia, a desigualdade de oportunidades numa determinada população pode conduzir a uma certa frustração e conseqüentemente levar as pessoas mais desfavorecidas a recorrerem a meios pouco lícitos para resolverem os seus problemas.

Neste sentido Cazeneuve (1982) cit. In Dias (2004: 84-85) define anomia como: “a ausência de normas, que tanto se aplica à sociedade como às pessoas: significa um estado de desorganização social ou pessoal ocasionado pela ausência ou aparente ausência de normas.” Segundo este autor uma inadequada integração das regras e normas sociais, dá lugar à anomia que o autor apelida de *doença da desmedida* que “manifesta-se na autodestruição, no desvio, na marginalidade, na invenção da contra sociedade, etc.” Dias (2004: 85) cita ainda o sociólogo Robert King Merton segundo o qual “...A anomia resultará, então, do conflito entre os fins propostos pela sociedade ao indivíduo e os meios que ela lhe propõe para os alcançar.” O resultado é o aparecimento de uma subcultura de acordo com a ideia proposta de Kalogeropoulos (1989: 265) cit. In Born (2005: 183) “cria portanto uma subcultura e as pessoas

desfavorecidas vão ter tendência a aproximar-se de pessoas que vivem o mesmo problema, nas mesmas condições de vida.”

As desigualdades de acordo com Cloward e Ohlin citados por Born (2005: 183) favorecem o desenvolvimento de subculturas delinquentes que por sua vez, segundo Lakatos citado por Dias (2004: 83), refletem a desorganização social de que este autor nos fala e na qual podemos entender a desestruturação familiar assim como os comportamentos antissociais geracionais.

Assim de acordo com esta teoria, o comportamento torna-se uma aprendizagem que “...começa pela transmissão e imitação de técnicas e de atitudes criminais [...] num processo de comunicação com outras pessoas [...] Killias (1991) cit. In Born (2005: 183).

2. Marginalidade: opção ou constrangimento

À margem do que é socialmente aceite como comportamento saudável e integrativo. Enquanto fenómeno social, a marginalidade social decorre sobretudo da impossibilidade da função de socialização resultante da interação individual e coletiva nos grandes aglomerados. Mas no âmbito do nosso trabalho importa refletir:

O que determina o comportamento marginal? A herança genética? A não integração social? A fome? Uma conjugação destes e/ou de outros fatores?

A génese desse fenómeno pode ser encontrada nas características socioeconómicas, na situação ecológica ou mesmo nas particularidades subjetivas que definem a condição humana desses segmentos populacionais (Matos, et al., 2009: 45, 46).

Na perspetiva conceptual proposta por Stonequist (1937: 12)¹⁰ “o homem marginal é aquele que através da migração, educação, casamento, ou alguma outra influência, abandona um grupo social ou cultura sem realizar um ajustamento satisfatório em outro, e encontra-se na margem de ambos, sem pertencer a nenhum...” Na mesma linha de pensamento Matos, *et al.* (2009: 84) referem as estratégias de aculturação,

¹⁰ Carrera, G. O.; Lechner, F.; Palmeira, M. J. *Aproximações Preliminares Entre as Teorias Sociais Clássicas Sobre a Marginalidade e a Situação de Crianças e Adolescentes Explorados sexualmente*. [Documento Eletrónico]. P. 3. Consultado em [Janeiro 2012] em <http://www.cedeca.org.br/conteudo/noticia/arquivo/3870FAE9-92B6-5B3A-54A730DDA03F9558.pdf>

“se a estratégia for a marginalização, o sujeito perde a identidade cultural de origem e não participa na sociedade de acolhimento”, enquanto de acordo com Quivy, R. et al., (2008:117), “o actor social define-se pela natureza da relação em que está envolvido. Este actor pode ser individual ou colectivo.”.

Família, escola, e demais instituições sociais tendem a dar valor às características já legitimadas por uma determinada sociedade e à identificação com ela. A família é a instituição social encarregue da transmissão intergeracional do capital cultural, tarefa na qual é auxiliada pela escola uma vez que a comunicação pedagógica apenas consegue produzir a função da competência cultural que o recetor deve à sua educação familiar. Bourdieu e Passeron, (1975: 3).¹¹ Neste sentido Dias (2003: 50) refere um estudo realizado por Smith em Inglaterra (1978) no qual “... cerca de metade dos casos, observou-se nos pais das classes operárias a expressão de sentimentos negativos para com os adolescentes.”

De acordo com Agra (2008:76) Os comportamentos desviantes persistentes relacionam-se com a desescolarização, a desestruturação familiar e ainda com a instabilidade laboral.

A análise desse processo socializador/identificador com a cultura, objeto de inúmeros estudos sociológicos no mundo contemporâneo, (Thornberry, 1987; Farrington, 1990 in Fonseca, A.C. (Ed), 2004) não pode prescindir da contribuição que vem sendo oferecida pela Psicologia para a compreensão da identificação individual, um dos processos centrais da formação do EU particular que irá, uma vez formado, interagir no coletivo. Para Viorst (1985: 3)¹², a identificação é, talvez, “o facto de as maçãs não caírem muito longe da árvore.” A maior parte das identificações ocorrem fora do consciente, e limitam e modelam a vida de cada indivíduo e podem ocorrer com aqueles que amamos, invejamos ou admiramos, mas também com aqueles que nos provocam zanga ou medo. A este propósito Chauí afirma:

¹¹ Carrera, G. O.; Lechner, F.; Palmeira, M. J. *Aproximações Preliminares Entre as Teorias Sociais Clássicas Sobre a Marginalidade e a Situação de Crianças e Adolescentes Explorados sexualmente*. [Documento Eletrónico]. P. 3. Consultado em [Janeiro 2012] em

<http://www.cedeca.org.br/conteudo/noticia/arquivo/3870FAE9-92B6-5B3A-54A730DDA03F9558.pdf>

¹² Idem.

O medo não aponta apenas para o seu contrário – a coragem - nem apenas exige inimigos externos, mas vem configurar, ao lado dos grandes e poderosos, um novo desejo – o de segurança, suscitando pavor de tudo o que pareça capaz de a destruir internamente. (Chauí, 1987: 8)¹³

Como refere Caliman (2006: 387)¹⁴, certos comportamentos manifestam-se muito mais porque são reforçados por circunstâncias ambientais adversas provenientes de contextos intrafamiliares, extrafamiliares e intraescolares. A cronicidade dos atos delinquentes, por exemplo, sofre condicionamentos no ambiente de vida, seja pelas necessidades frustradas (como a falta de estrutura e clima familiar) seja pelas ofertas de oportunidades para cometer delitos no bairro ou comunidade (às vezes dentro de estruturas da criminalidade organizada, etc.). Os resultados do diagnóstico realizado no âmbito deste projeto comprovam isto mesmo.

Raymond Quivy, ao tentar compreender a forma como são estruturadas as relações sociais nas quais os jovens delinquentes se constituem atores sociais, assinala duas hipóteses:

1º Os jovens delinquentes são atores sociais cujas relações sociais estão fortemente decompostas. A violência e a rejeição das normas da sociedade são a sua resposta à exclusão social de que são objeto;

2º A delinquência encerra um processo de adaptação a esta decomposição; constitui uma tentativa “fora das normas”, ou desviante, de se reestruturar como ator social. (Quivy, R. *et al.*, 2008: 116, 117)

Na perspetiva de Lakatos (1978: 318-319) cit. In Dias (2004: 83) os problemas sociais ao fazerem parte do processo de mudança estão por sua vez relacionados com o grau de desorganização social de que a desorganização pessoal é um reflexo. Segundo esta autora a delinquência juvenil, a criminalidade e o abandono do lar, entre

¹³Carrera, G. O.; Lechner, F.; Palmeira, M. J. *Aproximações Preliminares Entre as Teorias Sociais Clássicas Sobre a Marginalidade e a Situação de Crianças e Adolescentes Explorados sexualmente*. [Documento Eletrónico]. P. 3. Consultado em [Janeiro 2012] em

<http://www.cedeca.org.br/conteudo/noticia/arquivo/3870FAE9-92B6-5B3A-54A730DDA03F9558.pdf>

¹⁴Caliman, G. (2006). *Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação. Estudantes em situação de risco e prevenção*. Vol.14, n.52, pp. 383-396. [Documento Eletrónico]. Consultado em [Janeiro 2012] em <http://socialeducation.files.wordpress.com/2010/11/caliman-estudantes-risco1.pdf>

outros, são sintomas dessa mesma desorganização social que Elliott e Merrill cit. in Dias (2004: 84) referem e estruturam em três níveis:

- a) desorganização do indivíduo: delinquência juvenil, diversos tipos de crime, prostituição, alcoolismo, insanidade, suicídio, etc;
- b) desorganização da família: abandono do lar, divórcio, ilegitimidade, etc;
- c) desorganização da comunidade: pobreza, analfabetismo, desemprego, corrupção política, preconceitos contra minorias étnicas, vício, crime etc.

Desta forma, as condições de marginalidade e exclusão social reforçam a desadaptação dos indivíduos e os comportamentos delinquentes tornam-se uma expressão de mal-estar e uma busca de preenchimento de necessidades, indispensáveis ao crescimento pessoal.

Quando o ambiente sociocultural em que se desenvolve o adolescente assume contornos de marginalidade, nomeadamente pelas contribuições dos pais, da fratria e dos pares, a adoção de comportamentos delinquentes torna-se uma resposta natural da aprendizagem adquirida.

Dadas as novas construções familiares, os laços fraternos são os que mais perduram e assumem uma maior influência na vida dos adolescentes. Cisin e col. (citados por Angel 2002:198) em investigações conduzidas a partir de 1977 demonstraram que o consumo de droga pelo adolescente era maior nos casos em que um irmão mais velho já consumira drogas.

A par com a influência dos irmãos mais velhos encontramos a dos pares, uma vez que adolescência é marcada pelo conflito com os pais. Segundo Angel (2002) os pares são considerados o determinante imediato mais “eficaz” de entre os que estão implicados na utilização de “droga” por parte do adolescente, suplantando a influência dos irmãos mais velhos e dos pais.

Assim, a ação preventiva da toxicod dependência e delinquência tem de contemplar um esforço de educação social que se estenda ao grupo e “agarre” o indivíduo. O projeto a implementar nestes bairros pretende ser isto mesmo: um esforço de educação social. Acreditamos ser nosso dever, enquanto agentes sociais, providenciar

outro ambiente, outras possibilidades de resposta para que estes jovens descubram a vida e não fiquem limitados à sobrevivência.

3. Mediação: Uma competência social facilitadora da negociação

A insegurança e mal-estar que se fazem sentir pelos atos de violência observados no dia-a-dia do bairro são factos constatados por diferentes observadores quer de dentro quer de fora destas comunidades¹⁵. Assim, justifica-se a necessidade de promover competências de mediação, que promovam a comunicação que dá sentido à vida¹⁶, a negociação e o diálogo no sentido de inverter os comportamentos de pelo menos alguns atores da violência.

Desta forma, o processo da mediação pretende assumir o perfil de um verdadeiro ritual, de tal maneira em que a expressão do conflito se mantém dentro de formas rigorosamente determinadas. Através de um conjunto de regras bem definido, tais como a confidencialidade e a neutralidade, organizam-se encontros entre as partes para a procura de uma solução (Costa e Silva; Moreira (2009: 22)

Como técnica ao serviço de uma estratégia de integração e coesão social, a mediação deverá ser entendida como a atividade informal em que um terceiro procura que os pontos de vista dos oponentes se cruzem, facilitando-lhes o processo de comunicação, possibilitando a identificação do que lhes é comum, e o estabelecimento de um acordo, se possível, sempre com o objetivo de promover a paz.

Assim sendo, a mediação tem como objetivo as virtualidades da comunicação e da negociação para a gestão de conflitos e sua resolução. Para que este objetivo seja possível são necessárias certas condições facilitadas pelo mediador, conforme Santos Silva refere:

¹⁵ Moura, D. et al. (2005) *Construção de identidades, imagens e expectativas de jovens em contexto de realojamento. Actas dos ateliers do V Congresso Português de Sociologia: Sociedades contemporâneas: Reflexividade e Acção*. Atelier: Cidades, Campos e Territórios. [Documento Eletrónico]. Consultado em [Outubro 2010]. em www.aps.pt/cms/docs_prv/docs/DPR460f8d95b98d3_1.pdf

¹⁶ Horta, M. (2010) *Nas margens do ribeiro – Laredo, Expressões dos pescadores do Barlavento Algarvio para definir a zona entre marés*. Quarta-feira, 13 de Outubro de 2010. [Documento Eletrónico]. Consultado em [Fevereiro 2012] em <http://miguelhorta.blogspot.com/search/label/Media%C3%A7%C3%A3o%20do%20livro%20e%20da%20leitura?updated-max=2010-10-15T10%3A07%3A00%2B01%3A00&max-results=20>

As qualidades fundamentais do mediador, não-de ser, portanto, a equidistância funcional, isto é, o não envolvimento afetivo com as partes e a independência face a elas, a neutralidade, a capacidade de agir como facilitador, sem qualquer poder adicional sobre as partes, mas em condições de estimular o diálogo e o entendimento. Santos Silva *cit in* Oliveira, Ana et al. (2005: 32)¹⁷

Por outro lado, de acordo com a Lei nº 105/2001 de 31 de Agosto¹⁸, as competências do mediador sociocultural além de muitas outras, consistem na promoção do diálogo intercultural, estimular o respeito, o melhor conhecimento da diversidade cultural, inclusão social e ainda colaborar na prevenção e resolução de conflitos socioculturais, assim como colaborar ativamente com todos intervenientes dos processos de intervenção social e educativa.

Tendo em conta os paradigmas que servem de base à mediação praticada nos Estados Unidos da América, Jan Marie Fritz (2004) *cit in* Oliveira *et al.* (2005: 30)¹⁹, o mediador, numa perspetiva humanista pós-moderna, deverá entender que não existe uma realidade objetiva, mas sim realidades múltiplas. Como referem Oliveira *et al.* (2005: 7)²⁰, “a sociedade da diversidade e da multiculturalidade é, em larga medida, a sociedade do conflito.” Como estratégia que promove o diálogo intercultural, a mediação sociocultural não se limita a origens étnicas e culturais, mas sim a todas as áreas da coesão social como uma estratégia de intervenção no âmbito da integração social e interculturalidade (Costa e Silva; Moreira 2009:97). Tendo em conta o pluralismo cultural que compõe as sociedades atuais, viver em democracia é uma aprendizagem associativa, através do diálogo e do consenso, que deve contribuir para uma melhoria da qualidade de vida dos indivíduos (Trilla J. 1997 e 1998: 294) ou como

¹⁷ Oliveira, A. et al (2005) *Mediação Sócio-Cultural: Um Puzzle em Construção*. [Documento Eletrónico]. P. 32. Consultado em [Maio 2012] em <http://www.oi.acidi.gov.pt/docs/Estudos%20OI/Estudo%2014.pdf>

¹⁸ Lei nº 105/2001 de 31 de Agosto. *Diário da República nº 202 - I Série A. Assembleia da República. Lisboa*. [Documento Eletrónico]. Consultado em [Janeiro 2010] em <http://dre.pt/pdfgratis/2001/08/202A00.PDF>

¹⁹ Oliveira, A. et al (2005) *Mediação Sócio-Cultural: Um Puzzle em Construção*. [Documento Eletrónico]. P. 32. Consultado em [Maio 2012] em <http://www.oi.acidi.gov.pt/docs/Estudos%20OI/Estudo%2014.pdf>

²⁰ Idem.

refere Touraine, (1994, p.259) cit in Trilla, J. (1997 e 1998: 294) “a democracia é o meio político de salvaguardar a diversidade, de fazer juntos indivíduos e grupos cada vez mais diferentes uns dos outros numa sociedade que deve funcionar também como uma unidade.”

Neste sentido, de acordo com Mourineau (1997: 2) cit in Oliveira, Ana *et al.* (2005: 23)²¹ “ it brings people back to the present, whereas all conflicts are simply the perpetuation of the past. It enables us to accept our destiny, this continuous transformation which is symbolic of life and which allows us to choose not to remain entrenched in a situation of suffering. It enables us to find a purpose for the future, as each of us becomes responsible for our own destiny” .

A mediação como prática informal valoriza o conflito, implica a reapropriação do mesmo por parte dos implicados e reativa a comunicação pelo que se distingue da manipulação ou simples gestão de relações conflituosas (Costa e Silva; Moreira 2009: 96), mobiliza um projeto de restauração de laços sociais, valorizando a convivência, tolerância e solidariedade entre diferentes pessoas e diferentes culturas.

4. O papel da animação sociocultural na resolução de conflitos

O conceito de *animação* está relacionado com os sentidos de vida, movimento alegria. Sentido de ânimo, sopro, sopro vital: tanto no sentido de dar vida humana como no sentido de transformar (Lopes, M. 2008: 30)

Significa atribuir de novo um sentido, adquirir novo vigor, uma vida nova. É participativa porque pretende promover a inclusão, atribuir autonomia aos indivíduos, incentivar a interação e as aprendizagens em grupo, promovendo a transformação do seu contexto enquanto os próprios indivíduos se transformam. Tal como a define Trilla:

O conjunto de acções realizadas por indivíduos, grupos o instituições sobre uma comunidade ou sector da mesma num dado território concreto, com a finalidade principal de favorecer a

²¹Oliveira, A. et al (2005) *Mediação Sócio-Cultural: Um Puzzle em Construção*. [Documento Eletrónico]. P. 32. Consultado em [Maio 2012] em <http://www.oi.acidi.gov.pt/docs/Estudos%20OI/Estudo%2014.pdf>

participação activa dos seus membros no processo do seu desenvolvimento pessoal e cultural. (Trilla, J. 1993: 89).

Assim, a animação sociocultural relaciona-se com a educação a vários níveis. Interessa-nos, no âmbito deste projeto incidir sobre a relação com a educação não formal e informal, que de acordo com Lopes (2008: 395) é entendida como um conjunto de práticas que se realizam fora do espaço escolar e está associada à ideia de uma educação permanente. Na perspetiva de Canário, (1999: 79-80) quando o processo educativo é encarado como um *continuum* todas as situações no âmbito da educação informal são potencialmente educativas.

Assim sendo, educar é ter em atenção a diversidade, os ritmos pessoais e as ligações comunitárias, pelo que não pode ser uma responsabilidade limitada ao contexto escolar formal. Reiteramos as palavras de Lopes (2008: 398) quando afirma que educar deveria ser sinónimo de libertar potencialidades no ser humano, constituir um meio para comunicar, promover a expressividade, a criatividade e a confiança. A animação sociocultural desenvolve uma metodologia que favorece a aprendizagem pela descoberta e pela prática.

A Animação Juvenil deve promover a liberdade, o associativismo, a participação e o voluntariado. Constitui assim uma alternativa de animação para os tempos de ócio. Segundo Trilla, J. (1997 e 1998) o ócio grupal deve ser compreendido dentro daquilo que ele designa de “Os *“espaços vitais”*, seriam âmbitos, atividades, os “tempos” que constituem o dia-a-dia de um jovem, que lhe permitem uma existência saudável, uma socialização não conflituosa e uma acumulação de vivências, experiências e conhecimentos determinantes do seu conhecimento como adulto.” (Trilla, J. 1997 e 1998: 221-222).

Neste sentido, as intervenções possíveis com este conjunto da população que designamos de jovens devem preconizar a valorização pessoal e social, promover a prática de valores democráticos, a integração cultural e a solidariedade.

As atividades promovidas pelo animador cultural devem facilitar a comunicação e as inter-relações do grupo, favorecer a definição e clarificação dos objetivos do mesmo, e oferecer recursos para a sua persecução, sem nunca, no entanto, os impor,

no pressuposto de que são capazes de encontrar o seu caminho. (Larrazabal; Martinel, in Trilla, 1997-19998).

A animação sociocultural objetiva o desenvolvimento da comunidade e dinamiza mecanismos de mobilização para ação de pessoas e grupos e, neste sentido, é uma animação comunitária, tal como refere Costa (2007: 42).

É dentro deste quadro que Canário, (1999:78) define o animador como um intermediário entre os grupos humanos, possibilitando a comunicação, nas suas interações, otimizando os recursos endógenos e promovendo a participação e a autonomia quer individual quer coletiva.

O tempo livre é o “espaço” rentabilizado para o desenvolvimento das atividades de animação cultural e desenvolvimento de competências dos jovens. De acordo com Lopes (2008: 441), este tempo revela aspetos positivos, a que chamou de três D's – Diversão, Descanso e Desenvolvimento.

5. Formação de Adultos: O papel da formação no desempenho social do indivíduo.

De acordo com Finger, M.; Asún, M. J. (2003: 17) A educação de adultos nasce no contexto dos anos 70 tanto ao nível filosófico como ao nível epistemológico e teórico. Segundo Canário, R. e Cabrito, B. (2005: 31) por esta altura “...um quarto da população portuguesa era analfabeta, as taxas de escolarização entre as crianças e jovens revelavam-se extremamente baixas e, não obstante os incrementos ocorridos a partir da década anterior, a população universitária era diminuta.” Defende este autor que a independência das primeiras colónias na década de 1960 veio a alargar o número de membro da UNESCO e conseqüentemente a influência política destes países em desenvolvimento, o que veio a permitir que esta instituição das Nações Unidas pudesse clarificar a sua perspetiva.

A educação a ciência e a cultura deveriam agora ser claramente postas ao serviço (político) do desenvolvimento dos países (em desenvolvimento) e dos povos. À UNESCO caberia a responsabilidade de guiar, impulsionar e prestar apoio a todas as atividades com vista ao

desenvolvimento e que eram financiadas pelos governos assim como por outras organizações tais como o Banco Mundial e o Fundo Monetário Internacional (FMI). Canário, R. e Cabrito, B. (2005: 31)

Considerando o desempenho desta organização para a projeção da educação de adultos, destacam-se o “Programa Mundial Experimental” (1996-1974) (UNESCO, 1979); a “Conferência Mundial sobre Educação para todos” (WCEFA World Conference on Education for All), (WCEFA, 1990) e “1990, Ano Internacional da Alfabetização”.

Nesta perspetiva Canário, R.; Cabrito, B. (2005: 18) referem “Para a UNESCO, a educação dos adultos é considerada como um movimento social: deve fazer-se uma educação permanente para o desenvolvimento da sociedade, de modo que o progresso técnico e a cultura beneficiem todos os seres humanos.”

Desta forma a educação de adultos, contempla a formação contínua que Canário, Cabrito e Cavaco, (2005) citados em Costa, J. A. (2007: 44) designam de “...educação permanente e formação ao longo da vida...”.

De acordo com Josso, M.C. *in* Canário, R.; Cabrito, B. (2005: 117), “esta formação do ponto de vista da pessoa, depende fundamentalmente das características sociais, culturais, psicológicas do aprendente e, claro, da sua história familiar e pessoal...”. Segundo estes autores a formação deve induzir à reflexividade, ao formar-se, tendo em conta a centralidade da pessoa com as suas vivências e experiências como é próprio de cada história de vida (Canário, R.; Cabrito B., 2005: 117, 123). É nesse sentido que (Cell, 1984; Boud, Choer e Walker, 1993) citados por Finger, M.; Asún, M. J. (2003: 43) afirmam que “A aprendizagem experiencial tornou-se um lema na literatura da educação de adultos.”

Um autor com uma visão bastante alargada da educação, Dewey citado por Finger, M.; Asún, M. J. (2003: 40, 41), apresenta-nos ideias muito interessantes que podem ser estendidas à educação de adultos “... a educação é para todos, em todo o lado e em todo o tempo.” e “...não só as experiências são o material de construção das aprendizagens, como a acção é uma parte intrínseca do ciclo da aprendizagem, o que implica aprender fazendo, além de uma compreensão prática do Mundo.” A sua ideia central postula que a educação permanente consiste em: “... criar uma sociedade em

que todos estejam sempre a aprender..., tem de ser entendida como um movimento institucional, um projecto político-institucional e, talvez, como um discurso sobre a mudança social...” Dewey cit.in Finger, M.; Asún, M. J. (2003: 30). Na sua perspetiva antropológica da educação este autor distingue três funções: a preparação da pessoa para a socialização de forma a tornar-se parte integrante da comunidade; estimular o potencial criativo da pessoa no sentido de agir sobre a realidade; a acção, ou seja, aumentar a capacidade de resolver problemas. (Dewey cit.in Finger, M.; Asún, M. J., 2003: 39). Estas funções da educação facilitam o processo de desenvolvimento e crescimento humano, através do qual todas as pessoas podem experienciar vivências, atribuir significado a essas experiências e aprender com elas.

Na perspetiva de Canário, R. e Cabrito, B. educar, deverá ser visto como:

Acção de uma sociedade pelas diferentes instituições que esta sociedade cria, através das instâncias políticas e dos governos para assegurar a transmissão de conhecimentos, a transmissão de valores, a transmissão dos saberes-fazer, dos comportamentos, que vão primeiramente assegurar a integração na vida social, na vida cultural e na vida política das novas gerações. Canário, R. e Cabrito, B. (2005: 116).

Segundo Cavaco, C. (2008: 105) a educação de adultos “compreende um conjunto diversificado de modalidades e práticas educativas. Valoriza-se a formação integral do indivíduo, dando-se particular ênfase à formação para o exercício da cidadania na vida democrática.”

Capítulo II - Metodologia e Diagnóstico

1. Objeto e Campo de Estudo

No âmbito da nossa atividade profissional ligada à intervenção comunitária e das ligações que por essa via estabelecemos com a Associação Vida Abundante (AVA) fomos permitido levar a cabo diversas iniciativas de teor interventivo nos bairros periféricos ao nosso local de trabalho.

Assim, no âmbito das suas competências, a AVA acolheu o presente projeto, planificado com o intuito de responder às necessidades sentidas relativamente aos comportamentos de violência juvenil. O Projeto destina-se aos jovens dos bairros Casal dos Machados e Quinta das Laranjeiras da zona oriental de Lisboa, com idades compreendidas entre os 12 e os 24 anos de idade. Neste sentido foi realizado um diagnóstico com a participação de 6 jovens da faixa etária referida e de algumas das instituições que intervêm no local, nomeadamente a Coordenadora da Biblioteca Municipal, o Presidente da Associação de Moradores, a Coordenadora do Projeto Entrelaços - Associação Raízes, Coordenadora do Espaço Crescer e um Agente do Policiamento de Proximidade, que nos permitiu compreender as causas que estão na origem destes comportamentos e elaborar um plano de projeto que tem como objetivo a mudança dos comportamentos de violência em comportamentos de não-violência.

2. Técnicas de Recolha de Dados: Entrevistas Semi-diretivas

A investigação em geral caracteriza-se pela utilização de conceitos, teorias, linguagem, técnicas e instrumentos adequados à finalidade de dar resposta aos problemas e questões que se levantam nos mais diversos âmbitos de trabalho.

No campo da investigação socioeducativa encontramos uma grande variedade de metodologias das quais destacamos a Investigação - Ação. Debruçar-nos-emos um pouco sobre esta metodologia porque consideramos que, pelas suas características, se enquadra no desenvolvimento deste Projeto.

Referindo o trabalho de Monteiro, A. (1988), Guerra, I. C. (2002) apresenta três definições de Investigação – Ação das quais se salienta a participação conjunta do investigador e dos atores para a resolução de um problema vivido pelos atores, contribuindo para o enriquecimento dos seus saberes: saber, saber-fazer e saber-ser. Além do conhecimento da realidade, promove-se a inovação adequada ao caso específico, produzem-se mudanças sociais e no processo facilita-se a aquisição de competências aos intervenientes.

Assim, na perspetiva de um projeto de intervenção, o diagnóstico a realizar tem como objetivo compreender as razões de base que levam os jovens a recorrer a comportamentos de violência para afirmarem a vontade de um sobre a de outro e conseguirem o que desejam.

Para realizar o diagnóstico, foi construído um guião de entrevista (anexos A e B) com base na informação recolhida através de reuniões informais com jovens, com as associações de moradores, com os técnicos das instituições a operar no local (animadores socioculturais, assistentes sociais, psicólogos e educadores), pais de jovens utentes das instituições, das atas de reuniões de parceiros sociais, da reflexão da equipa e da revisão bibliográfica realizada. De acordo com Afonso, N. (2005: 99) “O guião deve ser construído a partir das questões de pesquisa e eixos de análise do projeto de investigação.”

Quanto aos meios utilizados para recolha de informação, a entrevista semiestruturada pareceu-nos ser a técnica a mais apropriada, uma vez que o que se pretendia não era que os entrevistados respondessem objetivamente a questões que lhes fossem colocadas nem que tivessem a liberdade para falar daquilo que lhes apetecesse, mas sim “um formato que obedece aos dois tipos anteriores” (entrevistas estruturadas, entrevistas não estruturadas) Afonso, N. (2005: 99) que nos permita recolher a informação pretendida através de uma interação verbal entre entrevistador e entrevistado, orientada por um guião que constitui o instrumento de gestão da entrevista.

De acordo com Afonso, N. (2005: 99) “ A sua estrutura típica tem um carácter matricial, em que a substância da entrevista é organizada por objetivos, questões e itens ou tópicos”.

Assim, foram realizadas entrevistas semi-estruturadas a jovens, técnicos das Instituições e representantes das Associações de moradores, através das quais se pretendia identificar as necessidades reais que segundo Quivy (2008: 79) “...permitem também não nos lançarmos em falsos problemas, produtos inconscientes dos nossos pressupostos e pré-noções”. De acordo com este autor, a entrevista visa sobretudo possibilitar ao investigador pistas de reflexão, tomar consciência dos aspetos e das dimensões de um dado problema nos quais ainda não tenha pensado. E neste sentido, este foi um instrumento exploratório que nos permitiu entrar no terreno e observar o problema a partir de várias perspetivas, oferecidas por quem de alguma forma o vivencia.

Após a realização das entrevistas procedeu-se à análise da informação através da técnica da análise de conteúdo, uma vez que “o recurso à análise de conteúdo, para tirar partido de um material dito «qualitativo», é indispensável...” Bardin, L. (2009: 89).

Dadas as suas características particulares, a análise qualitativa “...é válida, sobretudo, na elaboração das deduções específicas sobre um acontecimento ou uma variável de inferência precisa, e não em inferências gerais” Bardin, L. (2009: 141).

Tal como refere este autor “ o que caracteriza a análise de conteúdo é o facto de a «inferência – sempre que é realizada – ser fundada na presença do índice (tema, palavra, personagem, etc.), e não sobre a frequência da sua aparição, em cada comunicação individual.»” Bardin, L. (2009: 142). Assim, a análise de conteúdo é “um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção [...] destas mensagens”. Bardin, L. (1977: 42) cit in Caregnato, R.C.A. e all (2006: 683)²²

Para este projeto a análise de conteúdo é de maior relevância pela sua abordagem qualitativa, ainda que também possa ser quantitativa, uma vez que se “...considera a presença ou a ausência de uma dada característica de conteúdo ou conjunto de

²² Caregnato, R. C. A.; Mutti, R. (2006) *Pesquisa qualitativa: análise de discurso versus análise de conteúdo*. [Documento Eletrónico]. Consultado em [Março 2011] em <http://www.scielo.br/pdf/tce/v15n4/v15n4a17.pdf>

características num determinado fragmento da mensagem” Lima M. (1993: 54) cit. in Caregnato, R.C.A. et al. (2006: 682)²³, pelo que optámos pela análise qualitativa.

3. Técnicas de Análise de Dados: Análise de Conteúdo

Tendo em conta que a análise de conteúdo pode ser realizada através da organização em categorias temáticas, orienta-nos o objetivo de, tal como descreve Bardin, “... descobrir os «núcleos de sentido» que compõem a comunicação e cuja presença ou frequência de aparição podem significar alguma coisa para o objetivo analítico escolhido”. Bardin, L. (2009: 131). Este processo implica a desconstrução do texto em unidades de registo, e que por sua vez “...corresponde a uma regra de recorte (do sentido e não da forma)...” que nos permite “...estudar motivações de opiniões, de atitudes, de valores, de crenças, de tendências etc.” Bardin, L. (2009: 131)

Assim na perspetiva da análise por categorias temáticas, as unidades de registo são agrupadas, tendo em conta as suas características comuns, sob um título genérico também designado por classe, o que de acordo com Bardin significa “...a categorização é a passagem de dados em bruto para dados organizados...” Bardin, L. (2009: 147).

Dado o facto de este tipo de análise não tratar de forma exaustiva todo o conteúdo e por esse facto elementos significativos terem que ser deixados de lado, Bardin afirma que “... a compreensão exata do sentido é neste caso, capital...” Bardin, L. (2009: 141).

Foram assim elaboradas grelhas de análise (Anexo D), após a desconstrução do texto em unidades de registo, que nos permitiram identificar as categorias temáticas para cada questão do guião de entrevista, tendo-se feito posteriormente uma leitura percentual da frequência das respostas. Este processo permitiu-nos ordenar categoricamente os resultados. Foi ainda elaborada uma grelha comparativa entre os resultados relativos aos jovens e aos técnicos (Anexo E).

²³ Caregnato, R. C. A.; Mutti, R. (2006) *Pesquisa qualitativa: análise de discurso versus análise de conteúdo*. [Documento Eletrónico]. Consultado em [Março 2011] em <http://www.scielo.br/pdf/tce/v15n4/v15n4a17.pdf>

4. Metodologia do Trabalho de Projeto

O plano do projeto responde aos problemas específicos diagnosticados, de forma a alterar o contexto social em que as pessoas se encontram e no qual são participantes.

Na fase de desenvolvimento serão aplicados questionários aos jovens que permitam ir aferindo as estratégias e metodologias escolhidas.

O público-alvo é constituído por jovens entre os 12 e os 24 anos, residentes nos Bairros Sociais contíguos do Casal dos Machados e Quinta das Laranjeiras da freguesia de Santa Maria dos Olivais, Concelho de Lisboa. A Instituição de acolhimento do projeto é uma IPSS, Associação Vida Abundante (Anexo H) e que para o desenvolvimento do projeto disponibiliza as suas instalações.

Tendo em conta que todos os recursos humanos da IPSS estão alocados a outros projetos, a nossa proposta assenta numa base de voluntariado que assegurará todas as ações a desenvolver em regime pós laboral. Sendo essencial, o voluntariado é, no entanto, insuficiente para responder a todas as necessidades cujos programas se desenvolvam em regime laboral. Para colmatar esta fragilidade propõe-se recorrer às medidas de apoio ao emprego do Instituto de Emprego e Formação Profissional e a estágios universitários.

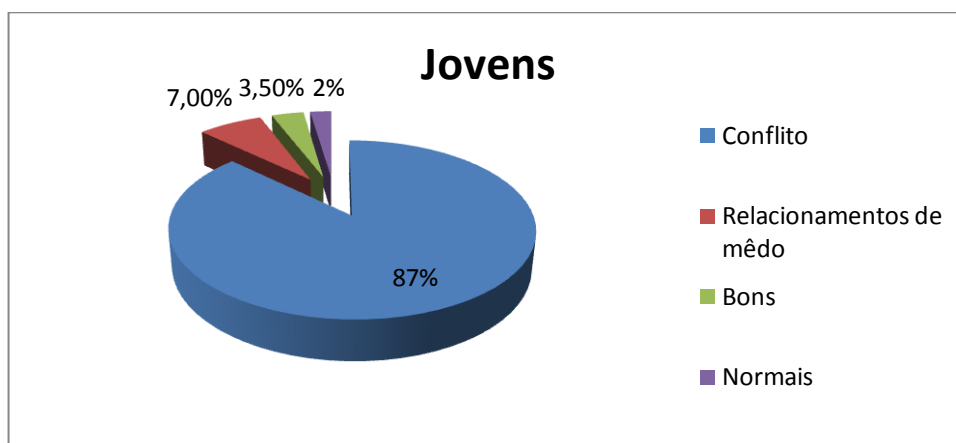
Relativamente ao desenvolvimento de algumas atividades, foram estabelecidas parcerias com outras instituições, nomeadamente Alfalit Portugal (Anexo I) para a formação e Desafio Jovem Portugal (Anexo F) para a prevenção da toxicod dependência e alcoolismo. Estas parcerias vão no sentido daquilo que Costa (2007: 42) afirma “...tratam-se claramente de projectos em rede, procurando envolver e articular as diversas organizações e instituições locais...” e que Fernando Pereira (2004) citado por este autor “...classificaria como de um novo “espírito reticular ou conexcionista” presente nas políticas sociais e educativas”.

5. Apresentação de Resultados do Diagnóstico

De toda a informação recolhida e analisada optámos por salientar aquela que nos parece ser mais pertinente para a construção de um projeto portador de soluções para as problemáticas em causa.

Neste sentido, apresentamos os gráficos de resultados estabelecendo uma comparação entre as respostas dos jovens e das instituições quanto às questões constituintes de cada um dos quatro blocos dos guiões que orientaram as entrevistas: Relacionamento entre moradores; Tipos de violência; Causas da violência; Soluções propostas.

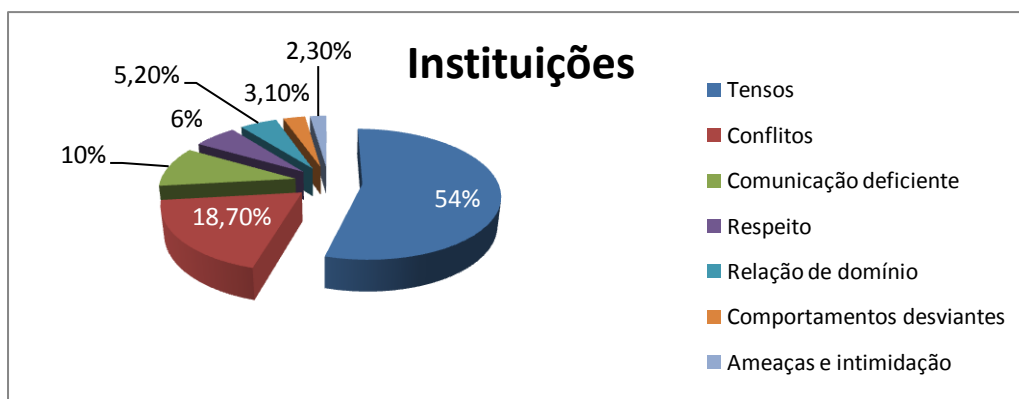
Gráfico 1: Tipo de relacionamento entre os moradores na perspetiva dos jovens



Fonte: Entrevistas aos jovens

Quanto às representações dos jovens entrevistados relativamente aos relacionamentos entre a população em geral, 87% dizem que são relacionamentos de conflito, 7% caracterizam-nos de relacionamentos de medo.

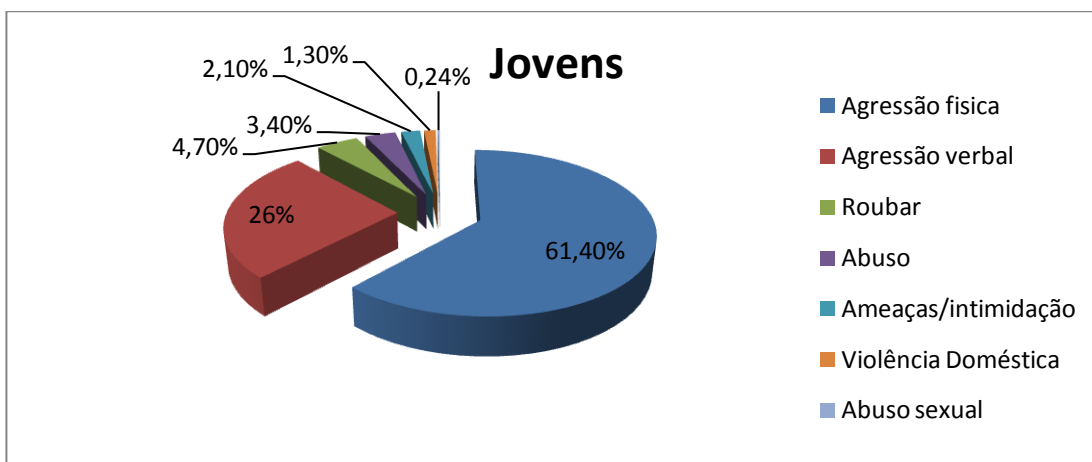
Gráfico 2: Tipo de relacionamento entre os moradores na perspetiva das Instituições



Fonte: Entrevistas aos técnicos das Instituições

Nas entrevistas feitas às instituições, 54% responderam que são tensos, 18,7% conflituosos, 10% atribuem-lhes uma comunicação deficiente. A estrutura dos gráficos demonstra claramente a preponderância do conflito, sobretudo se considerarmos que as tensões são potenciadoras de conflito.

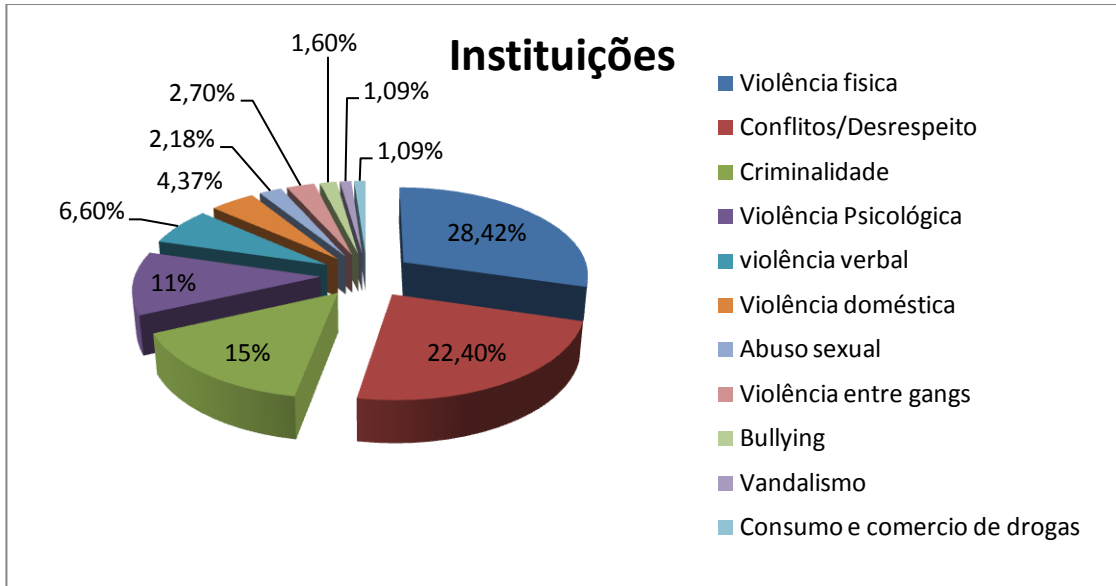
Gráfico 3: Tipo de violência mais comum na perspetiva dos jovens



Fonte: Questionários

Questionados quanto ao tipo de comportamentos de violência mais comum os jovens caracterizam-nos em 61% de agressão física, 26% de agressão verbal e 4,7% roubo. Verificam-se ainda respostas de menor referência ligadas ao abuso, intimidação e violência doméstica.

Gráfico 4: Tipo de violência mais comum na perspetiva das Instituições

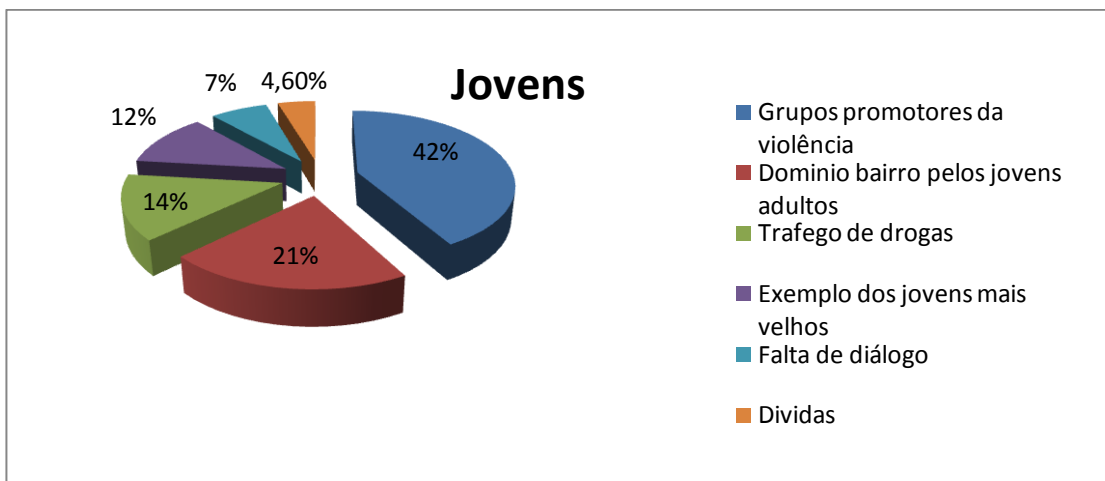


Fonte: Questionários

Para a mesma questão os técnicos das Instituições inquiridos definiram em 28,42% violência física, 14,7% criminalidade, 22,4% conflitos/desrespeito, 11% de violência psicológica, 6,6% violência verbal.

Conclui-se da análise dos gráficos que inquiridos quanto à existência de comportamentos de violência levados a cabo pelos jovens, ambos os grupos confirmam a prevalência destes comportamentos com maior incidência na violência física e alguma criminalidade.

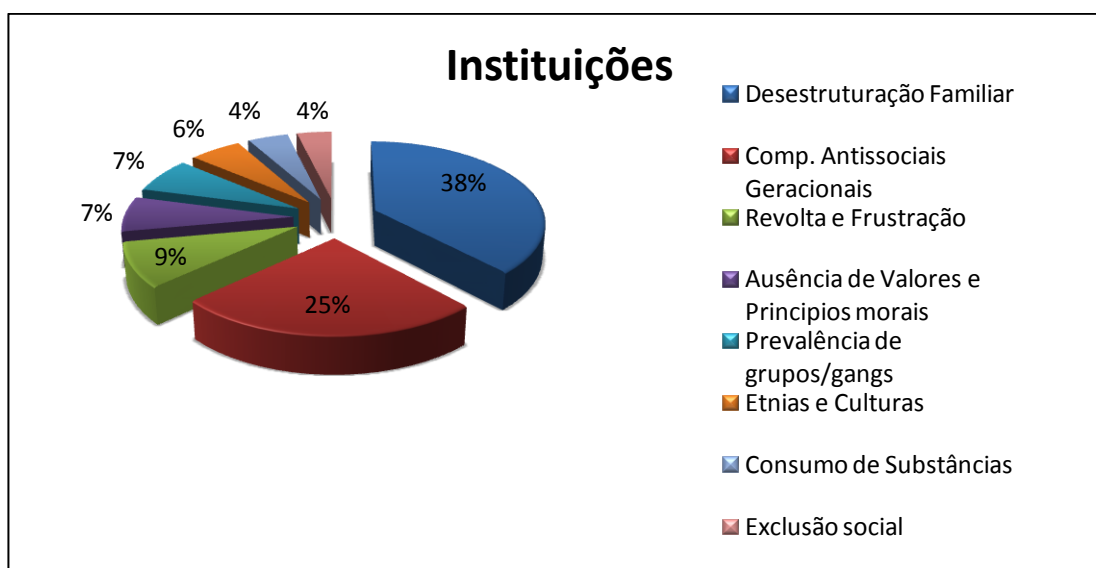
Gráfico 5: Causas dos comportamentos de violência na perspetiva dos jovens



Fonte: Questionários

Uma leitura atenta do gráfico indica que para 42% dos jovens as causas relacionam-se com grupos ou gangs, seguindo-se o domínio do bairro pelos jovens mais velhos para 21%, tráfico de drogas para 14%, o exemplo dos jovens mais velhos para 11,6% e ainda para 7% a falta de diálogo.

Gráfico 6: Causas dos comportamentos de violência na perspetiva das Instituições



Fonte: Questionários

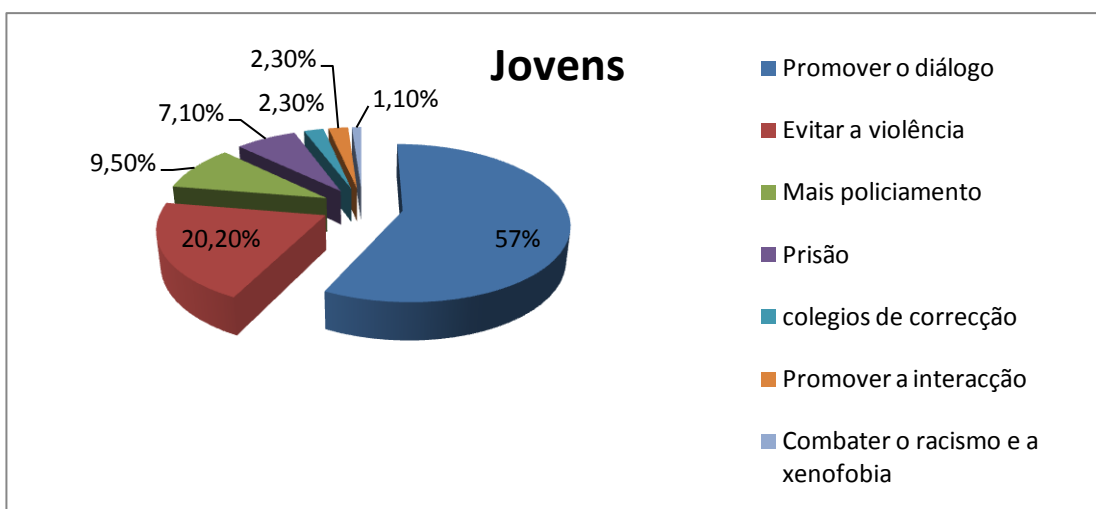
Para o grupo de que fazem parte as instituições que trabalham no local 38% apontam a desestruturação familiar como origem dos comportamentos de violência, 25,3% os comportamentos antissociais geracionais, 8,9% a revolta, 7% a falta de princípios e valores e 7% a prevalência de gangs.

Assim, relativamente às causas que estão na origem dos comportamentos de violência, as respostas dos jovens mostram que existe uma forte relação com a prevalência de grupos promotores de violência, com o controlo exercido por jovens mais velhos e com o comércio de drogas. Já as instituições referem prioritariamente a educação, desestruturação familiar e os comportamentos antissociais geracionais. Conclui-se que os comportamentos de violência têm origem nos grupos, de acordo com os jovens, e na desestruturação familiar, de acordo com as instituições, tal como podemos perceber pelos seguintes discursos.

“...É os grupos. Um lidera um grupo, outro lidera outro grupo para querem mandar no bairro, para terem o seu terreno, juntam-se e andam todos à porrada... andam à porrada porque uns querem estar num lado, os outros estão e eles não podem estar. É uma questão geográfica, territorial. Um líder de uma área geográfica não pode ir para a área de outro...” (Q3P1E4J)

“As famílias, as famílias, a ausência total das mesmas... eu acho, eu acho que a ausência total da família...o afastamento, o não se importarem muito que eles sejam assim até porque elas acham que a vida delas é normal, levarem tarefa do marido é normal porque, até é uma demonstração de afeto...” (Q3P1E1I)

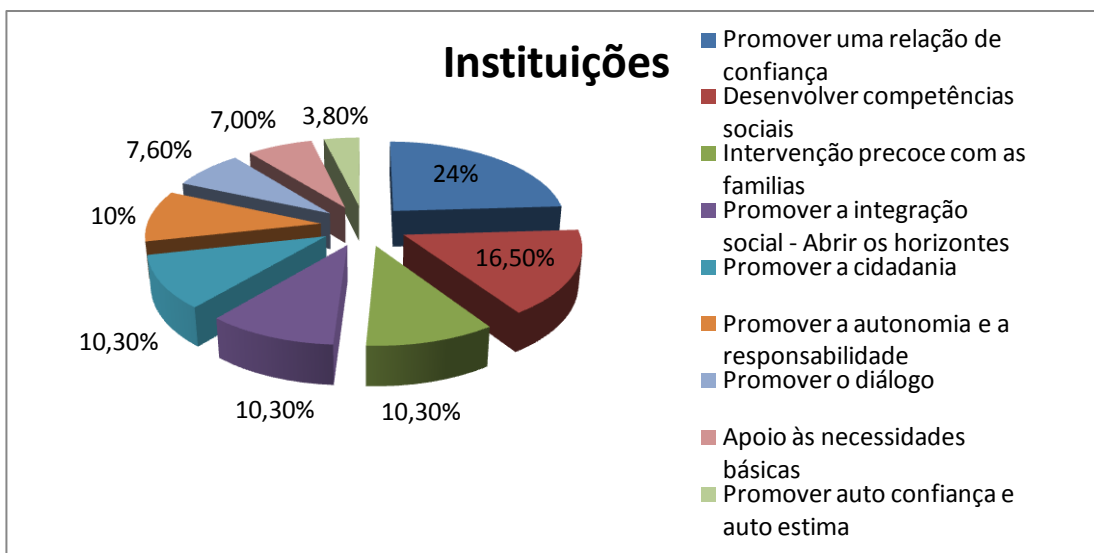
Gráfico 7: Propostas de resolução para os problemas da violência na perspectiva dos jovens



Fonte: Questionários

Quanto às propostas apontadas como solução aos problemas de violência, os jovens referem o diálogo com 57%, evitar a violência com 20,2%, mais policiamento com 9,5% e prisão com 7,1%.

Gráfico 8: Propostas de resolução para os problemas da violência na perspetiva das Instituições



Fonte: Questionários

Para as instituições a promoção de uma relação de confiança aparece como a aposta de eleição com 24% seguidamente, desenvolver competências sociais com 16,5%, intervenção precoce com as famílias 10,3%, promover a integração social – *abrir os horizontes* 10,3%, promover a cidadania 10,3%, promover a autonomia e a responsabilidade 10%, promover o diálogo 7% e ainda o apoio às necessidades básicas 7% também.

A análise desta questão revela-se de grande importância para a construção do nosso projeto uma vez que aponta caminhos para a saída da violência. Assim, da leitura dos gráficos verificamos que as soluções propostas para os problemas da violência juvenil, são a promoção do diálogo com um valor de 57% por parte dos jovens e 7% por parte das instituições, a construção de uma relação de confiança com 24%, indicada pelas instituições e o evitamento da violência, com 20% indicado pelos jovens o que será possível pelo desenvolvimento de competências sociais referido pelas instituições em 16,5%. Este grupo assinala ainda, embora com um valor de referência menor mas significativos pelo seu conteúdo, a intervenção precoce junto

das famílias, a integração social, a responsabilidade e a promoção de valores para cidadania.

A informação recolhida através das entrevistas possibilitou-nos compreender o que pensam os jovens e as instituições que trabalham no terreno face à problemática da violência juvenil e desta maneira, responder às necessidades manifestas no sentido de intervir e alterar a situação presente.

Assim, tendo em conta os resultados do diagnóstico, este projeto visa trabalhar as competências da comunicação e do diálogo, as competências ao nível da negociação que permitam a diminuição dos comportamentos de violência, competências ao nível da cidadania, gestão doméstica, formação parental e promoção de valores familiares.

6. Discussão de Resultados

De acordo com (Dias F. N. 2004: 154-155), numa perspetiva sociológica, esta divergência de opiniões refere a necessidade que todos os atores sociais têm de intervir na integração e adaptação social dos indivíduos, para que, os valores da vida em sociedade não apenas sejam conhecidos, mas também aceites por todos aqueles que dela fazem parte e nela interagem.

Podemos dizer que os diferentes olhares, portadores de diferentes personalidades, manifestam um conjunto de motivações que os leva a pensar, agir e reagir de forma diferente para com uma mesma realidade em determinado contexto social.

Na perspetiva de vários autores, as causas dos comportamentos de violência são multivariáveis, porém, tendo em conta a pertinência deste projeto, interessa focarmos fundamentalmente naquilo que foi o resultado da nossa pesquisa.

Segundo Born, os consumos elevados de drogas pela camada jovem explicam os comportamentos antissociais que estão na origem dos grupos “gangs” (Born 2005: 41, 59, 39, 186, 187). Por sua vez o Relatório do I.D.T. (2010: 98)²⁴ indica um aumento dos

²⁴ Instituto da droga e da toxicoddependência (2010). *Relatório Anual 2010: A Situação do País em Matéria de Drogas e Toxicoddependências*. [Documento Eletrónico]. Consultado em [Dezembro 2011], em <http://www.idt.pt/PT/Estatistica/Paginas/TendenciasporDrogas.asp>

consumos de drogas, mais concretamente alucinogénios e cocaína, para os jovens em idade escolar.

Tendo em conta os resultados da tabela 1 (p. 46) a percentagem de 14% relativa ao envolvimento dos jovens com estupefacientes é pouco significativa, no entanto, aquilo que nos parece da análise das entrevistas é que os jovens têm uma forte relação com as drogas. Neste sentido, tanto os consumos como o tráfego destas substâncias estão presentes no indivíduo e mas é no grupo onde mais se evidenciam, como podemos ver pelos seguintes excertos de entrevistas.

“Os rapazes que vendem a droga aqui neste bairro, quase todos, até os miúdos, entre os 12 e 15 anos começam a ter os gestos de violência, todos eles, até podem brincar com isso, mas todos eles.” (Q2P6E1J)

“...tipo cada canto é um lugar de uma pessoa que vende droga...” (Q3P1E1J)

“...As vezes entre os mais velhos são tráfego de drogas, dívidas entre os mais novos são dívidas também, outras vezes para se mostrarem mais fortes, para se mostrarem mais altos que outras pessoas.” (Q3P1E3J)

“...É os grupos. Um lidera um grupo, outro lidera outro grupo para querem mandar no bairro, para terem o seu terreno, juntam-se e andam todos à porrada...” (Q3P1E4J)

Tabela 1. As causas dos comportamentos violentos de acordo com os entrevistados

Identificar Razões para os comportamentos de violência	Jovens	Instituições
	Domínio do bairro pelos adultos (9) 21%	Ausência de valores e princípios morais (11) 7%
	Comércio de drogas (6) 14%	Revolta e frustração (14) 8,9%
	Grupos promotores da violência (18) 42%	Prevalência de grupos/gangs (11) 7%
	Falta de diálogo (3) 7%	Comportamentos antissociais Geracionais (40) 25,3%
	Dividas (2) 4,6%	Etnias e culturas (9) 5,7/%
	Exemplos dos jovens mais velhos (5) 11,6%	A desestruturação familiar (60) 38%
		Consumo de substâncias (7) 4,4%
	Exclusão social Falta de horizontes (6) 3,8%	

Fonte: Questionários

De acordo com os jovens os grupos, nomeadamente de jovens mais velhos, têm uma grande influência nos comportamentos de violência. Mas também os técnicos entrevistados reconhecem, ainda que atribuindo uma menor importância, esta mesma influência. As características dos grupos referidos pelos participantes do diagnóstico são claramente retratadas nos grupos referidos por Born (2005), tal como podemos ver pelas palavras de alguns entrevistados:

“... Podemos falar de comportamentos mais inocentes que começam por exemplo com o *bullying* que se manifesta nas escolas e que já houve contactos com alguns jovens do bairro quer como vítima, quer como o agressor no *bullying*, quer como os jogos à asfixia quer com para com comportamentos mais violentos que envolvem inclusive esfaqueamentos... Estamos perante um bairro em que há jovens... que se

envolve com grupos maiores, maiores idades que se envolvem em rivalidades de Gangues inclusive com Gangues fora do bairro nomeadamente Chelas por exemplo...” (Q2P1E5I)

“Além do mais a delinquência ainda impera neste, nestas zonas e nomeadamente nestes bairros o que leva a que as relações entre os jovens nestes bairros seja uma relação se bem que com laços de amizade, mas mais ligadas aos laços de relacionamentos normais dos gangs...” (Q1P2E5I)

“...depois é também pelos exemplos que eles têm no bairro é muito por aí e no bairro há aqui há aqui alguns exemplos de jovens adultos que são violentos, nós às vezes, os jovens às vezes pedem-nos para saírem pela porta das traseiras, para não sair pela porta da frente porque aí está o grupo mais velho quando os mais novos saem batem...” (Q3P1E4I)

“...É os grupos. Um lidera um grupo, outro lidera outro grupo para querem mandar no bairro, para terem o seu terreno, juntam-se e andam todos à porrada... é uma questão de marcar áreas geográficas. Por exemplo um grupo encontra-se de manhã e pára tipo num beco e se um outro grupo vê que aquele está num beco tem que se afastar e se quiser ganhar o terreno, temos que andar à porrada.” (Q3P1E4J)

“... os adultos já tomaram o domínio sobre este bairro e os mais novos tentam tomar esse domínio. Os mais velhos quando tinham a idade dos mais novos, também tentavam fazer isso, agora os mais velhos mudaram algumas das regras daqui deste bairro, já não há confusões entre, tipo cada canto é um lugar de uma pessoa que vende droga, se um mais novo for tentar vender no mesmo sítio, um mais velho vai falar com outro mais responsável como se fosse chefe, para ver se repreende o mais novo...” (Q3P1E1J)

Pelo discurso do nosso entrevistado “...os adultos já tomaram o domínio sobre este bairro... se um mais novo for tentar vender no mesmo sítio, um mais velho vai falar

com outro mais responsável como se fosse chefe, para ver se repreende o mais novo...”, depreendemos que o domínio do bairro pelos adultos e o comércio de drogas, são fatores que aparecem interligados e que são apontados como causas da violência juvenil. Por outro lado tendo em conta a expressão “chefe”, facilmente podemos compreender que, ligados a estes fatores, estão também os grupos dos jovens adultos, conotados de mau exemplo, que rivalizam com os grupos dos mais jovens e cujos comportamentos são referidos como a principal causa da violência.

Estudos levados a cabo por Cohen (1958) cit. In Born (2005: 185) na cidade de Chicago, Estados Unidos da América (EUA), mostram-nos que a marginalidade é valorizada no interior do grupo e que o facto de se ser “um drogado” é um sinal de prestígio.

Nesta linha de pensamento, reportando-se também aos EUA, Curry e Spergel (1988) cit. in Born (2005: 185) confirmam a formação de *gangs* a partir de etnias com a mesma nacionalidade de origem, especialmente nas grandes cidades.

Para este autor a imigração e a partilha da cultura constituem a força motora para a formação dos bandos, geralmente identificados com um espaço geográfico e tráfico de drogas. Esta questão também é evidente nas palavras dos nossos jovens:

“...já assisti e com etnias diferentes lá no meu bairro que estava um parado na estrada e um que ia passar e o outro estava metido no meio e não deixou passar e partiram para a agressão mesmo a sério já com tiros como eram etnias diferentes, às vezes em picardias do entras não entras... são negros com ciganos.” (Q3P1E5J)

“...Andam à porrada porque uns querem estar num lado, os outros estão e eles não podem estar. É uma questão geográfica, territorial. Um líder de uma área geográfica não pode ir para a área de outro.” (Q3P1E4J)

Ainda outros estudos (Hobbs, 1997) cit. in Born (2005: 186) defendem que a exclusão e a marginalização são fatores que estão na origem da formação dos bandos enquanto resposta aos problemas económicos e sistema ideológico de que os seus pais partilham.

De acordo com o diagnóstico que realizámos podemos dizer que para além dos conflitos entre etnias e do tráfego e consumo de drogas, os jovens passam a maior parte do seu tempo nas ruas do bairro, entregues a uma certa ociosidade de que faz parte a linguagem obscena e agressiva a qual por sua vez potencia os comportamentos de violência, tal como podemos ver pelas palavras de alguns entrevistados e tal como refere Stébe cit. in Born (2005: 186)

“...a ofender a mãe e o pai...e eu como não gosto de ouvir, parto logo para a agressão e isto é comum a todos os jovens pelo menos que eu conheça, eles reagem assim reagem pacificamente chama a primeira vez avisa chama à segunda já está demais à terceira já não gosta de ouvir, passa para a agressão. Isto é quando chamam nomes à família.” (Q2P2E5J)

“...prejudicam as pessoas pela maneira de chamar nomes...” (Q2P3E2J)

“...Chamam-se nomes uns aos outros... Nomes ao pai e mãe, à família....” (Q2P7E4J)

É isso mesmo que Bordet nos confirma ao falar da vida coletiva dos jovens em Paris:

La bande de jeunes est alors mixte, les fills y occupent une place importante, elles sont presentes dans l'espace public de la cité. Faire respecter le territoire de la cité, affirmé son appartenance local constituent de motivations partagées ente les jeunes, elles s'expriment par dès actes tels que dès affrontements entre bands de cités différentes; les insultes e les bagarres constituent dès activités partagées entre jeunes. Bordet, J. (1998: 32).

Para além da linguagem inapropriada, Moura et al. (2003: 197) relata os resultados de um estudo realizado em alguns bairros da zona oriental de Lisboa (dos quais consta o Casal dos Machados, um dos bairros em estudo) que indicam que o roubo e o recurso à violência têm vindo a agravar-se, o que está bem evidente nas palavras de alguns dos técnicos por nós entrevistados:

“...vêm pessoas fora do bairro prestar serviços a alguns habitantes do bairro, acabam por ser vítimas de violência, não voltam ou de roubo, vou-lhe dar dois exemplos: A Telepizza não vem ao bairro Casal dos Machados porquê porque já cá vieram várias vezes depois ou roubam a mota ou batem no rapaz das pizzas para ficar com o dinheiro... ou por exemplo o senhor do correio, é o dia de chegar o rendimento mínimo ... se o carteiro não traz como este mês naquele dia, o carteiro, levou uma tarefa ali no meio da rua ... ninguém quer voltar a ser vítima de violência gratuita.” (Q2P2E3I)

... furtos e dos roubos, normalmente são praticados por jovens por estas idades mais para os 18 a 24 anos, neste momento é, se bem que estes grupos... arrastam atrás de si jovens de menores idades... portanto pode-se compreender que a criminalidade que ocorre no bairro, os autores dessa criminalidade furtos droga estupefacientes burlas, burlas não propriamente, mas a maior parte desses crimes que ocorrem no bairro são provocados por jovens que se encontram dentro dessa faixa etária de que estamos a falar.” (Q2P2E5I)

De acordo com os autores, Moura et al. (2003: 20) a razão que esteve na base da escolha destes bairros como objeto de estudo relaciona-se com a complexidade da sua população, oriunda de vários bairros da periferia de Lisboa, composta por diferentes grupos étnicos, ligados aos quais estão as práticas de conflituosidade que têm contribuído para a formação da sua imagem. Esta descrição é consistente com a situação por nós encontrada.

Considerando os resultados do diagnóstico e a composição do nosso público-alvo, verifica-se a formação de grupos com características delinquentes e comportamentos desviantes, fortemente justificada pela presença de imigrantes oriundos maioritariamente de Cabo Verde e por um número significativo de habitantes ciganos.

Tendo em conta a preponderância do grupo nesta interação, importa saber o que outros autores nos dizem quanto à formação destes grupos e como se processam os comportamentos de violência, marginalidade, delinquência, consumo de drogas e ainda, qual a sua visibilidade no seio dos mesmos.

Na perspetiva de Dias F. N. (2004) ainda que as relações grupais sejam marcadas por equilíbrios e desequilíbrios, os comportamentos não podem por em causa o normativo social sob pena destes serem sancionados a fim de prevenir o desvio.

Esta perspetiva é corroborada pelas palavras de um agente da Polícia de Segurança pública (PSP), o qual colabora com as instituições há vários anos nestes bairros através do Programa Integrado de Policiamento de Proximidade (PIPP) que, segundo a Diretiva Estratégica nº 10/2006²⁵ e na perspetiva do programa do governo, tem como um dos objetivos principais a prevenção da criminalidade.

“São maus são apontáveis como ilícitos como é óbvio se pegarmos na legislação, todos eles se enquadram dentro do quadro penal ou da lei educativa consoante o caso que se tratar. Caracterizo-os como incorretos, como um ato incivilizado...” (Q2P3E5I)

E é também neste sentido que a Lei nº 166/99 de 14 de Setembro²⁶ que aprova Lei Tutelar Educativa (LTE) a qual prevê conforme artigo 1º que os jovens com *idades* compreendidas entre os 12 e 16 anos de idade que cometam agravos qualificados de crime deem lugar à aplicação de medidas tutelares educativas.

Tendo em conta que os crimes a que nos referimos, contemplam grupos de jovens entre os 12 e os 24 anos de idade, é importante realçar os resultados dos Inquéritos Tutelares Educativos (ITE) que o Ministério Público (MP) fez passar através da Intervenção Tutelar Educativa no Distrito Judicial de Lisboa. De acordo com estes resultados constatou-se que houve um acréscimo significativo relativamente à criminalidade grupal, mais concretamente no Distrito de Lisboa, tal como podemos ler no documento que a Procuradoria-Geral Distrital de Lisboa disponibiliza:

Em “Adenda” ao RASI, foi revelado que em 2008 a criminalidade juvenil – atos criminosos praticados por menores de 16 anos - decresceu face a 2007, com diferença percentual de -43,5%, incidindo nos Distritos de Lisboa, Setúbal e Porto cerca de metade das ocorrências registadas; e

²⁵ Programas Especiais. Programa Integrado de Policiamento de proximidade (PIPP). [Documento Eletrónico]. Consultado em [Abril 2012] em

<http://www.psp.pt/Pages/programasespeciais/pipp.aspx?menu=1>

²⁶ Diário da República — I SÉRIE-A N.º 215 — 14-9-1999 [Documento Eletrónico]. P. 6320. Consultado em [Abril 2012] em http://www.cnpqjr.pt/preview_documentos.asp?r=314&m=PDF

que a criminalidade grupal - atos criminosos praticados por 3 ou mais indivíduos - registou um acréscimo de +35%, sendo que cerca de 75% das ocorrências se manifestaram nos Distritos de Setúbal, Porto e muito particularmente de Lisboa.”²⁷

Na perspetiva dos técnicos das instituições, a desorganização social é uma das causas dos comportamentos violentos dos jovens, o que está de acordo com a literatura Lakatos (1978) cit. In Dias (2004:83). Segundo Caliman (2006: 389)²⁸ a cronicidade de comportamentos delinquentes está relacionada com condicionamentos no ambiente de vida, nomeadamente a falta de estrutura e clima familiar. Neste sentido, os autores João Amado e Isabel Freire num trabalho relacionado com a prevenção da violência nas escolas em Portugal, assinalam:

Outros tipos de violência que afetam a escola, como seja os grupos organizados ou gangs; nestes casos, as causas parece estarem, normalmente, associadas a problemas económicos, sociais e étnicos, como, famílias disfuncionais e desestruturadas, pobreza, racismo ou outros tipos de discriminação sistemática, e modelos sociais violentos propagados pelos media.”²⁹

A opinião de um dos técnicos por nós entrevistados é consonante com a perspetiva destes autores.

“...a desestruturação familiar e a falta de princípios ahhh, que são pilares da educação destes jovens. Na falta dos princípios ahhh, aliados ao confrontarem com uma mistura de etnias ...leva muitas vezes a conflitos e... criminalidade dentro d próprio bairro, dai que como causas apontamos essencialmente as diferenças culturais a desestruturação familiar e a falta dos princípios que advêm dessa desestruturação familiar” (Q3P1E5I)

²⁷ Procuradoria-Geral Distrital de Lisboa. A Intervenção Tutelar Educativa no Distrito Judicial de Lisboa. [Documento Eletrónico]. Consultado em [Abril 2012] em <http://www.pgdlisboa.pt/pgdl/docpgd/files/Documento%20ITE%20Julho%202009.pdf>

²⁸ Caliman, G. (2006) *Estudantes em Situação de Risco e Prevenção*. [documento Eletrónico]. Consultado em [Janeiro, 2012] em <http://sites.google.com/a/redesalesiana.net/www/artigos>

²⁹ Amado J. & Freire I. School Bullying and Violence. Prevenção da violência nas escolas – Portugal. Definições, incidência e causas da violência em Portugal. [Documento Eletrónico]. Consultado em [Janeiro 2012] em <http://www.bullying-in-school.info/pt/content/contexto/violencia-na-escola/portugal-texto-integral.html>

Ainda no mesmo sentido, Moura et. al. (2005: 41) referem as consequências das políticas de habitação social que concentram as várias problemáticas em pequenos territórios:

As políticas de habitação social dos anos 60 na Europa, chegam no final do milénio ao nosso país. E enquanto **na Europa, a habitação social entra em discussão pela crise dos grands ensembles** construídos nos anos 60, porque concentram a pobreza, a precaridade, o desemprego, a exclusão e também porque desenvolvem a imagem da cidade ‘dos outros’, em Portugal repetem-se algumas circunstâncias e rapidamente se extraem consequências relacionadas.”

As consequências destas políticas encontram-se espelhadas nos excertos das entrevistas:

“Por vezes situações de insegurança, os assaltos os roubos sim ahhh...” (Q3P1E4I)

“...os jovens que recorrem com mais facilidade à violência física, são aqueles que também têm na família a parte da violência física... e pensam que a forma que têm de se defenderem, é única e exclusivamente é a violência física, é a parte da violência física tem muito a ver com os modelos que eles têm na família e até por exemplo na comunidade, não é.” (Q3P1E4I)

No entanto Dias, F. N. (2004: 90) ao proporcionar-nos a sua interpretação do pensamento de Durkheim salienta:

“...um certo grau de crime ou desvio pode ser normal ou ate mesmo tornar-se funcional para determinadas mudanças sociais. Todavia, como muito bem nos refere Durkheim, para além de um certo limite, o desvio deixa de ter função positiva para passar a ser patológica.”

Assim, se por um lado podemos aceitar um certo grau de desvio e isso pode ser benéfico e funcional, por outro ao passar disso, torna-se patológico e coloca em causa, aquilo que socialmente é aceitável.

Sutherland citado por Born (2005:182) refere que os comportamentos estão ligados aos valores do grupo. Por sua vez Ogien, A. (1999) afirma que o comportamento criminal é aprendido.

Na tentativa em encontrar soluções para os problemas, segundo Cloward e Ohlin citados por Born (2005:183) a desigualdade de oportunidades numa certa população pode gerar comportamentos desviantes por sua vez relacionados com uma certa desorganização social e a ausência de normas.

“...a desestruturação familiar e a falta dos princípios que advêm dessa desestruturação familiar... A estes aspetos podemos atribuir a delinquência e a marginalidade na medida... também há familiares mais velhos que já praticavam estas delinquências... daí que mais uma vez foi a desestruturação familiar e a falta de princípios e valores que já eram por sua vez resultados que são a conflituosidade e falta de comportamentos éticos e civilizados e também a própria criminalidade.”
(Q3P1E5I)

Neste sentido, Cazeneuve (1982) cit. In Dias, F. N. (2004: 84-85) adverte para uma integração saudável das regras sociais como meio de prevenir o desvio e a marginalidade. O contrário resultará como refere Merton R. K. cit. In Dias, F. N. (2004: 85) em conflito do indivíduo ou do grupo com a sociedade e, conseqüentemente, em subculturas delinquentes. Estas subculturas segundo Lakatos citado por Born (2005) refletem uma determinada desorganização social também espelhada na desestruturação familiar e em certos comportamentos antissociais geracionais. Segundo Killias (1991: 261) cit. In Born (2005: 183) o comportamento delincente é o resultado de um processo de aprendizagem pela imitação de técnicas e atitudes criminais em que a delinquência é tida como um comportamento normal.

“... essencialmente, começa pela mistura que, que há de culturas. Esta mistura leva logo a criar conflitos ahhh e rivalidades ahhh, podemos falar entre etnias ciganas, entre pessoal de etnias de origens africanas essencialmente este por sua vez também entram em conflito com caucasianos... outras causas... á parte desta que é a

desestruturação familiar e a falta de princípios ahhh, que são pilares da educação destes jovens.” (Q3P1E5I)

Para além destas perspetivas alguns autores defendem que a violência, a marginalidade, a delinquência e os comportamentos desviantes reportam-se à família e à forma de educação dos filhos e por sua vez às vivências em sociedade no contexto da comunidade.

(Salmon&West,2000; Barnow, Luch&Freyberger, 2001) citados por Matos et al., (2009: 71) combinam vários fatores que justificam os comportamentos de violência juvenil dentre os quais uma monitorização parental deficiente, delinquência no grupo e o fácil acesso a drogas. Sege et al., (1999) citado por Matos et al., (2009: 71) apontam ainda outros fatores tais como o álcool, drogas, tabaco, sexo masculino (género) e ainda o insucesso escolar. É neste sentido que podemos entender as palavras dos técnicos das instituições entrevistados:

“...No Casal dos Machados e Quinta das Laranjeiras assiste-se um grande número de famílias desestruturadas e inclusive a relações incestuosas... a delinquência ainda impera ... nestes bairros o que leva a que as relações entre os jovens nestes bairros seja... de relacionamentos normais dos gangs, o que distância um bocado as relações intergeracionais das pessoas mais antigas... dai que entram com uma conotação negativa para este tipo de relação...” (Q1P2E5I)

“... As famílias, as famílias, a ausência total das mesmas. O conceito de família aqui... as escolas podem até acompanhar, mas a educação, a normalidade, e o exemplo do que se tem em casa não é... aquilo que professor diz deixa de ter qualquer sentido “o que é que é que está para aqui este a dizer estas coisas mas depois eu chego a casa, pai bate na mãe...”As pessoas habitam-se anos e anos a viver nisto e este é o padrão de normalidade deles...” (Q3P1E1I)

Relativamente à maneira como os comportamentos de violência afetam a normalidade de vida dos bairros, obtivemos a seguinte resposta:

“Afetam na medida em que se estivermos a pensar nas questões por exemplo dos furtos e dos roubos, normalmente são praticados por jovens ... na medida em que são eles a provocar os desacatos que se praticam no bairro daí que interfere no dia-a-dia do próprio bairro nomeadamente com o restante tipo da população ...” (Q2P2E5I)

Questionado quanto às causas da violência, o mesmo entrevistado refere:

“Na falta dos princípios ahhh, aliados ao confrontarem com uma mistura de etnias do próprio bairro, não há um entendimento num sentido de verem o outro como um igual, ou seja estar perante um igual mas sim estar perante alguém que é diferente e alguém que não faz parte do grupo daí que dentro do bairro passa a haver sob grupos que leva muitas vezes a conflitos e que por sua vez geram alguma conflituosidade e mesmo alguma criminalidade dentro do próprio bairro...” (Q3P1E5I)

Resumindo, as questões apontadas pelos entrevistados e que se encontram plenamente enquadradas pela bibliografia, requerem propostas de intervenção em dois eixos: o jovem e a família. Estas devem incluir estratégias para o desenvolvimento das competências de negociação, a valorização pessoal ao nível das competências pessoais e a formação de valores de tolerância e aceitação, bem como o desenvolvimento de competências parentais.

Relativamente às propostas de solução apresentadas pelos entrevistados estas enquadram-se dentro daquilo que (Guerra, I. C. 2002:125) define como metodologia participativa de projeto, cujo objetivo de acordo com Jean-Marie Barbier, (citado por Guerra, I. C. 2002:126) se prende com a mudança da situação presente num outro estágio de realidade-objeto de ação.

A leitura que nos oferece a tabela 2, evidencia a intenção manifesta dos entrevistados relativamente às soluções que podem contribuir para a diminuição dos comportamentos de violência: o diálogo e o evitamento da violência, da parte dos

jovens; a promoção de uma relação de confiança, o desenvolvimento de competências sociais (e ainda outras com menor expressão tais como a intervenção precoce com as famílias, integração social, promover a cidadania, autonomia e responsabilidade) por parte das instituições.

Tabela 2. Soluções propostas pelos entrevistados

	Jovens	Instituições
Caracterizar as possíveis propostas apontadas pelos inquiridos como respostas de resolução aos problemas da violência	Mais policiamento (8) 9,5%	Promover uma relação de confiança (70) 24%
	Promover o diálogo (48) 57%	Promover o diálogo (22) 7,6%
	Colégios de correcção (2) 2,3%	Intervenção precoce com as famílias (30) 10,3%
	Prisão (6) 7,1%	Promover a integração social – <i>abrir os horizontes</i> (30) 10,3%
	Promover a interacção (2) 2,3%	Apoio às necessidades básicas (20) 7%
	Evitar a violência (17) 20,2%	Promover a autonomia e a Responsabilidade (29) 10%
	Combater o racismo e xenofobia (1) 1,1%	Promover autoconfiança e Auto-estima (11) 3,8%
		Desenvolver competências Sociais (48) 16,5%
		Promover a cidadania (30) 10,3%

Fonte: Questionários

Assim relativamente à importância que os entrevistados atribuíram ao diálogo para solução dos problemas da violência juvenil, Dias (2005:77) afirma que:

É na relação com os outros seres humanos, nos Grupos, nas comunidades nas organizações, que o indivíduo aprende a regular os seus impulsos, a comunicar consigo próprio e com os outros e a criar uma visão de longo prazo, tanto para ele como para os que de si dependem (...) De facto, só na relação com os outros seres humanos é que o indivíduo, desamparado quando vem ao mundo, se torna uma pessoa um ser humano no sentido que o psicólogo Carl Rogers nos propõe.

“...as propostas deveria ser por uma abordagem muito mais direta criada por uma relação de confiança...” (Q4P1E1I)

Pelo que entendemos dos discursos dos entrevistados, as relações entre os jovens são más, o diálogo e o respeito pelo outro têm vindo de geração em geração a ser substituídos pelo impulso da violência que Karli (2008: 13) define como energia negativa que pode ser transformada em energia positiva quando canalizada e controlada para fazer o bem.

“...As relações entre os jovens do bairro são más porque em vez falarem por exemplo, pode haver uma situação e eles em vez de falarem, vão logo para a violência e eles deviam conversar, falar não ir logo para a violência. Eles deveriam optar pelo diálogo e não ir logo para a violência.” (Q1P1E1J)

Torna-se importante e urgente proporcionar a estes jovens contextos que promovam a prática de relacionamentos saudáveis tendo em conta que é pela relação com o seu igual que a pessoa se forma, tal como Rogers (1985) afirma e é manifestamente declarado pelas palavras dos jovens entrevistados:

“Juntar os dois grupos e fazer ver que a porrada não vai a nenhum lado, falar e fazer atividades todos juntos. Falarmos todos juntos. Existem dois grupos aqui no bairro promotores da violência entre os jovens.” (Q4P1E4J)

“Mudar a forma de eles fazerem as coisas deviam falar em vez de partirem para a violência e serem todos amigos. (Q4P1E2J)

Em oposição à violência, a aprendizagem da comunicação como ferramenta da negociação, aqui sugerida pelos entrevistados, é indispensável, conforme também sustenta a literatura. A este propósito Thayer, defende:

A comunicação pode ser considerada como um processo dinâmico subjacente à existência, ao crescimento, à modificação e ao comportamento de todos os sistemas vivos – ou organização. Pode ser entendida como uma função indispensável de pessoas e organizações, através da qual a organização ou o organismo se relacionam com o meio ambiente, com os outros e com as suas próprias partes, mediante processos internos. Thayer, L. (1979: 35) cit. In Dias (2005: 107)

Contrariamente ao que é sugerido e desejado, a relação dos jovens entre si e com os moradores em geral tem sido permeada pelo medo e pelo preconceito, o que tem promovido o afastamento entre as pessoas e conseqüentemente a desconfiança e a falta de tolerância e desencadeado os comportamentos de violência.

“Porque às vezes quando há essas confusões e tiros, as pessoas têm algum medo de sair de casa por que sejam atingidas ou qualquer coisa depois essas pessoas do bairro ficam a ganhar medo a essas que lutam, ficam assim com um relacionamento mais afastado dessas pessoas que se metem nessas confusões. Eu nunca deixei de sair à rua com medo, mas há pessoas que não saem à rua com receio de serem atingidas com balas e... são relacionamentos que não são muito bons porque têm medo e afastam-se às vezes estas pessoas das confusões...” (Q1P2E5J)

Tendo em conta esta realidade, tal como podemos perceber pelos resultados da tabela 2, aquilo que é sentido por alguns dos entrevistados passa pelo desenvolvimento de uma relação de confiança através da aquisição de competências relacionais, especialmente por parte daqueles que estão mais expostos aos comportamentos de violência (Matos et al. 2009: 68); (Agra et al., 2000 citado por Matos et al., 2009).

“...algumas vezes há confusões, é aquelas que há tiros e prontes há confusões com uns se mete-se como os outros são amigos desse rapaz metem-se também, gera-se ali uma confusão. Sim às vezes por causa de serem de etnias diferentes uns ciganos outros de cor, gera-se confusão.” (Q1P1E5J)

As soluções propostas passam pelo desenvolvimento de competências sociais, a gestão da comunicação, as relações interpessoais, a confiança uns nos outros e o evitar a violência e são apontadas como competências para que os jovens possam gerir os conflitos sem recorrerem à violência, como podemos ler nos seguintes excertos das entrevistas.

“...evito, tento evitar sei lá vou-me embora se essa pessoa estiver lá, vou para outro sitio evito essa pessoa, falar com a pessoa em causa é complicado.” (Q4P1E6J)

“...Aquilo que tentamos para mediar, ajudar a que eles consigam gerir a comunicação e os tempos e os tempos dos outros e trabalhar também muito a parte do relacionamento interpessoal porque se eles se conhecerem e confiarem uns nos outros porque eles também são muito desconfiados, quando surge um problema de comunicação pelo menos conseguem pensar duas vezes, antes de permitirem que o conflito evolua. É isso que tentamos fazer.” (Q1P1E4I)

“Como proposta... reforçar essencialmente aquilo que faltou na própria família e de preferência, trabalhar isso com os jovens e com a própria família que é os princípios e os valores éticos e morais que possam levar a que os jovens se transformem num jovem melhor e num futuro cidadão... há necessidade de trabalhar a nível individual, também há necessidade há necessidade que o jovem comece a trabalhar junto de um grupo, junto da sociedade, para que se sinta em sociedade mas de forma a que o respeito, os valores sejam essenciais ahhh, sejam empregues na sua relação.” (Q4P1E5I)

Assim depreendemos que para construir uma relação de confiança e estabelecer o diálogo é necessária a intervenção de terceiros que, na qualidade de mediadores, vão procurar estabelecer a comunicação que permita às partes em conflito encontrar soluções para a resolução do problema (Costa e Silva; Moreira, 2009: 22), através do diálogo e do entendimento. Santos Silva cit in Oliveira, Ana et al. (2005: 33)³⁰.

O conflito segundo Oliveira *et al.* (2005: 7)³¹, é aquilo que nos dá conta da diversidade e multiculturalidade que caracteriza as sociedades de hoje e neste sentido mais complexas nos seus relacionamentos daí requerer-se um olhar multifacetado do mediador que lhe vai permitir captar a leitura de uma realidade também mais complexa na gestão dos conflitos. Jan Marie Fritz (2004) cit in Oliveira *et al.* (2005: 30)³².

“... devia de haver mais paz, mais... de eu ser preto tu seres cigano, não devíamos de lutar, de eu ser gordo tu seres magro, não deveríamos de lutar não deveria de haver aquelas asneiras, dos alhos e dos bogalhos os filhos da...” (Q3P4E5J)

Viver em democracia, apresenta-se como a aprendizagem indispensável ao desenvolvimento do diálogo, (Trilla J. 1997 e 1998: 294) e do respeito pela diferença do indivíduo e do grupo, Touraine (1994), cit in Trilla, J. (1997 e 1998).

“...Procurar melhorar a relação entre eles conseguir juntar jovens que numa situação normal nunca iriam conversar uns com os outros e através de atividades que são apelativas para eles, eles, portanto, pô-los a interagir uns com os outros perceberem as diferenças e ao aceitar essas diferenças...” (Q4P1E4I)

³⁰ Oliveira, A. et al (2005) *Mediação Sócio-Cultural: Um Puzzle em Construção*. [Documento Eletrónico]. P. 32. Consultado em [Maio 2012] em <http://www.oi.acidi.gov.pt/docs/Estudos%20OI/Estudo%2014.pdf>

³¹ Oliveira, A. et al (2005) *Mediação Sócio-Cultural: Um Puzzle em Construção*. [Documento Eletrónico]. P. 32. Consultado em [Maio 2012] em <http://www.oi.acidi.gov.pt/docs/Estudos%20OI/Estudo%2014.pdf>

³² Idem

Da informação recolhida através do diagnóstico e à luz dos conceitos referidos por estes autores, podemos compreender que a integração social é essencial a todo o cidadão e que deverá ser feita através do diálogo e da aceitação da diferença.

“Juntar os dois grupos e fazer ver que a porrada não vai a nenhum lado, falar e fazer atividades todos juntos. Falarmos todos juntos. Existem dois grupos aqui no bairro promotores da violência entre os jovens. As idades destes dois grupos, é mais entre 15 até 17.” (Q4P1E4J)

“...pegar no jovem trabalhar junto do jovem num trabalho individual, e num trabalho coletivo ao mesmo tempo, se bem que há necessidade de trabalhar a nível individual, também há necessidade há necessidade que o jovem comece a trabalhar junto de um grupo, junto da sociedade, para que se sinta em sociedade mas de forma a que o respeito, os valores sejam essenciais ahhh, sejam empregues na sua relação.” (Q4P1E5I)

Para que possamos instrumentalizar todas as possibilidades que a mediação nos oferece e tendo em conta o público-alvo a que nos dirigimos, a animação sociocultural apresenta-se como a ferramenta apropriada, uma vez que o próprio animador segundo Canário (1999: 78) é também um intermediário que possibilita a comunicação e promove a autonomia individual e coletiva. De acordo com (Trilla, J. 1993 e 2003: 89) o fim último da Animação Sociocultural é possibilitar a participação ativa aos membros da comunidade, tendo em vista o seu desenvolvimento pessoal e cultural. Nesta perspetiva entendemos que ao promover a valorização pessoal e social, a prática de valores democráticos, a integração cultural e solidariedade entre os jovens, a animação sociocultural está a promover a educação. Tendo em conta que educar é ter em atenção a diversidade, os ritmos pessoais e comunitários (Lopes 2008: 398), a educação não se limita ao espaço escolar formal e sendo o processo educativo encarado como um *continuum* (Canário, 1999: 79-80), todas as situações no âmbito da educação informal são potencialmente educativas.

Reiteramos as palavras de Lopes (2008: 398) quando afirma que neste princípio de século educar deveria ser sinónimo de libertar potencialidades no ser humano, constituir um meio para comunicar, promover a expressividade, a criatividade e a confiança. A animação sociocultural desenvolve uma metodologia que favorece a aprendizagem pela descoberta e pela prática.

A Animação Juvenil deve promover a liberdade, o associativismo, a participação e o voluntariado. Constitui assim uma alternativa de animação para os tempos de ócio. Segundo Trilla, J. (1997 e 1998) o ócio grupal deve ser compreendido dentro daquilo que ele designa de “espaços vitais”, quer sejam ambientes ou atividades, nos “tempos” que constituem o dia-a-dia de um jovem, que lhe permitem uma existência saudável, uma socialização não conflituosa e “uma acumulação de vivências, experiências e conhecimentos determinantes do seu conhecimento como adulto.” (Trilla, J. 1997 e 1998: 221-222).

Neste sentido, as intervenções possíveis com este conjunto da população que designamos de jovens, devem preconizar a valorização pessoal e social, promover a prática de valores democráticos, a integração cultural e a solidariedade, tendo em conta a facilitação das relações interpessoais bem como o delinear de objetivos de grupo e a sua persecução.

A animação sociocultural objetiva o desenvolvimento da comunidade e dinamiza mecanismos de mobilização para ação de pessoas e grupos e neste sentido, é uma animação comunitária.

É dentro deste quadro que Canário, R. (1999: 78) percebe o animador como um intermediário entre os grupos humanos, possibilitando a comunicação nas suas interações, otimizando os recursos endógenos e promovendo a participação e a autonomia, quer individual quer coletiva.

O tempo livre é o “espaço” rentabilizado para o desenvolvimento das atividades de animação cultural e desenvolvimento de competências dos jovens. De acordo com Lopes (2008: 441), este tempo revela aspetos positivos, a que chamou de três D’s – Diversão, Descanso e Desenvolvimento.

Concluimos, como resultado da nossa pesquisa e em conformidade com alguns autores, que aquilo que está na origem dos comportamentos da violência juvenil nos

bairros objeto do nosso projeto, relaciona-se com o tráfico e consumo de drogas efetuado pelos grupos, conotados como causa principal dos conflitos. No diagnóstico encontram-se ainda outros fatores tais como a etnia, a imigração, a partilha da mesma cultura, a exclusão e marginalização, a vida ligada à rua e à pobreza. Estes fatores promovem naturalmente a agregação de jovens em função dos contextos de vida e contextos sociais em que estão inseridos. Têm reflexos na desorganização social que por sua vez contribui para a desestruturação familiar e condiciona o indivíduo nas mais variadas formas de descontentamento e frustrações, na escolha de condutas e comportamentos com os quais se identifica, como resposta às suas necessidades.

A desestruturação familiar ligada à história das famílias e seus contextos sociais mostra-nos que sucessivamente, através das gerações, a vida dos seus membros tem sido marcada por uma desajustada integração social, tal como refere Cazeneuve, ao dizer que quando não é feita uma boa integração das regras toma lugar a anomia que apelida de “doença da desmedida” Cazeneuve (1982) cit. In Dias, F. N. (2004: 85) “Esta doença manifesta-se na autodestruição, no desvio, na marginalidade, na invenção da contra sociedade, etc.” e isso justifica os comportamentos antissociais geracionais de que alguns dos entrevistados nos relatam, caracterizados também pela violência familiar e abusos diversos evidenciados na pesquisa que fizemos.

“...quando falamos de famílias desestruturadas... o jovem já não vive com o pai e com a mãe já não existe uma família estruturada um pilar fundamental... possivelmente uns avós ... ainda não referi que é questão do incesto que também se verifica muito no bairro ahhh de um jovem que por exemplo é filho da mãe e do irmão mais velho, de uma jovem que entretanto foi institucionalizada que é filha de uma mãe e do seu próprio avô. A polícia está aberta para ajudar em todos os âmbitos...” (Q3P2E5I)

“... a delinquência e a marginalidade na medida em que inclusive se formos a ver as descendências deles ahhh, também há familiares mais velhos que já praticavam estas delinquências, quando, moravam em bairros de barracas, já os praticavam,

atualmente alguns continuam outros tentam reinserir-se na vida no entanto o exemplo não foi o melhor para estes jovens...”. (Q3P1E5)

Neste sentido o património educacional herdado por cada geração, tem perpetuado para além de tudo aquilo que já foi referido, os hábitos ligados ao álcool, às drogas, ao roubo, ao crime, assim como o abandono escolar e os estilos de vida ligados à ociosidade.

Tendo em conta que este projeto deve procurar uma solução a estes problemas, propomos alguns *workshops* e atividades que visam a formação para os valores, competências pessoais e sociais, hábitos de vida saudáveis, trabalho em equipa e ainda competências ao nível da relação parental e familiar.

Na lógica de uma metodologia participativa que segundo Serrano, G. P. (2008:31) deverá basear-se “... numa necessidade real para a qual se pretende encontrar uma solução e, também, que esta possa ser resolvida com colaboração de todos”, com base nos resultados do diagnóstico realizado concluímos que os problemas, entre os quais a violência, não são só do delinquente mas também da família e da comunidade com as questões de desemprego, pobreza, vícios, crime e conflitos étnicos, o que é consonante com a literatura (Eliott e Merrill cit. in Dias, F. N. 2004: 84).

Assim, numa perspetiva de desenvolvimento local e comunitário este projeto implica a mobilização dos recursos e vontades locais na construção de soluções coletivas (Costa J. A., 2007: 44) e que Santos Silva (1970: 70-71) citado por este autor designa de “...iniciativas sociais para o desenvolvimento...”. Dentro desta linha de pensamento Gordon, T. (1998: 195, 196) refere “... que quando uma pessoa participa no processo de resolução de um problema e desenvolve uma solução mutuamente aceitável, fica com a sensação de ser a “sua” decisão. Torna-se responsável por ajudar a modelar a decisão, pelo que se sente também responsável por ver que ela resulta.”

Considerando a sua dimensão formativa, este projeto deverá contemplar também a formação e educação de adultos que Finger descreveu como “uma multiplicidade de práticas onde a aprendizagem nunca está separada da mudança, onde a aprendizagem segue a mudança” (Canário, R.; Cabrito, B. 2005: 17).

De acordo com Josso, M.C., a formação deve induzir à reflexividade tendo em conta a centralidade da pessoa com as suas vivências e experiências como é próprio de cada história de vida (Canário, R.; Cabrito B., 2005: 117, 123). É nesse sentido que (Cell, 1984; Boud, Choer e Walker, 1993 citados por Finger, M.; Asún, M. J. 2003: 43) afirmam que “A aprendizagem experiencial tornou-se um lema na literatura da educação de adultos.”

Esta aprendizagem e esta mudança são evocadas nas entrevistas de diagnóstico por alguns técnicos das instituições que apontam para o desenvolvimento de competências sociais como uma das soluções mais viáveis para os problemas de violência juvenil, especificamente, competências ao nível da relação com outro, da capacitação para resolver os seus próprios conflitos, responsabilização e autonomia, gestão das suas emoções e consequente melhoria da sua autoestima.

“... dar alguma autonomia e responsabilidade para que eles se sintam mais capazes para lidarem com o mundo lá fora. Portanto procurar que eles tenham um papel muito ativo, nas atividades, na organização no fazer, no pensar, de maneira a ... que tenham outras soluções que não só a violência... melhorar a relação entre eles ... a relação da confiança e depois a parte da capacitação ..., sem ter de recorrer à violência ou a outras soluções... já conseguimos ver jovens da faixa dos 18 anos... ligados... à violência, a inter-agir com jovens mais novos...” (Q4P1E4I)

Esta necessidade de formação encontra eco na teoria de Dewey citado por Finger, M.; Asún M. J. (2003: 40, 41) “... a educação desempenha um papel fundamental no tocante aos processos de humanização, desenvolvimento e crescimento” em que cumpre à educação proporcionar a todos os membros iguais oportunidades de atingir o mesmo nível de conhecimento, ou seja, a “inteligência industrial de base” . A ideia central da sua teoria da educação permanente consiste num ciclo de aprendizagem que se desenvolve da experiência (meio), observação (habituação), reflexão (hábitos) e ação (capacidades ativas a transformar) Finger, M.; Asún, M. J. (2003: 38).

“Enquanto Instituição, acho que há dois tipos distintos de propostas de intervenção... obtenção e mudança de comportamentos a longo prazo e a outra tem a ver com a intervenção... a intervenção precoce... tem a ver com o reeducar as famílias o intervir com programas de dotar as crianças com competências, *skills* sociais que podem utilizar mais tarde para que haja alteração nos padrões de comportamento e também alargar os seus horizontes para fora do bairro... ter outras vivências, contacto com outras realidades... que têm possibilidade de escolha... as escolhas são muito limitadas e portanto faz-se más escolhas.” (Q4P1E3I)

O entendimento comum sobre esta problemática, verificado entre os técnicos das instituições, levou a que se valorizasse uma filosofia de trabalho de intervenção em rede.

“...portanto em 2009 que era o “põe-te a mexer” ... trabalhava muito as questões de cidadania e tinha como base muitas atividades que eram realizadas nas diferentes instituições do bairro de tal forma obrigava os jovens a ir às diferentes instituições do bairro e isto também é uma forma de os por a interagir com outras populações ou com outros grupos da comunidade ... isso foi muito importante para eles não só conhecerem, mas também fazerem atividades com os grupos que estão nessas instituições.” (Q4P1E4I)

“Em termos da intervenção já para minimizar os riscos, exatamente também passa pela intervenção em termos de um trabalho em rede com as instituições... chegarmos primeiro a eles, às suas necessidades. há muitas barrigas vazias... não podemos chegar lá e começarmos a falar de economia doméstica e tudo mais quando eles não sabem o que é nem têm em casa nem nada...” (Q4P1E3I)

“Como proposta, um reforço daquilo que tem sido feito e esta a ser feito no terreno, um reforço do trabalho das próprias instituições ... que trabalham directamente com esses jovens no sentido de reforçar essencialmente aquilo que faltou na própria família e de preferência, trabalhar isso com os jovens e com a própria

família que é os princípios e os valores éticos e morais que possam levar a que os jovens se transformem num jovem melhor e num futuro cidadão...” (Q4P1E5I)

De acordo com estes entrevistados (um dos quais, Técnico Superior de Educação a trabalhar há vários anos no Casal dos Machados) este tipo de intervenção está ligado a más escolhas que as famílias fazem quanto à forma de administrar o seu dinheiro com consequências de privação das necessidades básicas dos filhos. Refere o entrevistado que “... não podemos chegar lá e começarmos a falar de economia doméstica e tudo mais quando eles não sabem o que é nem têm em casa nem nada...” o que sugere que esse seja de facto um tipo de formação essencial a uma melhor gestão por parte destas famílias e que se enquadra com a bibliografia de referência.

Acção de uma sociedade pelas diferentes instituições que esta sociedade cria, através das instâncias políticas e dos governos para assegurar a transmissão de conhecimentos, a transmissão de valores, a transmissão dos saberes-fazer, dos comportamentos, que vão primeiramente assegurar a integração na vida social, na vida cultural e na vida política das novas gerações. Canário, R.; Cabrito B. (2005: 116)

A informação recolhida através das entrevistas possibilitou-nos compreender o que pensam os jovens e as instituições que trabalham no terreno face à problemática da violência juvenil e, desta maneira, elaborarmos uma resposta às necessidades manifestas, no sentido de intervir e alterar a situação presente.

Capítulo III – Projeto de Intervenção: Da Violência à Negociação

1. Justificação da necessidade de Intervenção

Na zona oriental de Lisboa e concelhos limítrofes existem grandes problemas sociais com reflexos no abandono escolar, na marginalidade e na toxicodependência, ainda pouco acompanhados pelas instituições públicas ou privadas e bem expressas pelos comportamentos de violência que vêm assumindo contornos relevantes.

Esta realidade é confirmada pelos resultados dos últimos estudos a nível nacional:

Os consumos das várias substâncias iniciam-se cada vez mais cedo, assiste-se a um aumento com a idade e, apesar das alterações verificadas ao nível dos sexos, continuam a ser os rapazes quem mais consome, embora no que diz respeito ao tabaco os níveis de consumo se aproximem. Confirma-se assim o agravamento da situação em termos de risco ou ameaça para a saúde e bem-estar dos jovens. Vinagre M.G. *et all.* (2006)³³

Pela simples observação, é fácil constatar a permanência de jovens adolescentes na rua, muitas vezes oriundos de famílias desestruturadas, que se encontram sem orientação familiar, abandonados aos cuidados de si próprios ou de irmãos, também eles adolescentes, também eles entregues a si próprios, o que é consonante com a literatura:

As últimas décadas trouxeram mudanças muito importantes no que se pode oferecer durante o tempo de desenvolvimento infantil. [...] assistimos a um aumento das situações de sofrimento que traduzem as falhas dos adultos e da sociedade em ajudar a crescer saudavelmente as suas crianças e adolescentes [...] as crianças e os adolescentes passaram a fazer das suas relações com a família, a escola, a rua, a forma de exteriorização do seu mal-estar. Strecht, P. (1999: 25)

Relativamente aos bairros Casal dos Machados e Quinta das Laranjeiras onde se pretende que este projeto seja desenvolvido, esta constatação tem sido confirmada

³³ Vinagre M.G. *et all.* (2006) *Consumo de álcool, tabaco e droga em adolescentes: Experiências e julgamentos de risco*. Psicologia, saúde & doenças, 7(1), 73-811. [Documento Eletrónico]. Consultado em [Janeiro 2012] em <http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/psd/v7n1/v7n1a05.pdf>

pelos agentes da rede social daqueles bairros e por um estudo que ali foi realizado e apresentado no Congresso da Associação Portuguesa de Sociologia (Dulce, 2009)³⁴.

De acordo com Vinagre e Lima (2006:74)³⁵ “... a adolescência é uma das fases do ciclo de vida mais saudáveis, durante o qual são alicerçados conhecimentos, crenças e atitudes subjacentes aos comportamentos, pelo que se considera um período de eleição à promoção de comportamentos de saúde.” É uma etapa de desenvolvimento que Pepin e Sampaio (citados por Silva 2004: 26) consideram merecer especial atenção. É considerado como um espaço de transição entre a infância e a idade adulta marcado por alterações biológicas mas também, tal como afirma Alves, (citado por Silva 2004: 26), um período de crise e de mudança caracterizado por um lado pela dependência, proteção, mas por outro a independência (autonomia) do que fazem parte contradições, confusões ambivalências e conflitos com a função dos pais e a procura de identidade.

Assim, desta realidade surgiu a necessidade de desenvolver um projeto que no dizer de Jean-Marie Barbier, (citado por Guerra, I. C. 2002: 126), deverá “... conduzir a um novo estágio de realidade-objeto de ação.”

Segundo a explicação de Boutinet (1994) citado por Costa (2007: 11) relativamente ao conceito de projeto, este enquadra-se quer no “... pensamento sócio-político e económico (reivindicando mudanças sociais profundas), quer no âmbito da reflexão filosófica (afirmando o carácter o do ser humano como autónomo, livre auto-construtor de si próprio)”

Na sequência deste raciocínio pretende-se oferecer aos jovens residentes uma alternativa de construção de vida saudável que lhes forneça os meios de

³⁴ Moura, D. et al. (2005) *Construção de identidades, imagens e expectativas de jovens em contexto de realojamento. Actas dos ateliers do V Congresso Português de Sociologia: Sociedades contemporâneas: Reflexividade e Acção. Atelier: Cidades, Campos e Territórios*. [Documento Eletrónico]. Consultado em [Outubro 2010] em www.aps.pt/cms/docs_prv/docs/DPR460f8d95b98d3_1.pdf

³⁵ Vinagre M. G.; et. al. (2006) Consumo de álcool, tabaco e droga em adolescentes: Experiências e julgamentos de risco. *Psicologia, saúde & doenças*, 7 (1), 73-811. [Documento Eletrónico]. Consultado em [Janeiro, 2012] em <http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/psd/v7n1/v7n1a05.pdf>

desenvolvimento de competências sociais eficazes para interromper o ciclo da violência e inverter o processo de marginalização e delinquência.

Desta forma equacionamos que é possível combater a violência e a marginalidade através da oferta de um espaço afetivo onde se preconizam aprendizagens de valores sociais num programa de tipo psico-socio-educativo.

A finalidade de promover a educação e a reinserção social de jovens com problemas de violência, marginalidade e delinquência, será atingida através do desenvolvimento de atividades cujo objetivo específico se prende com a mudança de comportamentos de violência em comportamentos de não-violência.

O projeto a que nos propomos destina-se aos jovens entre os 12 e os 24 anos de idade, residentes nestes bairros sociais, que na perspetiva de um programa de desenvolvimento local, (Guerra, I. C. 2002: 125), “... a metodologia participativa de projeto emerge como uma forma eficaz e ativa de o fazer”

1. Finalidades e Objetivos

Combater os comportamentos de violência e marginalidade de jovens dos bairros de habitação social de Quinta das Laranjeiras e Casal dos Machados, em Lisboa, pela promoção de competências de negociação.

2. 1. Objetivos Gerais

- Promover a aquisição de competências de comunicação e de negociação como alternativa aos comportamentos de violência.
- Promover o desenvolvimento de hábitos de vida saudáveis e a reinserção social de jovens de rua e toxicodependentes através da educação social.

2. 2. Objetivos específicos

- Estabelecer relações de proximidade e de confiança com um grupo de 25 jovens.
- Contribuir para o desenvolvimento de competências pessoais e sociais, no melhoramento da aceitação de si e do outro.

- Diminuir os conflitos nas relações entre pares em situação de grupo.
- Diminuir o absentismo e o insucesso escolar em pelo menos 50% dos casos.
- Alterar comportamentos de risco através da formação para a saúde, para a cidadania e da educação parental.

3. Instituição e Público-Alvo

3. 1. Caracterização da Instituição

A Associação Vida Abundante (AVA) é uma Instituição Particular de Solidariedade Social de Utilidade Pública, constituída a 17 de Janeiro de 1990 por escritura, publicada no Diário da República em 20 de Março do mesmo ano, sedeadada em Moscavide, que nasceu da vontade de agir junto de quem precisa. Acredita na formação do indivíduo pela educação para os valores, pelo que investe na infância, na família e no idoso, de forma a facilitar o crescimento e o desenvolvimento de cada pessoa. Dedicase a apoiar a população de todas as faixas etárias, de forma a promover a sua integração social e comunitária.

As áreas de intervenção da Instituição estão relacionadas com a Saúde, Educação, Emergência Social, Ação Social e Desenvolvimento Comunitário. Tem operado em diversas localidades do País e no estrangeiro, nomeadamente em África (Angola, Moçambique e Guiné Bissau).

No local de desenvolvimento do projeto, Casal dos Machados/Quinta das Laranjeiras, a Instituição dirige desde 2001, um equipamento comunitário – “Espaço Crescer” com as valências de centro de dia, apoio domiciliário, creche, jardim-de-infância e lavandaria social. Desenvolve parcerias com as diversas instituições sociais a operar no local e em particular com o Desafio Jovem Portugal (anexo F), dada a sua larga experiência na prevenção da toxicoddependência e comportamentos de risco junto de adolescentes e jovens.

O Projeto + Vida que se destina aos jovens residentes nos Bairros Sociais contíguos Casal dos Machados e Quinta das Laranjeiras, na freguesia de Santa Maria dos Olivais, concelho de Lisboa, nasce a partir do trabalho que a AVA, desde 2001, tem vindo a

desenvolver com as populações destes bairros, e conseqüentemente das necessidades que se têm vindo a sentir, mais concretamente no meio da população juvenil, relativamente às questões da violência, marginalidade e toxicodependência.

O Projeto + Vida, que inicia a sua atividade em Setembro 2007 com a simples vontade de suprir necessidades básicas aos sem-abrigo, rapidamente se depara com um desafio proposto pelos parceiros sociais locais, a fim de intervir não apenas quanto à prevenção mas também relativamente aos problemas da violência. É neste sentido que surge o presente projeto, cuja proposta aponta como alternativa as vias da negociação e mediação.

3. 2. O público-alvo

3. 2. 1. Inserção Habitacional.

Como resultado de vários fluxos de migração, a freguesia de Santa Maria dos Olivais caracteriza-se por uma população bastante heterogénea. Desde os anos 60 foi uma das zonas de acolhimento de famílias que eram colocadas em urbanizações de regime de propriedade camarária, da Caixa de Previdência ou em cooperativas de habitação social em sucessivas operações de realojamento, de que o bairro social do Casal dos Machados é exemplo.

Através do Programa de Intervenção a Médio Prazo (PIMP), entre 1990 e 1997, teve início a construção dos seus 21 edifícios correspondentes a 930 fogos, com o objetivo de realojar populações oriundas de casas degradadas da freguesia: Bairro do Relógio; Rua Conselheiro Ferreira do Amaral; construções existentes na área de intervenção da Expo 98; bairro de casas pré-fabricadas situado em freguesia limítrofe; Quinta da Montanha e bairros precários localizados em freguesias vizinhas; Azinhaga das Teresinhas e parte da população do Bairro de S. João de Brito. Desta forma, em 1999 somava o número dos seus habitantes 3.162³⁶

Tal como na Europa, também em Portugal as políticas de habitação social foram evoluindo em função de transformações sociais, políticas e económicas, pelo que o

³⁶ Lisboa – O Outro Bairro, n.º 1; CML / GEBALIS, Dezembro de 1999. Os nossos Bairros: Bairro Casal dos Machados. [Documento Eletrónico]. Consultado em [Outubro, 2010] em http://www.gebalis.pt/site/html/casal_machados.html

direito à habitação social aparece consagrado na Constituição da República Portuguesa de 1976, artigo 65º, como um direito fundamental. Contempla uma habitação de natureza social, adequada com condições de higiene e conforto e que preserva a intimidade e privacidade da família e de seus membros.

No entanto, tendo em conta os desafios causados pelas mudanças demográficas e pelos processos de urbanização, as famílias dos Bairros das Laranjeiras e do Casal dos Machados, agora alargadas na sua composição, habitam numa mesma casa, em condições deterioradas de conservação.

Segundo o CENSUS 2001³⁷, dos 10.360.000 habitantes em Portugal agrupados em 3.650.000 famílias, às quais correspondem 5.050.000 habitações, 73,4% destas famílias vive em regime de propriedade privada, 26,5% em regime de arrendamento e apenas 5,7% destes últimos estão alojadas em regime de arrendamento público, sob a gestão do Estado e Autarquias locais, às quais cabe a responsabilidade de criar e promover um espaço habitacional extensível a todos os cidadãos e seus agregados familiares.

De acordo com um estudo levado a cabo pela Câmara Municipal de Lisboa (habitação municipal, contributos para um novo modelo de gestão (Jan/2008: 10), através do pelouro da habitação, relativamente à procura de habitação social nos serviços, refere-se que as pessoas com mais dificuldades em ter acesso a habitação são famílias em situação de pobreza, (18% da população residente em Portugal vive em risco de pobreza, famílias mono parentais, casais jovens e idosos com baixos rendimentos.)³⁸ O nosso público-alvo insere-se neste contexto habitacional.

3. 2. 2. Heterogeneidade cultural.

Os jovens residentes nestes bairros são em geral oriundos de diferentes grupos étnicos e famílias numerosas, de baixos rendimentos e parca escolaridade, especialmente a comunidade cigana que regista um índice de qualificação escolar bastante abaixo da média, tendo em conta que o nível obrigatório de escolaridade é o

³⁷ Câmara Municipal de Lisboa (2008) *Habitação Municipal: Contributos para um Novo Modelo de Gestão*. Lisboa [Documento Eletrónico]. Consultado em [Janeiro 2012] em

<http://habitacao.cmlisboa.pt/documentos/1233065274Q3jKA7bw5Ka42TT4.pdf>

³⁸ Idem

12º ano (Lei n.º 85/2009 de 27 de Agosto)³⁹. Assim é determinada a continuidade do estigma profissional, conduzindo a formas de emprego precário e permanecendo expostos ao risco de exclusão.

Tendo em conta as diferentes culturas que no dia-a-dia coexistem no meio e para que possamos perceber melhor esta realidade, recorreremos a diferentes especialistas que, à luz de um quadro conceptual, nos permitem fazer uma leitura mais adequada, fundamentada e realista da situação em causa.

Victor, Vich (2001)⁴⁰ fala-nos da heterogeneidade como um conceito que se presta para qualquer debate sobre políticas culturais assim como para qualquer definição de cultura e culturas e por outro lado trazer complementaridade a outros estudos levados a cabo em torno da transculturalização e hibridéz.

Nesta perspetiva, a transculturalização é entendida como as diferentes formas de contacto em que duas culturas se afetam mutuamente, vindo a resultar num novo produto que, por sua vez, vai assumir uma identidade mais heterogénea e instável.

Esta é a realidade vivida no território de implantação do nosso projeto. As famílias ali realojadas vêm de diferentes culturas, nomeadamente Cabo Verdiana, Cigana e Caucásiana, as suas vivências familiares são marcadas por padrões culturais próprios, mas as transferências realizadas no meio comum entre os jovens têm originado uma forma de estar particular, diferente e difusa. Das conversas tidas com os jovens percebemos a existência de três territórios diferentes no mesmo bairro e de um código de conduta diferenciado para dentro e fora do mesmo.

É neste sentido que os autores de uma investigação realizada nestes bairros apontam as razões para a sua inclusão:

Os bairros Padre Cruz, Casal dos Machados e Armador foram seleccionados para o projecto, por se tratarem de bairros problemáticos, ao nível da sua imagem na cidade, desenvolvendo dinâmicas de exclusão e conflitualidade diferenciadas, sendo ainda representativos de

³⁹ Diário da República, 1.ª série - N.º 166 - 27 de Agosto de 2009. Consultado em [Janeiro 2010] em: <http://www.educare.pt/educare/media/PDF/Diário%20da%20República%20escolaridade%20obrigatória.pdf>

⁴⁰ Vich, Victor (2001). Sobre cultura, heterogeneidad, diferencia: Estudios Culturales. Discursos, poderes y pulsiones. Editores Santiago López Maguiña, Gonzalo Portoc. Red para el Desarrollo de las Ciencias Sociales, Perú [documento Eletrónico]. pp.27-41 Consultado em [Outubro, 2011] em <http://www.cholonautas.edu.pe/modulos/biblioteca2.php?IdDocumento=0348>

diferentes tipos e tempos de realojamento, com uma composição social e étnica da sua população diversificada. Moura et al. (2003: 20)

Para Victor Vich (2001)⁴¹ sempre que existe um “choque cultural”, há elementos que não se transculturam, uns perdem-se outros resistem. Refere este autor, que a heterogeneidade é o encontro da *forma* com *algo* embora não se saiba na realidade em que consiste esse *algo*. Ao abordarmos o conceito de “cultura” através desta nova reconfiguração, a heterogeneidade funciona quando fazemos prevalecer o respeito pela diferença sem deixarmos que a *forma* (a cultura hegemónica) a invada totalmente. Por outras palavras, a heterogeneidade aparece a partir da altura em que percebemos que as coisas não podem continuar a ser pensadas apenas em termos de essências mas sim em termos de diferenças.

Tendo em conta o significado atribuído ao conceito multiculturalismo Del Priore⁴² defende:

O termo "multiculturalismo" designa tanto um facto (sociedades são compostas de grupos culturalmente distintos) quanto uma política (colocada em funcionamento em níveis diferentes) visando à coexistência pacífica entre grupos étnica e culturalmente diferentes. [...] A política multiculturalista visa, com efeito, resistir à homogeneidade cultural, sobretudo quando esta homogeneidade afirma-se como única e legítima, reduzindo outras culturas a particularismos e dependências. Del Priore cit in Marques (2003: 8)

Por sua vez, a abordagem ideológico-normativa como uma vertente de multiculturalismo, apresentada por Inglis cit in Marques (2003: 8)⁴³ “...Defende a existência de uma diversidade étnica e assegura que os indivíduos possam manter a sua cultura, ao mesmo tempo que lhes assegura total direito de acesso e participação.”

Restrepo, (1992: 142) citado por Jares (2007: 161) declara que “A diversidade faz parte da vida e pode ser um fator de conflitualidade: «Conviver num ecossistema

⁴¹ Vich, Victor (2001). *Sobre cultura, heterogeneidad, diferencia: Estudios Culturales. Discursos, poderes y pulsiones*. Editores Santiago López Maguiña, Gonzalo Portoc. Red para el Desarrollo de las Ciencias Sociales, Peru. pp.27-41. [Documento Eletrónico]. Consultado em [Outubro 2011] em <http://www.cholonautas.edu.pe/modulos/biblioteca2.php?IdDocumento=0348>

⁴² Marques, R. M. P. (2003) *Políticas de gestão da diversidade étnico cultural. Da assimilação ao multiculturalismo*. [Documento Eletrónico]. Consultado em [Outubro 2011] em <http://www.oi.acidi.gov.pt/docs/rm/multiculturalismo.pdf>

⁴³ Idem

implica ter sensibilidade para reconhecer a diferença, acolhendo com ternura os momentos que o conflito nos oferece para alimentarmos o crescimento mútuo». É neste sentido que Jares (2007: 161) nos afirma “...que um dos grandes conflitos que se colocam na actualidade é precisamente esta relação igualdade/diferença”

Dentro desta linha de orientação, a consciência coletiva da importância da cultura num território de diversidades associada ao respeito mútuo, tem vindo a ser cada vez mais evidenciada em vários textos e iniciativas de que são exemplo a carta das Nações Unidas (art.1º), a Declaração Universal dos Direitos do Homem (art. 22º) e a referência mais recente que merece destaque pela sua atualidade e significado, a declaração da UNESCO sobre a diversidade cultural Inspirado no princípio de que “a riqueza cultural do mundo reside na sua diversidade em diálogo” Marques (Jan/2003: 9).⁴⁴

3. 2. 3. Comportamentos desviantes.

A elevada taxa de toxicodependência verificada entre a população jovem é demonstrativa da exposição a patologias e condutas desviantes, ou antissociais que, por sua vez, facilitam a guetização de grupos (Born, 2005) que têm vindo a ser estruturados pelo desenquadramento sociocultural, num contexto inibidor de novas ideias e soluções que permitem ao indivíduo ser ator responsável da sua própria mudança, num quadro social em que se valoriza, é valorizado e se revê como um cidadão ativo num desenvolvimento recíproco. Essa ausência de “janelas” para o futuro fecha os indivíduos num círculo em que têm de lutar por se afirmar num espaço que creem ser por demais limitado, como se estivessem para sempre condenados a essa prisão. Acreditam que para sobreviver precisam de lutar, de se defender, de impor a sua vontade, e desenvolvem esquemas marginais e comportamentos violentos.

⁴⁴Marques, R. M. P. (2003) *Políticas de gestão da diversidade étnico cultural. Da assimilação ao multiculturalismo*. [Documento Eletrónico]. Consultado em [Outubro 2011] em <http://www.oi.acidi.gov.pt/docs/rm/multiculturalismo.pdf>

De acordo com Becker, (1963) citado por Carvalho, (2005)⁴⁵, os comportamentos desviantes, entendidos como desvio de natureza social, devem ser analisados dentro do quadro das interações que os indivíduos estabelecem entre si, de acordo com a sociedade em que estão inseridos, seu sistema e normas.

A delinquência é conotada a atos exercidos por crianças e jovens que, por sua vez, violam as normas sociais instituídas em quadros jurídicos, de acordo com Blinder e outros, (2001), citado por Carvalho (2005)⁴⁶ tais problemáticas e suas consequências levarão a que se considere por um lado o comportamento em si e por outro a definição do delinquente (Dias e Andrade, 1984), cit. por Carvalho (2005).⁴⁷

Ao ser identificado por ter posto em causa as regras sociais, o delinquente é sujeito de mecanismos de reprovação e de sanção, aprovados socialmente, que excedem os âmbitos familiares e educativo e exigem intervenções ao nível administrativo ou jurídico (Selosse, 1995) citado por Carvalho (2005)⁴⁸

Na sequência de debates desenvolvidos relativamente a esta questão, no sentido de se perceber a ligação entre influências sociais, o desenvolvimento destes comportamentos e a sua relação com substâncias ilícitas (drogas), o abuso de substâncias socialmente aceites, como é o caso do tabaco, álcool, medicamentos etc. emerge de forma cada vez mais clara a consciência de que se possui apenas uma visão parcelar deste problema, tendo em conta os seus múltiplos contextos e variáveis (Agra e Matos, 1997; Ferreira, 1999 citados por Carvalho 2005: 72)⁴⁹

Em consonância com este raciocínio, segundo Matos, (2009:36) a delinquência juvenil tem-se tornado uma preocupação política e social mais emergente e como tal, segundo este autor, tem conduzido a uma redefinição dos mecanismos legais na sequência da Lei Tutelar Educativa, Lei nº 169/99, de 18 de Setembro, que prevê se criem modelos de intervenção adaptáveis ao modelo judicial.

⁴⁵ Carvalho, M. J. L. (2005) *Jovens, Espaços, Trajectórias e Delinquências. Sociologia, Problemas e Práticas*, pp.71-93. [Documento Eletrónico]. Consultado em [Dezembro, 2011] em <http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/spp/n49/n49a05.pdf>.

⁴⁶ Idem

⁴⁷ Idem

⁴⁸ Idem

⁴⁹ Idem

3. 2. 4. Marginalidade: situação face a escola/emprego

O absentismo escolar torna-se uma realidade quase diária a par com a má nutrição e o desenvolvimento de hábitos pouco saudáveis para o corpo, para a mente e para o tecido social envolvente. São jovens com casa, que usam apenas para dormir, mas sem o abrigo necessário à proteção do seu crescimento. Encontram-se, assim, muito rapidamente no caminho da marginalidade e canalizam a vontade de descoberta natural, para o consumo de substâncias que depressa acabam com a capacidade de sonhar e a esperança de viver. De acordo com Kiritzé-Topor, P. (2007: 86) “O álcool é associado com uma frequência cada vez maior a outros produtos psicotrópicos. Álcool, tabaco, medicamentos psicotrópicos, principalmente as benzodiazepinas, são as associações mais comumente registadas.” Neste sentido Pierre Fouquet citado por Kiritzé-Topor (2007: 29) define que “... «É alcoólico aquele que perdeu a liberdade de se abster do álcool.»”

O alcoolismo tem uma grande implementação e é transversal a todas as faixas etárias, sobretudo no sexo masculino, mas também afeta o sexo feminino senão pelo consumo direto, pelos efeitos degradantes nas estruturas familiares já de si frágeis e na modelagem de comportamentos de dependência junto das populações mais jovens.

Como agente inibidor de competências porque altera as suas funções orgânicas psíquicas, comportamentais e sociais (Kiritzé-Topor, 2007: 29), é também, em parte, responsável pela precariedade do emprego e pela disfuncionalidade das famílias que maioritariamente, estão abrangidas pelo Rendimento Social de Inserção.

3. 2. 5. A latência do conflito

A proximidade física não impede a existência de alguma rivalidade entre as populações que habitam em cada um dos bairros, a qual emerge dos discursos da generalidade das figuras de referência da comunidade. Podem apontar-se como causas prováveis deste sentimento de rivalidade a antiguidade do realojamento da Quinta das Laranjeiras face à recente implantação do Casal dos Machados; a forte diferenciação das origens e características étnicas e culturais dos habitantes dos dois bairros; o desencontro de gerações entre a população, mais idosa na Quinta das

Laranjeiras e mais jovem no Casal dos Machados, associado à existência e propagação de um estigma associado aos jovens no que respeita a comportamentos desviantes. Esta perceção encontra-se sustentada pela bibliografia.

Nestes bairros os jovens preambulam pelas ruas, param em grupos nas esquinas, nos recantos, nas entradas dos prédios, consomem drogas, bebem cerveja, negociam, envolvem-se em brigas, roubos e atos de vandalismo.

4. Proposta de Projeto

Tendo em conta os resultados do diagnóstico, este projeto visa trabalhar as competências da comunicação, diálogo, e da negociação que permitam a diminuição dos comportamentos de violência e ainda competências ao nível da cidadania, gestão doméstica, formação parental e promoção de valores familiares.

Neste sentido propomo-nos num período de um ano, formar 25 jovens entre os 12 e os 24 anos para novos valores e competências ao nível da negociação, com evidência na resolução dos seus próprios conflitos, no desenvolvimento de atitudes de mediação e na resolução de conflitos entre pares.

Dada a necessidade identificada de trabalhar ao nível das famílias, incluímos uma dimensão de formação parental que permite a reflexão e a aquisição de novas competências de gestão familiar, destinada prioritariamente aos agregados dos jovens participantes.

Para tal, traçámos objetivos formativos, delineámos estratégias e elaborámos um calendário de atividades que no nosso entender vai ao encontro das necessidades já identificadas e que constituem a nossa proposta de projeto.

4. 1. Plano de Atividades

Quadro 1 - Workshops Temáticos

Tema	Hora	Objetivos	Conteúdos Programáticos/Metodologia	Equipa de Formação	Participantes
Educação para a saúde	90	<p>Aconselhar ao nível da adoção de comportamentos positivos ao nível da saúde;</p> <p>Prevenir o consumo ilícito de estupefacientes e de outras substâncias;</p> <p>Prevenir a transmissão de doenças sexualmente transmissíveis;</p> <p>Abordar e dar a conhecer os vários métodos contraceptivos;</p> <p>Prevenir a gravidez na adolescência e o aborto;</p> <p>Abordar o sexo na adolescência.</p>	<p>Interrupção voluntária da gravidez;</p> <p>Relações sexuais desprotegidas e o respeito pelo próprio corpo;</p> <p>O processo de gravidez;</p> <p>Pornografia infantil;</p> <p>Transexualidade;</p> <p>Toxicodependências: O tabaco, o álcool, o ecstasy e a heroína.</p>	<p>Médica de Saúde</p> <p>Familiar/ Estudante de medicina</p>	20

Teatro	4	Sensibilização para a saúde e higiene oral	A boca e a dentição; os alimentos e a dentição, a higiene oral, Principais doenças da boca e suas causas, O efeito do consumo de drogas na dentição.	Finalista de medicina dentária	10
	90	Evidenciar aprendizagens do conhecimento de si, do outro e do mundo real, através de processos dramáticos. Desenvolver estratégias de comunicação, relações interpessoais, trabalho de equipa, resolução de problemas e tomadas de decisão. Adquirir e desenvolver capacidades nos domínios da expressão e comunicação vocal e corporal. Aprender estruturas dramáticas e códigos teatrais.	Desenvolver a postura do corpo e da voz, face ao espaço. Explorar um tema pelo improviso. Jogos de Expressão corporal, equipa, entreaajuda, e representação. Exercícios que potenciam as capacidades individuais e em grupo nas áreas da voz, mímica, atitude, “espelhos”, monólogos e pares. Concretização de projetos com público: Peça de Teatro (mímica) apresentadas em dois eventos: Natal e Verão. Utilizar técnicas, instrumentos e formas de trabalho diversificadas.	Atriz/Animador	15

Dança e expressão corporal		Potenciar situações de cooperação, trabalho autónomo, trabalho de equipa, interpretação oral e corporal.			
	60	Oferecer aos jovens uma experiência estruturada de uma arte que apreciam: A Dança.	Movimentos rítmicos e expressão corporal, controlo dos movimentos, técnica de base. Exercícios individuais e de grupo.	Professor de Dança/ Monitor	15
		Facilitar a aprendizagem e aquisição de competências de autocontrolo e trabalho de equipa.	Dança Hip-Hop		
			Dança contemporânea		
			Danças étnicas e tradicionais		
			Street Dance		
Atividades Desportivas	120	Facilitação da aprendizagem de trabalho de equipa;	Jogos de equipa que promovam a interação e a negociação: torneios de ping-pong,	Finalista de Educação Física e Desporto/ Monitor	20
		Desenvolvimento de competências de comunicação e negociação	Grupo de Futesal: participação em torneios regionais		

Atelier de Artes Plásticas e Grafitti			Atividades desportivas de exterior: escalada, rapel		
	90	Promover a autodescoberta e a valorização de capacidades pessoais	Pintura	Professor de artes plásticas/ artista urbano	12
		Promover a negociação através da criação de um painel comum.	Modelagem		
		Criar uma exposição pública dos trabalhos no Bairro.	Grafitti		

Quadro 1- Workshops Temáticos

Quadro 2- Atividades lúdico-pedagógicas e de desenvolvimento pessoal				
Atividade	Objetivos	Estratégias/Conteúdos	Equipa de Formação	Participantes
Apoio Escolar	Melhorar o sucesso escolar para 7 estudantes;	Conteúdos programáticos dos 2 ^{os} e 3 ^{os} ciclos do ensino básico	2 monitores licenciados	10
Educação para a cidadania	Desenvolvimento de competências sociais	Workshops de Educação para os Valores Diversidade Cultural, Negociação, Solidariedade, Empreendedorismo	Técnico Superior de Educação/monitor	20
Prevenção Primária	Prevenção e Redução dos comportamentos de risco	Trabalhar os temas gerais da prevenção primária com dinâmicas de grupo	Técnico Superior de Educação/monitor	15
Aconselhamento Psicológico Individual	Ajudar os jovens a aumentar a sua auto estima e o seu autoconceito e a diminuírem os seus comportamentos de	Consulta psicológica	1 Psicólogo, 3 estagiários de psicologia	15
Grupo de desenvolvimento pessoal “Chat à vida”	violência;	Grupo terapêutico		10

Quadro 2 – Atividades Lúdico-pedagógicas e de desenvolvimento pessoal

Quadro 3 - Formação Parental					
Objetivos	Horas	Conteúdos programáticos	Equipa Formadora	Participantes	
Sensibilização para a supervisão parental Estimulação para a partilha de afetos Desenvolvimento de competências parentais	24	Comunicação assertiva	Técnico superior de educação/ psicólogo	12 pais/mães por grupo (2grupos)	
		Gerir situações de conflito			
		Desenvolver a autoestima dos filhos			
		Responsabilidades na construção do projeto de vida			
Gestão Doméstica					
Promover hábitos de consumo responsáveis e racionais; Otimizar a gestão doméstica dos	48	Saúde	Cuidados básicos	Psicólogo/Serviço Social	
			Cuidados de higiene		
			Prevenção do consumo de drogas e de álcool		
			Gravidez		
				10 por grupo (2 grupos)	

rendimentos; Investir no desenvolvimento de comportamentos preventivos no âmbito da saúde;		Exercício físico e os exercícios aconselháveis na maternidade	
		Alimentação e cuidado de bebés prematuros	
		Cuidados a ter no desenvolvimento infantil e juvenil	
		As várias formas da Violência Doméstica	
	Economia e Consumo	Saber gerir racionalmente os principais recursos ao seu alcance	
		Saber gerir as emoções no ato da compra numa ótica mais racional	
	Compreender a necessidade de aplicar convenientemente os investimentos		

	Ter uma atitude pró-ativa através de um planeamento doméstico eficaz das despesas	
	Compreender os mecanismos subjacentes ao ato de compra	
	Saber consumir com responsabilidade	
	Saber agir a favor dos seus direitos enquanto cidadão	

Quadro 3- Formação Parental

4. 2. Calendário de Atividades

Quadro 4 - Calendário		
Data	Atividade	Descrição
JANEIRO a DEZEMBRO	“Chat à Vida” Consulta Psicológica	Workshop de desenvolvimento pessoal - 2h por semana para 10 jovens Sessões de uma hora individual por semana, disponibilizada a 15 jovens, sob pedido.
ABRIL a JUNHO	Curso de Gestão Doméstica	Saúde Economia e consumo Duração de 48 horas, 4 horas por semana para 10 formandos
JANEIRO a DEZEMBRO	Apoio ao Estudo	Acompanhamento nos trabalhos de casa e estudo das matérias. Durante o período escolar 8 horas por semana para 12 utentes.
JANEIRO a DEZEMBRO	Atividades Lúdico-pedagógicas	Oficinas de Hip-Hop e Dança, Teatro - 2h semanais
JAN MAR MAI SET NOV	Prevenção Primária	Atividades de prevenção do abandono escolar e de promoção do sucesso escolar, através do desenvolvimento de competências pessoais, escolares e sociais 2 horas semanais para 2 grupos de 10 utentes
JANEIRO a DEZ	Atividades Desportivas/ Escola de Futebol	Torneios de ping-pong 6 horas semanais para 20 utentes. Criação e dinamização de uma equipa de futebol

		De Janeiro a Dezembro, 2 horas por semana para 15 adolescentes.
JANEIRO a DEZEMBRO	Ateliers de Artes Plásticas e Grafitti	Iniciação às Artes Plásticas (pintura, manuseamento de massas de modelar, barro, tecido, papel, etc.) e Grafitti 2 horas semanais para 6 jovens por grupo
JAN/JUN – OUT/DEZ	Formação para a Saúde	Cuidados Básicos de Saúde: Oficina de Nutrição, Higiene pessoal e doméstica, Planeamento Familiar 2 horas por semana para 20 utentes
JANEIRO a DEZEMBRO	Educação para a Cidadania	Workshops de Educação para os Valores (Diversidade Cultural, Negociação, Trabalho de Grupo, Solidariedade, Empreendedorismo) 2 horas por mês para 20 jovens
SET OUT NOV DEZ	Formação Parental	Curso de Formação para a Educação Parental (Comunicação, Afetividade, Responsabilização) Aconselhamento parental De Setembro a Dezembro, 4 horas por mês para 12 pais e encarregados de educação.

Quadro 4 – Calendário de Atividades

4.3. Plano de Avaliação

A avaliação é “o processo pelo qual se delimita, se obtém e se fornece informações úteis, permitindo ajuizar sobre decisões futuras e é um aviso sobre a eficácia de uma intervenção ou de um plano que está a ser implementado” Guerra I.C. (2002: 186).

Neste sentido, delineámos um plano de avaliação por objetivos que nos permite aferir a adequação, eficácia e eficiência das estratégias e atividades propostas ao longo da implementação do projeto (possibilitando o seu melhoramento em função dos objetivos), e medir após finalização em que medida se obteve uma mudança dos comportamentos de violência, para uma reflexão sobre futuras ações.

4.3.1. Metodologia de avaliação

- Avaliação *on-going* com a equipa e atividades a longo-termo (Guerra I.C., 2002; Salgado C. 1996).
- Avaliação final (*ex-post*) que compara os objetivos definidos com os objetivos alcançados (Guerra, I. C., 2002; Salgado, C.,1996).

4.3. 2. Instrumentos de avaliação

- Avaliação participativa através de entrevistas em grupo para medir os resultados das ações formativas e aferir os processos, permitindo a sua adequação aos objetivos.
- Questionário sobre a satisfação dos utentes do projeto em Junho (avaliação intercalar) e em Dezembro (avaliação final).
- Aplicação de questionário antes e depois das formações (workshops, cursos e ateliers) para avaliar a aquisição de novos conhecimentos/valores.
- Rácio entre o número previsto de participantes e o número de participantes efetivos das atividades
- Número de participantes que atingem os objetivos propostos nas atividades formativas e de prevenção para a saúde.

- Avaliação interna mensal realizada em reuniões de equipas
- Avaliação do impacto 6 meses após o projeto pela realização de entrevistas em grupo com jovens e técnicos de instituições.

4.4. Recursos humanos e materiais e orçamento

4.4.1. Recursos Humanos

- Coordenador do projeto (full time)
- 2 Técnicos Monitores (full time)
- 1 Polivalente (full time)
- 7 formadores (ocasional)
- 10 voluntários indiferenciados

4.4.2. Recursos Materiais

- 1 Computador portáteis
- 1 Vídeo projetor
- 1 Impressora multifunções
- 2 Quadros para salas de formação
- Mesas e cadeiras para 30 formandos
- 1 Mesa de *ping-pong*
- Mobiliário para sala de convívio
- Material de desgaste (workshops/ateliers, salas de formação e apoio ao estudo)

4.4.3. Orçamento

Para o orçamento concorrem, ao nível das receitas, as contribuições das instituições parceiras, em materiais e recursos humanos, bem como o valor da taxa moderadora paga pelos utentes nas várias atividades e

formações e ainda, as comparticipações salariais advindas dos programas de apoio ao emprego do Instituto de Emprego e Formação Profissional.

As despesas foram calculadas em função da informação dada pela instituição de acolhimento quanto aos valores habituais relacionados com as instalações e com os encargos com o pessoal. Foi realizada uma pesquisa de mercado quanto aos valores a atribuir ao equipamento básico e despesas de funcionamento.

Quadro 5 – Orçamento			
Receitas		Despesas	
Associação Vida Abundante	47.539,20	Encargos com Instalações	
Desafio Jovem Portugal	3.600,00	Renda	900,00
Alfalit Portugal	1.500,00	Água	360,00
IEFP - Apoio Emprego	2.160,00	Luz	720,00
Comparticipação de Utentes	900,00	Segurança	600,00
		Comunicações	1.020,00
		Subtotal	3.600,00
		Encargos com Pessoal	
		Salários	35.988,00
		Transporte	996,00
		Subsídio de Almoço	4099,20
		Seguros	604,00
		Pessoal Externo	6.600,00
		Subtotal	48287,20

			Equipamento Básico	
			Informático	1.500,00
			Mobiliário	3.200,00
			Subtotal	4.700,00
			Despesas de funcionamento	
			Material de Desgaste Rápido	
			Alimentos	7.200,00
			Economato	1.200,00
			Limpeza	680,00
			Manutenção de Instalações	500,00
			Despesas com veículo alocado ao Projeto	
			Combustível	1.200,00
			Manutenção Veículo	600,00
			Material Lúdico-Pedagógico	
			Ateliers	1.200,00
			Atividades Lúdicas	2.000,00
			Material de Formação	
			Cursos	1.500,00
			Material didático	2.200,00
			Seguros	
			Utentes – Acidentes	120,00
			Pessoais	
			Responsabilidade civil	150,00
			Subtotal	24.550,00
Total	75.139,20		Total	75.139,20

Quadro 6 – Mapa Orçamental

IV. Reflexão/ Conclusão

Tendo em conta as preocupações sociais relativamente aos comportamentos juvenis delinquentes, onde se inclui a violência, tem sido realizada uma ampla investigação sobre esta problemática, no sentido de identificar as suas causas e explorar soluções. Como resultado das investigações têm surgido críticas que apontam para políticas pouco planeadas e pouco adequadas que frequentemente se dirigem a aspetos superficiais e ignoram as raízes do problema (Agra, 2008; Carvalho, 2005; Ferreira, 1997), sugerindo uma ação integrada e multidisciplinar dos vários atores sociais.

Neste sentido delineou-se o presente projeto que pretende contribuir para a identificação e resolução de alguns problemas corporizados pelos jovens da Quinta das Laranjeiras e Casal dos Machados que assentou num diagnóstico realizado em campo, junto dos habitantes e das instituições a operar no terreno.

Decidimos construir a investigação recorrendo à perspetiva de dois grupos diferentes: jovens e técnicos de instituições. Os jovens foram selecionados de forma aleatória, os técnicos inquiridos eram de diferentes instituições e encontravam-se a trabalhar no local. Foi construído um guião de entrevista semi-diretiva com o objetivo de recolher informação sobre as causas que estariam na origem dos comportamentos de violência e eventuais soluções.

Encontrámos como problemas de base conducentes ao comportamento de violência, a influência de jovens mais velhos que dominam os territórios e formam *gangs* ligados ao tráfico de drogas e a deficiente estrutura familiar.

Da análise de resultados do diagnóstico identificámos constrangimentos relacionados com o mesmo, levantados pela não inclusão das famílias na amostra. Verificou-se a atribuição de um papel preponderante às famílias no desenvolvimento dos comportamentos de violência, pelo que o diagnóstico teria sido enriquecido pela aplicação de questionários a pais ou outros encarregados de educação.

Efetivamente, reconhecemos que uma prevenção sustentável dos comportamentos de violência juvenil, na perspetiva de resultados a longo prazo, deve

envolver as famílias na procura de soluções, o que é consistente com a perspetiva das instituições entrevistadas ao identificarem na origem do problema a desestruturação familiar e os comportamentos antissociais geracionais.

Assim, apesar de não incluídos na amostra, o projeto contempla uma vertente de formação de adultos que proporcionará aos pais e outros encarregados de educação a oportunidade e as ferramentas para o desenvolvimento de competências de gestão familiar e prevenção de comportamentos de risco. Sendo certo que a inclusão dos formandos no planeamento da formação permite uma melhor adequação da mesma, privilegiam-se uma metodologia de ensino participativa.

Futuros trabalhos de investigação poderão contemplar a perspetiva dos pais sobre o problema e dar, assim, continuidade ao conhecimento que nunca se esgota, abrindo o caminho a próximos investigadores num *continuum* de descoberta que permite evoluir e proporcionar às pessoas, às famílias, às comunidades e à sociedade em geral uma vida mais plena, melhor bem-estar social e melhor qualidade de vida.

Da revisão da literatura e da análise do diagnóstico, foi construído um projeto de formação nos seguintes eixos: O jovem e a família. O planeamento teve em consideração as propostas dos participantes e inclui estratégias para o desenvolvimento das competências de negociação, a valorização pessoal ao nível das competências pessoais e a formação de valores de tolerância e aceitação, bem como o desenvolvimento de competências parentais.

De acordo com os objetivos definidos, este projeto investe no desenvolvimento de competências sociais nos jovens, ainda que em número necessariamente reduzido, proporcionando-lhes um meio de aceitação e valorização da pessoa que permita o desvincular de associações negativas com os *gangs*, a aprendizagem de valores e a adoção de estratégias construtivas de afirmação, promovendo assim o desenvolvimento pessoal e a diminuição dos comportamentos de violência.

Referências Bibliográficas

- Afonso, N. (2005) *Investigação Naturalista em Educação: Um guia prático e crítico*. Lisboa: Asa Editores, S.A.
- Agra, C. (2008). *Entre droga e crime*. (2ªTh ed). Cruz Quebrada: Casa das Letras.
- Alves, N. (2007). *Inserção Profissional e Formas Identitárias: Percursos dos Licenciados da Universidade de Lisboa*. Dissertação de Doutoramento
- Angel, P., Richard, D. e Valleur, M. (2002). *Toxicomanias*. Lisboa: Clempsi Editores.
- Bardin L. (2009). *Análise de conteúdo.*, Lisboa: Edições 70.
- Bordet, J. (1998). *Les « jeunes de la cite»*. Paris; Presses Universitaires de France
- Born, M. (2005). *Psicologia da Delinquência*, Lisboa: Climepsi, Editores.
- Canário, R. (1999). *Educação de Adultos. Um Campo e uma Problemática*, Lisboa: Educa.
- Canário, R. e Cabrito, B. (org.) (2005). *Educação e Formação de Adultos. Mutações e Convergências*. Lisboa: Educa.
- Cavaco, C. (2008). *Adultos Pouco Escolarizados: Diversidade e Interdependência de Lógicas de Formação*. Dissertação de Doutoramento. Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Lisboa.
- Costa, J. A. (2007). *Projectos em Educação: Contributos de Análise Organizacional*. Aveiro: Universidade de Aveiro.
- Costa e Silva, A. M., e Moreira, M. A. org. (2009). *Formação e Mediação Sócio-Educativa. Perspectivas Teóricas e Práticas*. Porto: Areal Editores.

- Dias F. N. (2003). *Educação e Projecto de Vida. Antes e Depois da Toxicodependência*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Dias, F. N. (2004). *Relações Grupais e Desenvolvimento Humano*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Dubet, F. e Lapeyronnie, D. (1992). *Les Quartiers D'Exil*. Paris: Editions du Seuil.
- Finger, M. e Asún, J. M. (2003). *A Educação de Adultos numa Encruzilhada*. Porto: Porto Editora.
- Fonseca, A. C. (Ed.) (2004). *Comportamento anti-social e crime. Da infância à idade adulta*. Coimbra. Almedina
- Gonzalez-Pérez, J. e del Pozo, M. J. C. (2007). *Educar para a não-violência. Perspectivas e estratégias de Intervenção*. Algueirão Mem-Martins: Keditora.
- Gordon, T. (1998). *Eficácia na Educação dos Filhos*. Loures: Encontro.
- Guerra, I. C. (2002). *Fundamentos e Processos de uma Sociologia de Acção. O Planeamento Em Ciências da Educação*. 2ª ed. S. João do Estoril: Principia Editora.
- Guerra, I. C. (2006). *Participação e Acção Colectiva – Interesses, conflitos e consensos*. Estoril: Principia Editora.
- Guerra, I. C. (2006). *Pesquisa Qualitativa e Análise de Conteúdo – Sentidos e formas de uso*. Cascais: Principia Editora.
- Jares, R. X. (2007). *Pedagogia da Convivência*. Jornal a Pagina da Educação. Porto: Profedições, Lda.
- Karli, P. (2008). *As Raízes da Violência*. Lisboa: Instituto Piaget.

Kiritze-Topor, P., Benard, Jean-Ives (2007). *Guia Prático Climepsi de Alcoologia*.

Lisboa: Climeps Editores.

Lopes, M. S. (2008). *Animação Sócio-Cultural*, Lisboa: Intervenção.

Matos, M., Negreiros, J., Simões, C. e Gaspar, T. (2009) *Violência, Bullying e*

Delinquência. Gestão de Problemas de Saúde em Meio Escolar. Lisboa: Coisas

de Ler Edições.

May, R. (1953). *O Homem à procura de si mesmo*. Petropolis, R.J.:Vozes.

Moura, D., Guerra, I., Pain, J. e Pinto, T. (2003). *Construção de identidades:*

imagens e expectativas dos jovens em contexto de realojamento. Lisboa: C.E.T.-

ISCTE

Moura, D. (2005). *Riscos e delinquências juvenis em contextos de realojamento*.

Cidades, comunidades e territórios. Lisboa: C.E.T - I.S.C.T.E

Ogein, A. (1999). *Sociologie de la Deviance*. Paris: Armand Colin.

Quivy, R. e Campenhoudt, L. (2008). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*,

Lisboa: Gradiva.

Rogers, C. (1985). *Tornar-se Pessoa*. (7ªed) (M. C. Ferreira, Trad.) Lisboa: Moraes

Serrano, G. P. (2008). *Elaboração de Projectos Sociais*. Porto: Porto Editora.

Silva, A. M. (2004). *Desenvolvimento de Competências nos Adolescentes*.

Perspectiva de prevenção em saúde mental na adolescência. Lisboa: Climepsi

Editores.

Strecht, P. (1999). *Preciso de ti. Perturbações psicossociais em crianças e*

adolescentes. Lisboa: Assírio & Alvim

Suzana K. e Walshaw, T. (2008). *Person-Centred Work with Children and Young people: UK practitioner perspectives*. PCCS BOOKS Ltd. Herefordshire UK.

Trilla, J. coord. (1997 e 1998). *Animação Sociocultural. Teorias, Programas e Âmbitos*. Lisboa: Editorial Ariel.

Trilla, J., Gros, B., López, F. e Martin, M. J. (1993 e 2003). *La educación fuera de la escuela. Âmbitos no formales y educacion social*. Barcelona: Editorial Ariel.

Documentos eletrónicos

Almeida, J. (2005). *Delinquência Juvenil*. [documento electrónico]. Consultado em [Julho, 2009] em <http://www4.fe.uc.pt/fontes/trabalhos/2004006.pdf>

Alves, N. (2007). *E se a Melhoria da Empregabilidade dos Jovens Escondesse novas formas de Desigualdade Social?* Sísifo. Revista de Ciências da Educação, Nº 2, pp. 60-62. Consultado em [Julho, 2012] em <http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/5521/1/sisifo0205.pdf>

Câmara Municipal de Lisboa (2008). *Habituação Municipal: Contributos para um novo modelo de gestão*. Lisboa. [documento electrónico]. Consultado em [Novembro, 2009] em <http://habitacao.cmlisboa.pt/documentos/1233065274Q3jKA7bw5Ka42TT4.pdf>

Caliman, G. (2006) *Estudantes em Situação de Risco e Prevenção*. [documento electrónico]. Consultado em [Janeiro, 2012] em <http://sites.google.com/a/redesalesiana.net/www/artigos>

Caregnato, R. C. A.; Mutti, R. (2006) *Pesquisa qualitativa: análise de discurso versus análise de conteúdo*. [Documento Electrónico]. Consultado em [Março 2011] em

<http://www.scielo.br/pdf/tce/v15n4/v15n4a17.pdf>

Carrera, G. O., Lechner, F. e Palmeira, M. J. (s.d.). *Aproximações Preliminares Entre as Teorias Sociais Clássicas Sobre a Marginalidade e a Situação de Crianças e Adolescentes explorados sexualmente*. P3 [documento electrónico]. Consultado em [Janeiro, 2012] em

<http://www.cedeca.org.br/conteudo/noticia/arquivo/3870FAE9-92B6-5B3A-54A730DDA03F9558.pdf>

Carvalho, M. J. L. (2005). *Jovens, Espaços, Trajectórias e Delinquências*. Sociologia, problemas e práticas, n.º 49. [documento electrónico]. pp. 71-93 consultado em [Dezembro, 2009] em

<http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/spp/n49/n49a05.pdf>.

Equipa Investigação Centro Estudos Geográficos. *Espaços e Expressões de Conflito entre Nacionais e Minorias migrantes e não migrantes na AML*. [Documento Electrónico]. P. 6. Consultado em [Janeiro 2012] em

[http://www.oi.acidi.gov.pt/docs/Estudos%20OI/SumE/conflitualidade%20AML.p](http://www.oi.acidi.gov.pt/docs/Estudos%20OI/SumE/conflitualidade%20AML.pdf)
[df](http://www.oi.acidi.gov.pt/docs/Estudos%20OI/SumE/conflitualidade%20AML.pdf)

Ferreira, P. M. (1997). *Delinquência Juvenil, família e escola*. *Análise Social*, vol.

XXXII (143), 1997 (4.º-5.º). [documento electrónico]. Pp. 913-924 Consultado em [Novembro, 2011] em

<http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1218793968M7uDQ9ah6Bb71JL6.pdf>

- Horta, M. (2010) *Nas margens do ribeiro – Laredo, Expressões dos pescadores do Barlavento Algarvio para definir a zona entre marés*. Quarta-feira, 13 de Outubro de 2010. [Documento Electrónico]. Consultado em [Fevereiro 2012] em <http://miguelhorta.blogspot.com/search/label/Media%C3%A7%C3%A3o%20do%20livro%20e%20da%20leitura?updated-max=2010-10-15T10%3A07%3A00%2B01%3A00&max-results=20>
- Instituto da droga e da toxicodependência (2010). *Relatório Anual 2010: A Situação do País em Matéria de Drogas e Toxicodependências*. [documento electrónico]. Consultado em [Dezembro, 2011] em <http://www.idt.pt/PT/Estatistica/Paginas/TendenciasporDrogas.asp>
- João, A. & Isabel, F. (2008). *Prevenção da violência nas escolas – Portugal*. Definições, incidência e causas da violência em Portugal. [documento electrónico]. Consultado em [Junho, 2009] em <http://eb23av.googlepages.com/Prevenodaviolncianasescolas-Portugal.pdf>
- Lisboa – O Outro Bairro, n.º 1; CML / GEBALIS, Dezembro de 1999. *Os Nossos Bairros: Bairro Casal dos Machados*. [documento electrónico]. Consultado em [Outubro, 2010] em http://www.gebalis.pt/site/html/casal_machados.
- Marques, R. M. P. (2003). *Políticas de gestão da diversidade étnicocultural*. Da assimilação ao multiculturalismo. [documento electrónico] Consultado em [Novembro, 2009] em <http://www.oi.acidi.gov.pt/modules.php?name=Content&pa=showpage&pid=15>
- Mohandas, Gandhi. *The words of Gandhi*. [documento electrónico]. Consultado em [Julho, 2012] em

<http://www.citador.pt/textos/a-nao-violencia-e-a-cobardia-nao-tem-nada-a-ver-uma-com-a-outra-mohandas-karamchand-gandhi>

Moura, D. (coord.), Guerra, I., Gomes, M. P., Guerra, A., Lourenço, F. e Gerardo, F. (2005). *Construção de identidades, imagens e expectativas de jovens em contexto de realojamento*. Actas dos ateliers do V Congresso Português de Sociologia: Sociedades contemporâneas: Reflexividade e Acção. Atelier: Cidades, Campos e Territórios. [documento electrónico]. Consultado em [Outubro, 2009] em www.aps.pt/cms/docs_prv/docs/DPR460f8d95b98d3_1.pdf

Oliveira, A., Galego, C. e Goudinho, L. (2005). *A Mediação Sócio-Cultural: Um Puzzle em Construção* Observatório da Imigração. ACIME [documento electrónico]. Consultado em [Maio, 2012] em <http://www.oi.acidi.gov.pt/docs/Estudos%20OI/Estudo%2014.pdf>

Procuradoria geral distrital de Lisboa *A Intervenção Tutelar Educativa no Distrito Judicial de Lisboa*. [documento electrónico]. Consultado em [Abril, 2012] em <http://www.pgdlisboa.pt/pgdl/docpgd/files/Documento%20ITE%20Julho%202009.pdf>

Programas Especiais. Programa Integrado de Policiamento de proximidade (PIPP). [documento electrónico]. Consultado em [Abril, 2012] em <http://www.psp.pt/Pages/programasespeciais/pipp.aspx?menu=1>

Salgado, Cristina (1996). *Formar e Avaliar: um Processo Interactivo*. Revista Dirigir, 43, pp. 14-18. [Documento electrónico]. Consultado em [Julho, 2012] em http://www.iefp.pt/iefp/publicacoes/Dirigir/Documents/1996/DIRIGIR_43.pdf.

- Silva I.P. (2006). *Da Experiência Urbana à Construção Identitária dos Lugares*. *Finisterra*, XLI, 81. pp. 171-188. [Documento Electrónico]. Consultado em [Janeiro 2012] em <http://br.monografias.com/trabalhos908/da-experiencia-urbana/da-experiencia-urbana.pdf>
- Vich, Victor (2001). *Cultura, Heterogeneidad, Diferencia*: Estudios Culturales. Discursos, poderes y pulsiones. Editores Santiago López Maguiña, Gonzalo Portoc. Red para el Desarrollo de las Ciencias Sociales, Perú [documento electrónico]. pp. 27-41 Consultado em [Dezembro, 2009] em <http://www.cholonautas.edu.pe/modulos/biblioteca2.php?IdDocumento=0348>
- Vinagre, M. G. & Lima, M. L. (2006). *Consumo de álcool, tabaco e droga em adolescentes: Experiências e julgamentos de risco*. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 7 (1), 73-811 Escola Superior de Enfermagem de Calouste Gulbenkian de Lisboa 2 Departamento de Psicologia Social e das Organizações, ISCTE, Lisboa. [documento electrónico]. Consultado em [Outubro, 2009] em <http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/psd/v7n1/v7n1a05.pdf>

Legislação

- Lei nº 166/99 de 14 Setembro. DIÁRIO DA REPÚBLICA — I SÉRIE-A N.º 215 — 14-9-1999 [Documento Electrónico]. P. 6320. Consultado em [Abril 2012] em http://www.cnpcjr.pt/preview_documentos.asp?r=314&m=PDF
- Lei n.º 85/2009 de 27 de Agosto. *Diário da República nº 166— I Série –A. 14-9-1999. Assembleia da República. Lisboa*. [Documento Electrónico]. P. 6320.

Consultado em [Abril 2012] em

http://www.cnpcjr.pt/preview_documentos.asp?r=314&m=PDF

Lei nº 105/2001 de 31 de Agosto. *Diário da República nº 202 - I Série A. Assembleia da República. Lisboa*. [Documento Electrónico]. Consultado em [Janeiro 2010] em

<http://dre.pt/pdfgratis/2001/08/202A00.PDF>

Bibliografia Consultada

- Bell, J. (1997). *Como Realizar um Projecto de Investigação*. Lisboa. Gradiva.
- Colectânia de Ensaio CAIS (2004). *Sem-Abrigo e Emigração*. Olhares sobre a Realidade em Portugal. Lisboa. Padrões Culturais Editora.
- Dias, F. N. (2007). *O Medo Social e os vigilantes da Ordem Emocional*. Lisboa. Instituto Piaget
- Ferreira, L. (2011). *Da Pessoa para a Comunidade: A Influência do Desenvolvimento Pessoal nos Comportamentos Delinquentes*. (Dissertação de mestrado em relação de ajuda e intervenção terapêutica). Lisboa. Universidade Autónoma de Lisboa.
- Parrot, Les (2000). *Adolescentes em Conflito*. São Paulo. Editora Vida.
- Pereira, C. A. (2009). *Meninos de Ninguém*. Lisboa. Editora Ulisseia.
- Reis, F. L. (2010). *Como Elaborar uma Dissertação de Mestrado Segundo Bolonha*. Lisboa. Pactor-Edições de Ciências Sociais e Política Contemporânea
- Rodão, V. S. (2007). *Gestão de Projectos: Abordagem Instrumental ao Planeamento, Organizacional e controlo*. Lousã. Monitor
- Sampaio, D. (2001). *Inventem-se Novos Pais*. Rio de Mouro. Circulo de Leitores.

Anexos

- A. Guião de entrevista aos jovens
- B. Guião de entrevista aos Técnicos de Instituições
- C. Transcrição de entrevistas (apenas em CD)
- D. Grelhas de análise das entrevistas
- E. Quadro Comparativo das Entrevistas
- F. Descrição Desafio Jovem
- G. Grelhas de Desconstrução de Texto (apenas em CD)
- H. Descrição Associação Vida Abundante
- I. Descrição Alfalit Portugal
- J. Pedido de autorização para entrevista aos pais dos jovens menores
- K. Solicitação de acolhimento do projeto à Associação Vida Abundante

Guião de Entrevista aos Jovens

Tema: Caminho de Mudança: Da violência à negociação

O papel das competências de negociação na resolução de problemas de violência.

Público: Jovens moradores dos bairros do Casal Machados e Quinta das Laranjeiras com idades compreendidas entre os 12 e 24 anos.

Objectivo Geral: Recolher dados que permitam caracterizar os comportamentos de violência e marginalidade dos jovens que moram no bairro Casal dos Machados e Quinta das laranjeiras.

Objectivos específicos:

Blocos	Formulário de Questões	Objectivos Específicos
Bloco A Legitimação da entrevista	Solicito que me faculte as respostas a algumas questões que considero pertinentes para a compreensão desta temática. Permite que grave a entrevista?	A razão da minha entrevista enquanto aluno do IEUL e Mestrando em Ciências da Educação, na Área de especialização da Formação de Adultos.
Bloco B Caracterizar as relações entre os moradores dos bairros da Quinta das Laranjeira e Casal dos Machados	1-Como é que tu descreves as relações entre os jovens do bairro? 2-Como interpreta as relações dos jovens com os moradores em geral?	Recolher dados de informação que permitam caracterizar as relações entre os moradores
Bloco C Caracterizar os comportamentos de violência juvenil	1-Para ti, o que é a violência? 2-De acordo com o teu conceito de violência, existem comportamentos de violência entre os jovens do bairro? 3-Se não, porque achas que não há? 4-Como caracteriza esses comportamentos de violência juvenil. 5-Consideras que a violência é um problema? 6-Em que medida consideras que a violência afecta os relacionamentos e a qualidade de vida entre os moradores do bairro? 7-Quem são os promotores da violência? 8-Qual o tipo de violência mais observada? 9-Como respondes à violência?	Recolher dados de informação que permitam caracterizar os comportamentos de violência juvenil.

<p>Bloco D Identificar as razões de base dos comportamentos de violência</p>	<p>1-quais as razões que estão na origem da violência entre os jovens? 2-A que tipo de coisas que te poderia dizer ou fazer neste momento, que te levasse a reagires com violência? 3-Em que situações tu reages com violência? 4-Praticar violência é para ti um comportamento normal?</p>	<p>Conhecer as razões que levam os jovens a recorrerem aos comportamentos de violência na resolução dos seus problemas.</p>
<p>Bloco E Caracterizar as possíveis propostas apontadas pelos inquiridos como respostas de resolução aos problemas da violência</p>	<p>1-Que tipo de soluções tu propões, que possam ajudar a resolver estes problemas? 2-De que maneira estarias disposto a ajudar?</p>	<p>Saber junto dos inquiridos quais as propostas de solução encontradas no sentido de se poder inverter uma situação propicia a comportamentos de violência numa outra de não-violência</p>
<p>Bloco F Agradecimentos</p>	<p>Reconhecido pela colaboração. Terei todo o gosto depois de transcrita, entregar-te uma cópia da entrevista de modo a poderes verificar se está tal como me disseste..</p>	<p>Finalizar a entrevista. Agradecimentos Garantir, caso entrevistado assim o pretenda uma cópia da informação prestada</p>

Guião de Entrevista aos Técnicos das Instituições

Tema: Caminho de Mudança: Da violência à negociação

O papel das competências de negociação na resolução de problemas de violência.

Público: Instituições a operarem junto das populações dos bairros do Casal dos Machados e Quinta das Laranjeiras.

Objectivo Geral: Recolher dados de opinião que permitam caracterizar as representações das instituições relativamente aos comportamentos de violência e marginalidade dos jovens do bairro Casal dos Machados e Quinta das Laranjeiras.

Objectivos específicos:

Blocos	Formulário de Questões	Objectivos Específicos
Bloco A Legitimação da entrevista	Solicitamos que nos faculte as respostas a algumas questões que consideramos pertinentes para a compreensão desta temática. Permite-nos que gravemos a entrevista?	A razão da nossa entrevista enquanto alunos da FPCE e Mestrandos em Ciências da Educação, na Área de especialização da Formação de Adultos.
Bloco B Caracterizar as relações entre os moradores da Quinta das Laranjeira e Casal dos Machados	1-No seu entender como caracteriza as relações entre os jovens do(s) bairro(s)? 2-Como interpreta as relações dos jovens com o restante da população? 3-Como caracteriza as relações dos jovens com a sua instituição?	Recolher dados de informação que permitam caracterizar as relações entre os moradores
Bloco C Caracterizar os comportamentos de violência juvenil	1-Existem comportamentos de violência entre os jovens do(s) bairro(s)? 2- Se sim, em que medida é que os comportamentos de violência entre os jovens afectam a normalidade de vida do(s) bairro(s)? 3-Como caracteriza os comportamentos de violência entre os jovens do(s) bairro(s)?	Recolher dados de informação que permitam caracterizar os comportamentos de violência juvenil.
Bloco D	1-No seu entender, quais as razões que	Conhecer as razões que levam os jovens a

<p>Identificar as razões de base dos comportamentos de violência</p>	<p>estão na origem dos comportamentos de violência entre os jovens do(s) bairro(s)? 2-O que é que o levou a concluir quanto às mesmas razões por si apontadas e que estão na origem dos comportamentos de violência entre os jovens do(s) bairro(s)?</p>	<p>recorrerem aos comportamentos de violência na resolução dos seus problemas</p>
<p>Bloco E Caracterizar as possíveis propostas apontadas pelos inquiridos como respostas de resolução aos problemas da violência</p>	<p>1-Enquanto instituição, que propostas pode apontar como solução para os problemas da violência juvenil do(s) bairro(s)? 2-Porque razão acha serem essas as propostas mais indicadas como solução para os problemas da violência juvenil entre os jovens do(s) bairro(s)?</p>	<p>Saber junto dos inquiridos quais as propostas de solução encontradas no sentido de se poder inverter uma situação propicia a comportamentos de violência numa outra de não-violência</p>
<p>Bloco F Agradecimentos</p>	<p>Reconhecidos pela colaboração. Teremos todo o gosto depois de transcrita em oferecer-lhe uma cópia da entrevista de modo a poder verificar se está tal como nos disse</p>	<p>Finalizar a entrevista. Agradecimentos Garantir caso entrevistado assim o pretenda uma cópia da informação prestada</p>

Análise das Entrevistas às Instituições

Categorias	Componentes	Exemplos	Frequências	Resultados
Caracterizar as relações entre os moradores da Quinta das Laranjeira e Casal dos Machados	Tensos	<p>“...são quase inexistentes...”</p> <p>“... juntam-se, mas não, não interagem uns com os outros.”</p> <p>“...são relações tensas, tensas.”</p> <p>“... queixam-se todos muito uns dos outros.”</p> <p>“As relações publicamente também são muito tensas...”</p> <p>“...não há muito relacionamento com a parte restante da população ou com os mais velhos.”</p> <p>“...relacionamentos normais dos <i>gangs</i>, o que distância um bocado as relações inter-geracionais”</p> <p>“... as pessoas mais velhas começam a ver... a relação dos jovens... com uma conotação negativa...”</p>	69	54%
	Respeito	<p>“... da nossa experiência, ela parece-nos boa...”</p> <p>“... existem outras pessoas, alguns outros que não, que nós sentimos que há protecção...”</p> <p>“... os que oferecem resistência...eles não se metem com eles admiram-nos ou respeitam-nos...”</p>	8	6%
	Conflitos	<p>“... um que anda à zaragata com outro por qualquer motivo...”</p> <p>“... depois no outro dia...há umas zaragatas...”</p> <p>“... depois aquele que foi atingido vai fazer queixa aos irmãos ou aos primos...”</p> <p>“... naquele lote lá em baixo deram dois tiros na porta de entrada...”</p> <p>“... escaramuças entre eles...”</p>	24	18,7%

	Comunicação deficiente	<p>“...têm dificuldades em conversar uns com os outros...”</p> <p>“... como não comunicam bem, acabam por trazer conflitos e discussões que depois podem evoluir para conflitos mais violentos.”</p>	13	10%
	Relação de domínio	<p>“... não é uma relação de igual para igual...”</p> <p>“... uma relação de supremacia de um sobre o outro...”</p> <p>“... um é o dominante, e o outro é o dominado, geralmente o mais fraco.”</p> <p>“... alguém que domina e os outros que se submetem, ao domínio do líder...”</p> <p>“... não é nunca, penso eu, pela experiência que tenho, uma relação de igualdade.”</p>	7	5,2%
	Ameaças e intimidação	<p>“... medir de forças, pode ser pela intimidação através de ameaças...”</p> <p>“... a reacção dele foi de agressividade em termos da linguagem e intimidatória. “</p>	3	2,3%
	Comportamentos que alteram a educação tradicional	<p>“... ultimamente, tem-se notado uma fuga desse relacionamento em prol de comportamentos desviantes...</p> <p>... já se usa que determinados indivíduos envolvidos em actos ilícitos...</p> <p>...já começam a infringir a regra numero um do bairro que é não fazer mal aos de dentro e isso já se começa a verificar.</p>	4	3,1%
Caracterizar os comportamentos de violência juvenil	Violência física	<p>“...troca de tiros ou até uma faca no braço sei lá ou uma coisa ou outra...”</p> <p>“...Aqui dentro...do espaço, nós sentimos quando se passa à violência física...”</p>	52	28,42%

		<p>“...passar à agressão física com facilidade.”</p> <p>“... comportamentos mais violentos que envolvem inclusive esfaqueamentos.”</p> <p>“...espancar alguém porque tem alguém porque tem uma deficiência...”</p> <p>“... batem no rapaz das pizzas para ficar com o dinheiro...”</p> <p>“...o carteiro, levou uma tarefa ali no meio da rua...”</p> <p>“...deram-lhe um par de murros e foram-se embora.”</p> <p>“... jogos à asfixia...”</p>		
	Violência verbal	<p>“... há a parte verbal mas quando se passa para esse patamar da violência física...”</p> <p>“...quer seja da forma verbal...”</p> <p>“...notamos quem é os líderes vê-se mesmo pela maneira de falar...”</p> <p>“...sempre prontos para o despique...”</p> <p>“...procontra argumentar...”</p> <p>“...uma contra resposta...”</p> <p>“... tratando mal as pessoas às vezes até mesmo quando precisam de um favor...”</p> <p>“... tom de voz é arrogante...”</p> <p>“...voltamos outra vez à palavra despique...”</p> <p>“No concreto muita violência verbal...”</p> <p>“... chamar nomes...”</p> <p>“... deitar abaixo essencialmente começa sempre por ai...”</p>	12	6,6%
	Relação de Domínio	<p>“... é uma relação de dominação...”</p> <p>... a dominação existe e exerce-se sempre pela violência, que nem sempre é física...</p>	7	4%

		<p>... é sempre um comportamento de tentar dominar o outro...</p> <p>... também entre os diversos grupos, há sempre algum que é dominante...</p> <p>"...como uma forma de exercer o poder..."</p> <p>"...uma baixa auto-estima... que tem, através da violência sobressair no grupo e exercer pressão..."</p>		
	Violência psicológica	<p>"...seja da forma psicológica..."</p> <p>"A violência que mais se evidencia, é a psicológica."</p> <p>"... a psicológica, a mais escondida."</p> <p>"... pode ser a violência pela intimidação..."</p> <p>"...mas também funcionam muito na base da intimidação..."</p>	20	11%
	Bullying	<p>... já houve contactos com alguns jovens do bairro quer como vítima, quer como o agressor no bullying..."</p> <p>"... comportamentos mais inocentes que começam por exemplo com o bullying..."</p> <p>"...abusar...psicológico."</p>	3	1,6%
	Violência entre gangs	<p>"...rivalidades de <i>Gangs</i> inclusive com <i>Gangs</i> fora do bairro nomeadamente Chelas..."</p> <p>"...que se envolvem em rivalidades de <i>Gangs</i>..."</p> <p>"... eles fazem parte de grupos diferentes"</p> <p>"...através da violência sobressair no grupo e exercer pressão..."</p> <p>"...grupos maiores, maiores idades que se envolvem em rivalidades..."</p>	5	2,7%
	Vandalismo	<p>"...há ali 3 ou 4 carros partem-lhe os vidros..."</p> <p>"... carros por vingança, são riscados..."</p>	2	1,09%

	Conflitos, desrespeito	<p>“... acabam por entrar em conflito com facilidade...”</p> <p>“... esses conflitos são por isso porque eles entram tarde...”</p> <p>“...chegam à porta põem o carro acelerado para o outro vir cá embora e então começam os conflitos.”</p> <p>“... por qualquer negócio que correu mal ou porque um serviu-se e não pagou...”</p> <p>“...não se ouvem nem comunicam, “</p> <p>“... para eles não há horas de silêncio...”</p> <p>“... nota-se muito o medo de...”</p> <p>“...isto é também uma questão de medo.”</p>	41	22,4%
	Abuso sexual	“...abusar desde o sexual ao ...”	4	2,18%
	Criminalidade	<p>”... questões por exemplo dos furtos e dos roubos...”</p> <p>“... normalmente os roubos são praticados por jovens por estas idades mais para os 18 a 24 anos...”</p> <p>“...os autores...furtos...faixa etária 18 aos 24...”</p> <p>“...não são o tipo de pessoas que assaltam os daqui...”</p> <p>“...são apontáveis como ilícitos...”</p>	27	14,7%
	Violência doméstica	<p>“...há mais violência doméstica entre os maridos, do que há entre os jovens.”</p> <p>“...situações de violência vividas na infância, têm tendência a repetir um padrão.”</p>	8	4,37%
	Cosumos e comércio de drogas	“...droga estupefacientes...”	2	1,09%
Identificar as razões de base dos	Ausência de valores e princípios	“... a falta de princípios que são pilares da educação destes jovens. “	11	7%

comportamentos de violência	morais	<p>“Na falta dos princípios ahhh, aliados ao confrontarem com uma mistura de etnias do próprio bairro...”</p> <p>“... o telemóvel de ultimo grito que aquele senhor tem há-de ser meu...”</p> <p>“... ao fim de 7 ou 8 anos, já se encara o roubo como uma normalidade...”</p> <p>“...roubamos mais uma...”</p>		
	Revolta e frustração	<p>“... mas acho que é também um bocadinho a revolta...”</p> <p>“... também por as vezes querer coisas que não se tem, que também geram violência...”</p> <p>“... ambições...”</p> <p>“... um bocadinho de inveja...”</p> <p>“... como não querem ser a vitima acabam por se tornarem os agressores...”</p> <p>“... pensam que a forma que têm de se defenderem, é única e exclusivamente a violência física...”</p>	14	8,9%
	Prevalência de grupos/gangs	<p>“...é mais fácil sobreviver-se aqui quando se faz parte de um grupo...”</p> <p>“... há sempre um líder e há a tentativa de que a normalidade é pertencer ao grupo...”</p> <p>“... pertencer ao grupo daquele que é o líder que foge à policia que é preso depois já está solto, esta é normalidade.”</p> <p>“Portanto pertencer aquele grupo podemos fazer tudo o que quisermos...”</p> <p>“... em grupo é tudo muito mais fácil obter-se o que quer que seja.”</p> <p>“... os grupos Implica, implica área geográfica, ali a padre Joaquim Alves</p>	11	7%

		<p>correia, é no meu entender a fronteira...”</p> <p>“... também a questão de ser aceite pelos grupos que também são um bocado violentos...”</p>		
	Comportamentos anti-sociais Geracionais	<p>“... comportamentos antinaturais que aqui temos vêm de trinta quarenta anos atrás através das suas gerações.”</p> <p>“... o que presenciaram na infância...”</p> <p>“... a delinquência e a marginalidade...”</p> <p>“... a própria criminalidade.”</p> <p>“... vamos assaltar, roubamos mais uma...”</p> <p>“... na comunidade porque muitas vezes vêm os mais velhos (praticar violência) que são de alguma forma líderes...”</p> <p>“... como o comportamento de violência é visto como um comportamento positivo, eles acabam por repetir os mesmos comportamentos.”</p>	40	25,3%
	Etnias e culturas	<p>“... essencialmente, começa pela mistura que, que há de culturas.”</p> <p>“Esta mistura leva logo a criar conflitos e rivalidades...”</p> <p>“... não...verem o outro como um igual...”</p> <p>“...alguém que não faz parte do grupo dai que dentro do bairro passa a haver sob grupos que leva muitas vezes a conflitos...”</p>	9	5,7%
	A desestruturação familiar	<p>“... a desestruturação familiar...”</p> <p>“...o pai chegar bêbado a casa...”</p> <p>“... o exemplo do que se tem em casa...”</p> <p>“... eles não têm exemplos...”</p>	60	38%

		<p>“... não há nada como exemplo.”</p> <p>“...é o vivenciar em casa situações violentas...”</p> <p>“...portanto se eles têm um mau modelo...”</p> <p>“... em casa, pai bate na mãe...”</p> <p>“... levarem tarefa do marido é normal...”</p> <p>“...as famílias, a ausência total das mesmas.”</p>		
	Consumo de substâncias	<p>“... com certeza consumos de substâncias...”</p> <p>“... um jovem que consome fica mais solto, fica mais solto...”</p> <p>“... um jovem que consome o sentido de onipotência é aumentado e portanto sentem-se mais confiantes para exercerem pressão e violência sobre o outro.”</p>	7	4,4%
	Exclusão social <i>Falta de horizontes</i>	<p>“... a outra razão que eu penso, é o facto, de eles, de também eles viverem muito fechados dentro do próprio bairro...”</p> <p>“... e não terem outras vivências para além destas.”</p> <p>“... não conhecem outro tipo de comportamentos...”</p>	6	3,8%
Caracterizar as possíveis propostas apontadas pelos inquiridos como respostas de resolução aos problemas da violência	Promover uma relação de confiança	<p>“... as propostas deveriam ser por uma abordagem muito mais directa criada por uma relação de confiança...”</p> <p>“... ganhando a confiança deles para depois se conseguir, acho que é por aí.”</p> <p>“Eu acho que constrói-se individualmente...”</p> <p>“... que eles entrem o mais possível na biblioteca...”</p> <p>“... que quando entram se sintam o mais possível integrados no espaço...”</p>	70	24%
	Promover o diálogo	<p>“... também não sei qual é a receita, mas sei que é ir</p>	22	7,6%

		tentando e falando com eles... " ... momentos de amizade e que permite que eles se conheçam melhor uns aos outros..."		
	Intervenção precoce com as famílias	"poderá chamar-se a intervenção precoce ...para diminuir estes comportamentos." "...o reeducar as famílias..." "... intervir com programas de dotar as crianças com competências, <i>skills</i> sociais que podem utilizar mais tarde para que haja alteração nos padrões de comportamento..." "...as vezes até não é não terem possibilidades financeiras mas com más escolhas que as famílias fazem..." "...com a negligência de que estes jovens são vítimas..." "...explicar-lhes o que é a economia doméstica..."	30	10,3%
	Promover a integração social – <i>abrir os horizontes</i>	"... e também alargar os seus horizontes para fora do bairro para que possam ter outras vivências..." "... contacto com outras realidades..." "...possibilidade de escolha..." "... uma coisa com que estes jovens se debatem muito, em que, as escolhas são muito limitadas e portanto faz-se más escolhas. " "...uma profissão, para que possam recorrer ao mercado de trabalho e a partir desse pequeno ingresso que eles tenham, as coisas melhorem..."	30	10,3%
	Apoio às necessidades	"...porque vimos propostas que são totalmente	20	7%

	básicas	<p>descabidas à sua realidade...”</p> <p>“... passa por chegarmos primeiro a eles, às suas necessidades, ao que eles têm falta e ao que eles gostam...”</p> <p>“... porque só o que eles gostam não é o que eles têm falta também porque não se pode ensinar ou querer mudar comportamentos, quando uma pessoa está de barriga vazia porque a cabeça não está nem aí, e há muitas barrigas vazias.”</p> <p>“Há pessoas que não têm comida em casa e as vezes até não é não terem possibilidades financeiras mas com más escolhas que as famílias fazem...”</p> <p>“... se há falta de afectos, de alimentação, de roupas, que é uma coisa infelizmente é real que os jovens ligam muito ao que vestem às marcas e tudo mais se falta todas essas coisas, nós não podemos chegar lá e começarmos a falar de economia doméstica e tudo mais quando eles não sabem o que é nem têm em casa nem nada. “</p> <p>“Portanto, não é possível melhorarmos comportamentos, sem em primeiro lugar ligarmos às necessidades e aos gostos que as pessoas têm. “</p>		
	Promover a autonomia e a Responsabilidad e	<p>“dar alguma autonomia e responsabilidade...”</p> <p>“... a procurarem ajuda para eles próprios em termos psicológicos...”</p> <p>“...de maneira a que tenham depois as soluções para lidarem com as dificuldades do mundo lá</p>	29	10%

		fora...” “...pô-los a pensar, para que encontrem outras soluções.”		
	Promover autoconfiança e auto estima	“...actividades que desenvolvem, procuram desenvolver essa confiança...” “...conhecerem casos de sucesso, de pessoas, de pares, de pares, pessoas como eles que tiveram os mesmos problemas como eles e que hoje estão noutra lugar...” “...para que eles se sintam mais capazes para lidarem com o mundo lá fora.”	11	3,8%
	Desenvolver competências sociais	“... dotar as pessoas de informações e conhecimentos práticos, como cuidar de uma criança ...” “... um grupo de trabalho daqueles que estão a partir dos 12 até 17, 18...” “...eles tenham um papel muito activo, nas actividades...” “...envolvê-los na construção da actividade.” “... depois a parte da capacitação a parte de eles se sentirem capazes...” “...trabalhávamos algumas competências..” “...actividades que visassem tanto a capacitação...” “capacitação que lhes permite saber que são capazes de resolver os problemas deles sem terem que recorrer à violência. “	48	16,5%
	Promover a cidadania	“...as questões de cidadania e tinha como base muitas actividades...”“... perceberem as diferenças...”	30	10,3%

		<p>“... e ao aceitar essas diferenças...”</p> <p>“...transformem num jovem melhor e num futuro cidadão...”</p> <p>“... portanto isso é educação para a cidadania que é uma questão que está a ser muita vivenciada entre todas as instituições com crianças e até mesmo a nível de outras instâncias superiores. “</p> <p>“... no sentido de reforçar essencialmente aquilo que faltou na própria família...”</p> <p>“... trabalhar os princípios e os valores éticos e os morais...”</p>		
--	--	---	--	--

Após análise das entrevistas feitas aos técnicos das instituições, podemos concluir que 54% dos entrevistados relativamente aos relacionamentos entre os moradores em geral responderam que são tensos, 18,7% conflituosos, 10% atribuem-lhes uma comunicação deficiente. Quanto aos comportamentos de violência juvenil 28,42% são de violência física, 14,7% criminalidade, 22,4% conflitos/desrespeito, 11% de violência psicológica, 6,6% violência verbal. Relativamente às causas dos comportamentos de violência apontadas pelos entrevistados 38% atribui as causas à desestruturação familiar, 25,3% aos comportamentos anti-sociais geracionais, 8,9% revolta, 7% à falta de princípios e valores e 7% à prevalência de gangs. Como soluções aos problemas da violência, 24% dos entrevistados referem a construção de uma relação de confiança, 16,5% o desenvolvimento de competências sociais, 10,3% intervenção precoce com as famílias, 10,3% a integração social/abrir horizontes, 10% promover a autonomia e responsabilidade, 10% promover a cidadania, 7,6% promover o diálogo, 7% apoio às necessidades básicas.

Análise das Entrevistas aos Jovens

categorias	Componentes	Exemplos	Frequências	Resultados
Caracterizar as relações entre os moradores dos bairros da Quinta das Laranjeiras e Casal dos Machados	Conflito	As relações entre os jovens do bairro são más...” “Há sempre confusões entre eles...” “... gera-se ai uma grande confusão já com famílias metidas gera muita confusão nos bairros e policia e...” “... há muita confusão ...muito tiroteio...” “...polícia ... barulho e nós começávamos a discutir...” “...porcarias deles, discussões isso tudo... 2... tento acalmar para não gerar ali uma confusão...”	74	87%
	Bons	“- Alguns são bons...”	3	3,5%
	Normais	“... sei lá acho que é normal, é normal...” “... têm os seus bons e maus dias...”	2	2,3%
	De medo	“Têm medo.” “...quando tenho medo eu fujo...” “... alguns dos moradores ...deixam eles fazerem o que querem.”	6	7%
Caracterizar os comportamentos de violência juvenil	Agressão física	“É andarem todos à porrada, matarem-se.” “Aqui já houve facadas, violência com paus. “...então mandei-lhes uma chapada...” “...começarem aos socos e pontapés, é capaz de cuspir na cara ao outro...” “violência é quando gera-se confusões, há murros, há logo chapadas, tiros e isso para mim é uma violência...” “Sei lá eu descreveria a violência pela luta porque há lutas entre os jovens...” “...de eu ser gordo tu seres magro, não deveríamos de lutar ...”	144	61,8%
	Agressão verbal	“...chamar nomes prontes.” “...Quando insultam a minha mãe ...” “Quando agredem a minha	61	26%

		família...” “A falta de respeito como chamar nomes à família ou falarem de alguém que já morreu, é falta de respeito.”		
	Ameaças, intimidação	“...ameaça-nos que nos dá uma facada...” “... Usam palavras fortes, palavras fortes para intimidarem a pessoa...”	5	2,1%
	Abuso	“...começam a abusar uns dos outros, tirar coisas uns aos outros...” “...não deixo ninguém abusar de mim ...”	8	3,4%
	Abuso sexual	“Violar, violar, violar, violar, violar as raparigas por exemplo...”	1	0,42%
	Roubar	“Agredir alguém, tirar algo de alguém que não lhe pertence para ficar com isso.”	11	4,7%
	Violência doméstica	“...e domestica e quando batem em mulheres e isso e pronto e homens, isso para mim é uma violência...”	3	1,3%
Identificar as razões de base dos comportamentos de violência	Domínio do bairro pelos adultos	“uma das razões neste bairro é que os adultos já tomaram o domínio sobre este bairro e os mais novos tentam tomar esse domínio...”	9	21%
	Comércio de drogas	“As vezes entre os mais velhos são tráfico de drogas...” “Os rapazes que vendem a droga aqui neste bairro, quase todos, até os miúdos, entre os 12 e 15 anos começam a ter os gestos de violência...” “Às vezes, às vezes são negócios deles e às vezes são prontes coisas que eles fazem prontes...” “...os mais velhos...não...querem que o negócio estrague este bairro...”	6	14%
	Grupos promotores da violência	“Não há razões. É os grupos.” “...Um lidera um grupo, outro lidera outro grupo para querem mandar no bairro, para terem o seu terreno, juntam-se e andam todos à	18	42%

		<p>porrada.”</p> <p>“Há alguns grupos, mas já não andam tantas vezes à porrada, andam mas já não andam tanto como andavam.”</p> <p>“Andam à porrada porque uns querem estar num lado, os outros estão e eles não podem estar.”</p> <p>“Um líder de uma área geográfica não pode ir para a área de outro.”</p>		
	Falta de diálogo	“...só que os mais novos não gostam em vez de tentarem conversar, vão usar a violência...”	3	7%
	Dividas	“...dividas entre os mais novos são dividas também...”	2	4,6%
	O exemplo dos jovens mais velhos	“Sei lá, acho que é o facto de eles verem os mais velhos praticarem isso e eles que isso é uma coisa normal que faça que eles acham bem fazer, eles repetem a mesma coisa...”	5	11,6%
Que tipo de soluções tu propões, que possam ajudar a resolver estes problemas?	Mais policiamento	<p>“Mais policia, mais policia...”</p> <p>“...confusão já com famílias metidas e isso depois gera muita confusão nos bairros e policia e...”</p> <p>“...havia muito tiroteio, estava aí sempre a policia havia so confusão....”</p> <p>“...Dantes chamavam mais a polícia...”</p>	8	9,5%
	Promover o diálogo	<p>“...mais espaços onde os mais novos possam conversar...”</p> <p>“...quero evitar confusão e a pessoa não faz nada por causa disso e também não há espaço para o diálogo. ...”</p> <p>“ Mudar a forma de eles fazerem as coisas deviam falar em vez de partirem para a violência e serem todos amigos.”</p> <p>“Era juntar estes dois grupos, como já disse falar...”</p>	48	57%
	Colégios de correcção	“Tirar certas pessoas deste bairro e coloca-las em colégios de correcção...”	2	2,3%

		“...para um lugar onde estejam controlados...”		
	Prisão	“...os mais velhos, aqueles que fazem mesmo confusão...irem para uma prisão ou para um lugar onde estejam controlados.” “...Este bairro melhorou porque algumas pessoas foram-se embora, outras foram presas ...”	6	7,1%
	Promover a interacção	“...fazer actividades todos juntos.” “...como se fosse um jogo, porque eles, os mais novos levam tudo à base de jogos porque se uma coisa ficar aborrecida, não tem interesse...”	2	2,3%
	Evitar a violência	“...ou então se não tiver pais evito...” “...quando houvesse umas asneirazitas tentava reagir pacificamente...” “...tentar levar aquilo numa brincadeira, às vezes tentar não...” “...quando um insulta, não tentar picar...” “...não tentar pronto reagir mal...” “...quando já for com adultos, tentar reagir mesmo que seja corajoso de ir bater tentar reagir dizer qualquer coisa “calma amigo” ...” “...não levar tão a sério para não meter policia no meio...” “...ou então se não tiver pais evito...” “...tento evitar sei lá vou-me embora se essa pessoa estiver lá, vou para outro sitio evito essa pessoa...”	17	20,2%
	Combater o racismo e xenofobia	“...de eu ser preto tu seres cigano, não devíamos de lutar...”	1	1,1%

De acordo com estes resultados os jovens descrevem quanto aos relacionamentos entre a população em geral, 87% que são relacionamentos de conflito, 7% caracterizam-nos de

relacionamentos de medo. Relativamente aos comportamentos de violência juvenil, 61% dos jovens caracterizam-nos de agressão física, 26% de agressão verbal e 4,7% roubo. Questionados quanto às causas dos comportamentos de violência 42% apontam os grupos promotores de violência como principal causa, 21% o domínio do bairro pelos jovens adultos, 14% comércio de drogas, 11,6% o exemplo dos jovens mais velhos e ainda 7% a falta de diálogo. Como propostas de solução para os problemas da violência juvenil, 57% referem promover o diálogo, 20% evitar a violência, 9,5% mais policiamento e 7,1% prisão.

6. Quadro Comparativo das Entrevistas aos Jovens e Instituições

Quadro comparativo				
Questões		Jovens	Instituições	Prevalência
Relacionamento entre os moradores	Relacionamentos tensos		54%	Relacionamentos de conflito.
	Relacionamentos de medo	7%		
	Relacionamentos de conflito	87%	18,7%	
	Comunicação deficiente		10%	
Comportamentos juvenis de violência	Violência física	61%	28.42%	Prevalência de comportamentos de violência com maior incidência na violência física e com alguma expressão de criminalidade.
	Conflitos/ Desrespeito		22,4%	
	Violência psicológica/verbal	26%	17,6%	
	Criminalidade	4,7%	14,7%	
Causas dos comportamentos de violência	Desestruturação familiar		38%	Uma forte incidência na desestruturação e educação familiar por um lado e por outro a prevalência de grupos promotores da violência e ainda a preponderância de jovens mais velhos sobre os mais jovens no controle do bairro e comércio de drogas.
	Comportamentos anti-sociais geracionais		25,3%	
	Revolta		8,9%	
	Falta de princípios e valores		7%	
	Prevalência de gangs		7%	
	Os grupos promotores de violência como principal causam	42%		
	O domínio do bairro pelos jovens adultos	21%		
	Comércio de drogas	14%		
	O exemplo dos jovens mais velhos	11,6%		
	A falta de diálogo	7%		
Propostas de solução para os problemas da violência	Construção de uma relação de confiança		24%	Promoção do diálogo, construção de uma relação de confiança, desenvolvimento
	Desenvolvimento de competências sociais		16,5%	

	Intervenção precoce com as famílias		10,3%	de competências sociais, intervenção precoce junto das famílias, integração social, autonomia e responsabilidade e ainda a promoção dos valores para a cidadania.
	Integração social/abrir horizontes		10,3%	
	Promover a autonomia e responsabilidade		10%	
	Promover a cidadania		10%	
	Promover o diálogo	57%	7,6%	
	Apoio às necessidades básicas		7%	
	Evitar a violência	20%		
	Mais policiamento	9,5%		
	Prisão	7,1%		

O DESAFIO JOVEM (Teen Challenge) PORTUGAL é uma Associação sem fins lucrativos registada definitivamente sob o nº 14/90 como Instituição com Fins de Saúde e reconhecida oficialmente pelo Instituto da Droga e da Toxicodependência, Ministério da Saúde, Ministério do Trabalho, com sede em Fanhões, Concelho de Loures.

A sua actividade consiste, em linhas gerais, na recuperação e reinserção social de toxicodependentes e alcoólicos, bem assim como na prevenção das toxicodependências.

Com mais de trinta anos de actividade, esta Associação vem subsistindo financeiramente através de donativos de particulares, quotizações de sócios e apoios estatais, para fazer face a todas as despesas inerentes ao seu cabal funcionamento. Contudo, e apesar das grandes dificuldades financeiras com que se debate qualquer instituição desta natureza, o seu sucesso tem sido continuamente comprovado pelo elevado número de indivíduos recuperados e reinseridos na sociedade como cidadãos activos, o que tem constituído não só motivo de justificado orgulho, mas também factor de incentivo à continuação da prossecução dos seus objectivos humanitários.

Desenvolvendo diversificadas actividades ao nível da Prevenção, Tratamento e Reinserção de indivíduos com dependências é de salientar que actualmente o Desafio Jovem conta com quatro Comunidades Terapêuticas, uma mista (em Cucujães/ Aveiro), em Castanheira do Ribatejo, e Alter do Chão para indivíduos de sexo masculino, e uma Comunidade de Inserção situada em Fanhões e ainda com dois Apartamentos Terapêuticos (em Santo António dos Cavaleiros). De referir ainda que temos Centros de Atendimento e Pontos de Contacto a funcionar em diversas localidades de todo o país e Regiões Autónomas e Equipas de Rua que funcionam de Terça a Sábado dando apoio a Toxicodependentes e sem abrigo das cidades de Lisboa e Setúbal.



Projecto + VIDA

Ao encontro de quem precisa!

A recuperação e reinserção social de jovens de rua e toxicodependentes sem recurso a drogas de substituição através da educação social.

Apoio social, psicológico e espiritual a famílias carenciadas.

Descrição:

Associação Vida Abundante - (AVA) uma Instituição Particular de Solidariedade Social de Utilidade Pública, constituída a 17 de Janeiro de 1990 por escritura, publicada no Diário da Republica em 20 de Março do mesmo ano, sedeadada em Moscavide, tem vindo a operar na Zona Oriental de Lisboa sobretudo na área da Infância e Terceira Idade através de dois infantários, um centro de dia e apoio domiciliário. É promotora do Projeto +Vida em parceria com o Centro Cristão Vida Abundante e o Desafio Jovem, no âmbito da sua missão de desenvolvimento de actividades de carácter social, cultural e de beneficência.

O Projecto +Vida tem vindo a desenvolver um trabalho sistemático de apoio aos sem-abrigo, toxicodependentes e alcoólicos e seus familiares durante os últimos 4 anos. Para o efeito dispõe de um posto de atendimento ambulatório na R. Padre Joaquim Alves Correia, lote 22, onde disponibiliza aconselhamento, banhos, roupa e alimentos. Duas equipas de rua e uma equipa residente constituída de voluntários, operam na Zona Oriental e no Centro de Lisboa, apostando na relação e na motivação para um percurso de vida alternativo. Nesse sentido dispõe de um apartamento de reinserção, sito também no lote 22 (3ºB) onde acolhe os utentes que tendo terminado um programa de recuperação em comunidade terapêutica precisa de apoio na reinserção na vida activa.

A necessidade de prevenção da delinquência e marginalidade identificada e facilitada pela ociosidade dos adolescentes/jovens, levou à criação de um programa a eles direccionado, em implementação desde Janeiro de 2010 no Casal dos Machados, Rua Padre Abel Varzim, nº7/Largo Calderon Diniz, nº 1, que aposta na formação para os valores e na educação para um estilo de vida autónomo e saudável. Desde Janeiro 2011 este programa inclui cursos de formação dirigidos à população em geral, dado o reconhecimento da necessidade de apoio às famílias: Alfabetização, Informática, Inglês, Gestão Doméstica e Cessação Tabágica.

No âmbito da necessidade de intervenção na família criou em 2009 o Gabinete de Apoio à Família onde disponibiliza apoio psicológico, ludoterapia, formação parental, e ajuda na procura activa de emprego.

No âmbito do combate à pobreza tem vindo a desenvolver um Banco Social que recolhe bens essenciais e os redistribui.

Valências e Objectivos

1. +VIDA RI – Recuperação e Inserção

Equipas de Rua –

- Distribuição de alimentos e agasalhos a sem-abrigo,
- Sinalização de toxicodependentes e alcoólicos para acompanhamento no Café Convívio.
- Motivação para a mudança.

Café Convívio –

- Apresentação de uma forma de vida saudável, livre de adições.
- Aconselhamento motivacional e espiritual.
- Acompanhamento para a entrada em Comunidade Terapêutica.

Programa de Reinserção –

- Residência de transição após alta da Comunidade Terapêutica
- Acompanhamento no regresso à vida activa
- Acompanhamento na reinserção familiar

2. + Vida LM / ABS+VIDA (Jovens)

Programa psico-socio-educativo para jovens em risco para a prevenção da delinquência e marginalidade.

- Promoção de hábitos de vida saudáveis
- Prevenção e diminuição de comportamentos delinquentes
- Promoção do desenvolvimento de competências pessoais e sociais
- Motivar ao estudo e integração no mercado de trabalho
- Formação para o desenvolvimento de competências parentais.

3. +Vida BS – (Banco Social)

No âmbito do combate á pobreza o Banco Social recolhe e distribui bens essenciais numa filosofia de ser ponte entre quem tem e quem precisa.

- Intervenção de crise em apoio alimentar a famílias carenciadas
- Formação para a optimização da Gestão Doméstica
- Recolha e distribuição de bens alimentares e outros bens essenciais
- Recrutamento de voluntários

4. +VIDA GAF (Gabinete de Apoio à Família)

Uma resposta integrada para a necessidade de ajuda pessoal e familiar no desenvolvimento de competências relacionais, crescimento pessoal e autonomia. Através de:

- Facilitação de Grupos de Desenvolvimento Pessoal
- Facilitação de Grupos de Desenvolvimento Conjugal
- Ajuda na procura activa de emprego
- Aconselhamento psicológico
- Aconselhamento jurídico
- Coaching pessoal
- Ludoterapia
- Formação parental

A ALFALIT INTERNACIONAL

1. O que é a Alfalit?

A Alfalit Internacional é uma organização sem fins lucrativos que desde 1961 já alfabetizou mais de 6 milhões de pessoas só na América Latina e serve vários países com o seu Programa de Alfabetização de Adultos, Educação Básica, Nutrição e Desenvolvimento Comunitário.

2. Breve História

1943 – Eulalia Cook, missionária cristã em Cuba, conheceu o Dr. Frank Laubach e iniciaram campanhas de literacia baseadas no método do Dr. Laubach.

1959 – Eulalia Cook, Justo Gonzalez e a Dra. Luisa Gonzalez prepararam materiais complementares de leitura e conseguiram publicar e distribuir 250 mil livros em Cuba.

1961 - Eulalia Cook e o casal Gonzalez fundaram a Alfalit na Costa Rica. Através de cursos de treinamento, de todo o material que dispunham e da ajuda preciosa de voluntários dedicados, a Alfalit disseminou-se por toda a América Latina.

1975 – Os fundadores da Alfalit estabeleceram a sede da ALFALIT INTERNATIONAL, INC., em Miami, na Florida, para coordenar o trabalho da Alfalit por todo o mundo, assegurando assistência financeira e técnica às suas filiais. Justo Gonzalez tornou-se no primeiro Presidente e Roberto Perez tornou-se no seu primeiro Director Executivo.

A história da Alfalit é marcada pelo trabalho social voluntário cristão. Desde a elaboração do método em 1928 à criação da Alfalit em 1961, calcula-se que

mais de 100 milhões de pessoas tenham sido beneficiadas através do trabalho de milhares de voluntários que se disponibilizaram a realizar uma obra social sem receber nenhuma remuneração.

3. Reconhecimento Internacional

A metodologia e o material educacional da Alfalit já foram reconhecidos duas vezes pela UNESCO, em 1983 e 1992.

O 1º Prémio da Alfabetização Mundial foi entregue à Alfalit do Perú em 1983 e em 1992 a Alfasic da Guatemala recebeu um reconhecimento especial da UNESCO em Sevilha, Espanha.

Em 1991, o Director da Unesco para a América Latina e Caraíbas honrou a Alfalit Internacional e as suas associadas, ao dizer que “os programas de alfabetização e educação básica eram dos mais completos e efectivos, devido à sua metodologia, qualidade dos seus textos e à riqueza da literatura complementar acerca da nutrição, saúde e desenvolvimento comunitário.”

A ALFALIT PORTUGAL

Com o objectivo de servir Portugal e os países africanos de expressão portuguesa, onde existem cerca de 25 milhões de analfabetos, foi fundada em 1998 a Alfalit Portuguesa.

A Alfalit Portugal tem-se comprometido em servir os outros e a assegurar-se de que os programas satisfazem as necessidades específicas de cada população, considerando a melhor forma de alcançar o alvo.

Actualmente já existem estruturas nacionais estabelecidas em Angola e Moçambique.

1. A ALFALIT PORTUGAL – Plano de Acção

1.1. OBJECTIVOS

1.1.1. Objectivos Gerais

- Contextualizar a educação de adultos no âmbito da aprendizagem ao longo da vida.
- Compreender os processos de aprendizagem do adulto numa perspectiva sistémica de formação da Pessoa.
- Relacionar os processos de formação do adulto com o desenvolvimento de conhecimentos e de competências transversais em todos os contextos de vida, pessoal, social e profissional possibilitando a inclusão social.
- Reconhecer o papel central do adulto aprendiz no seu processo de educação e de formação desenvolvendo a capacidade de avaliar criticamente os acontecimentos, ou até mesmo interferir neles.

1.1.2. Objectivos Específicos

- Desenvolver actividades e acções que promovam a aprendizagem da leitura e da escrita;
- Incentivar atitudes que promovam uma cidadania democrática nomeadamente na área da educação ambiental e na educação para a saúde;
- Dotar a população com as competências no domínio das tecnologias de informação e comunicação necessárias para participarem activamente na sociedade actual;

- Incentivar a aprendizagem do inglês como ferramenta fundamental numa sociedade moderna;
- Promover percursos educativos para a formação na gestão doméstica;

Exmo/a Sr./Sra. Encarregado de Educação, venho por este meio solicitar a sua autorização para que o seu educando participe num estudo de investigação respondendo a uma entrevista, cujo objetivo é recolher informação acerca das causas conducentes aos comportamentos de violência e sondar a opinião dos jovens sobre possíveis soluções.

No âmbito de um processo de investigação é garantida a confidencialidade dos resultados, visto que estes apenas se destinam a fins de tratamento estatístico. A entrevista será realizada nas instalações do Projeto +VIDA, no Casal dos Machados.

Agradeço a sua colaboração na realização deste trabalho, que se destina à elaboração da minha tese de Mestrado em Ciências da Educação, na área de Especialização em Formação de Adultos, do Instituto de Educação da Universidade de Lisboa.

O Mestrando,

Manuel Ferreira

Eu, _____ Encarregado da Educação de
_____ autorizo o meu educando a participar neste trabalho.

Assinatura _____

Manuel dos Santos Ferreira
Rua do Ciclo Preparatório, 179
2870-081 Montijo
E-mail: manuel.ccva@gmail.com

Excelentíssimo Sr João Cardoso,

Venho por este meio solicitar a colaboração para uma investigação académica no âmbito do Curso de Mestrado em Ciências da Educação, na vertente de Formação de Adultos e subsequente projeto de intervenção a implementar no Bairro Casal dos Machados.

O projeto visa combater os comportamentos de violência e marginalidade de jovens dos bairros de habitação social de Quinta das Laranjeiras e Casal dos Machados, em Lisboa, pela promoção de competências de negociação, e destina-se a jovens entre os 12 e os 24 anos de idade.

O estudo prevê ainda a realização de grupos de desenvolvimento pessoal ao longo de 20 sessões que serão realizadas semanalmente, com a duração de uma hora. Os constituintes dos grupos terão a oportunidade de trabalhar o seu próprio desenvolvimento num ambiente de confiança e liberdade, com a facilitação de dois técnicos de área de psicologia.

O Plano de Atividades compreenderá o período de doze meses e incluirá formação direcionada às necessidades identificadas pelo diagnóstico a realizar.

O aluno do Mestrado em Ciência da Educação da área de Especialização em Formação de Adultos do instituto de Educação da Universidade de Lisboa.

Manuel dos Santos Ferreira

12 de Janeiro de 2011